

N.º 1

DEZEMBRO

1880

---

REVISTA  
SCIENTIFICA E LITTERARIA

---

DIRECTORES

Antonio Feijó e Luiz de Magalhães

COLLABORADORES

Dr. Emygdio Garcia, Dr. Corrêa Barata,  
Aristides da Motta, A. Feijó, J. Botelho Riley, Leopoldo Mourão, Luiz de Magalhães,  
Luiz Woodhouse, Carlos Lobo d'Avila, João Pinto dos Santos,  
A. Henriques da Silva, Manuel da Silva Gayo, Luiz Osorio,  
A. Rodrigues Braga, Eduardo de Araujo,  
etc., etc., etc.

---

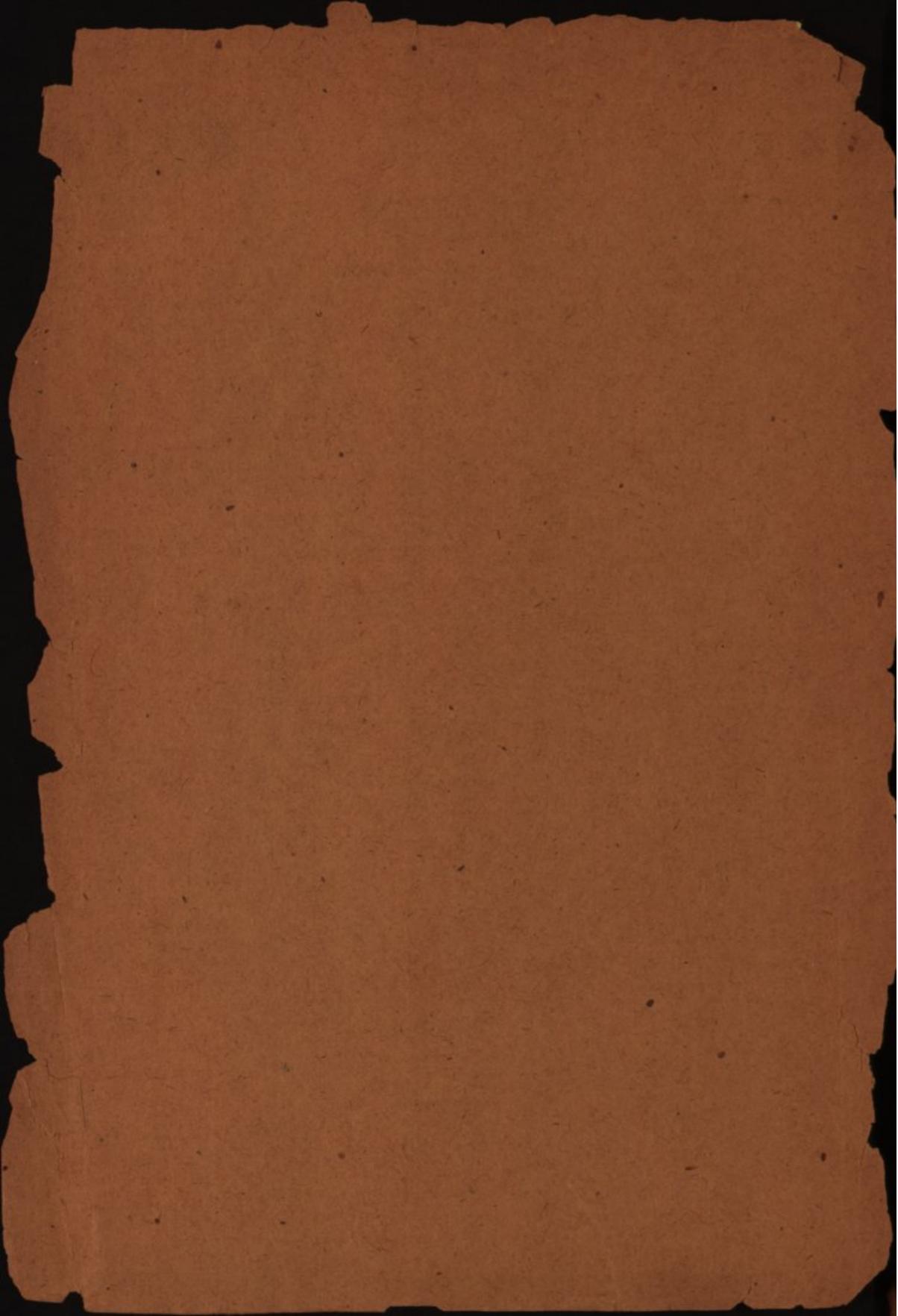
Redacção e administração—Rua da Trindade, 44—COIMBRA



---

COIMBRA  
IMPRESA ACADEMICA

9  
(3)  
20  
9



# REVISTA SCIENTIFICA E LITTERARIA

N.º 1

DEZEMBRO

1880

## INTRODUÇÃO

Nesta zona assentam cidades das mais nobres na historia da moderna Hespanha: . . . . e afinal Coimbra, o centro da vida intellectual portugueza.

OLIVEIRA MARTINS. *Hist. da Civilisação Iberica.*

A mais poderosa causa do estacionamento das civilisações e da morte das nacionalidades é — como a historia nol-o demonstra — a falta de actividade mental. Toda a prosperidade politica, economica, moral ou civil de um povo está na razão directa do seu avanço scientifico e litterario. Em quanto uma nação sentir vigoroso o poder da intelligencia collectiva, essa nação não morre; mas, se uma causa qualquer lhe atrophiar a força impellente e directora das grandes ideias, não tardará muito que o seu nome seja uma simples recordação na historia, e que a sua tradição seja tudo quanto nos reste d'essa vida social, que passou.

Portugal apresenta este morbido symptoma, triste e desolador. Sem o estimulo superior de uma mentalidade com disciplina e ideal, a sociedade portugueza tem gradualmente decahido, nestes ultimos tres seculos, do apogeu de uma das mais brilhantes hegemonias da historia até á estagnação absoluta dos sentimentos sociaes, que caracteriza a nossa época. É o que mais assusta nesta decadencia desgraçada é a sua lentidão, o seu vagar graduado, o seu movimento evolutivo, que parece confirmal-a irrevogavelmente.

Renascere-mos?

Extinguir-nos-hemos, mais ou menos proximamente, pela debilidadade da nossa organização?

Eis o problema fatal que é preciso resolver.

Com tudo, uma ideia pôde salvar-nos, um pensamento pôde abrir futuros bem largos a este povo, que na actualidade só vive do passado — imponente como as sombras, mas vão como ellas.

Preoccupar-nos com o grande movimento social, que em volta do



nós se opéra; adquirir a consciencia nitida do que somos, do que valemos e do que podemos valer, economica e politicamente; levantar as almas abatidas pela insufflação de uma ideia nobre; desbestialisar o povo cretinizado por uma politica exploradora e por uma cathechese religiosa, grosseiramente material e fetichista:—eis algumas das resoluções heroicas, que, uma vez tomadas, poderão dar como alavancas energicas o primeiro impulso ao movimento que é preciso, que é indispensavel suscitar no nosso paiz.

E este trabalho rude, mas glorioso, compete aos novos, á mocidade, a todos aquelles que o acaso do nascimento fez homens do futuro, contemporaneos da profunda renovação mental, cuja aurora esperançosa o nosso seculo teve a honra e gloria de ver alvorecer no seu cyclo historico.

Pela sua condição excepcional de possuir a unica Universidade do paiz, Coimbra é, mais ou menos, a mãe espiritual das gerações portuguezas. Aqui se reune a *elite* da nossa mocidade; e a par de muitas nullidades que recolhem ás suas terras ou se espalham pelo reino, munidas exclusivamente das suas cartas de bacharel, destacam de um modo notavel as individualidades de muitos, que deixam os seus nomes vinculados aos mais bellos esforços progressivos do espirito nacional.

De Coimbra tem partido especialmente o grito de dessidencia nas renovações litterarias.

O romantismo com a notavel colleção do *Trovador*, em que se encontram os nomes de Alexandre Braga, dos Serpas, de Soares de Passos, de João de Lemos, de Castro Freire; depois o lyrismo representado na sympathica individualidade de João de Deus; em seguida a reacção revolucionaria de Anthero do Quental e Theophilo Braga contra o patriarcado litterario do Visconde de Castilho; mais tarde o espirito de perfeição parnasiana, iniciado pelo vulto, agora lendario, de João Pennha, e brilhantemente seguido por Gonçalves Crespo, e o sopro fogo, victor-hugano dos versos de Guerra Junqueiro,—tudo isto teve a sua fonte numa grande academia—elevada instituição dos costumes coimbrões—que não tem palacios nem secretarias, e cujas assembleias se reúnem indistinctamente num quarto de cama ou no Choupal, na Via Latina ou num café. Esta academia chama-se o *Cavaco*.

O que se não deve ao Cavaco! Tudo quanto a litteratura portugueza tem produzido de notavel—com raras excepções—ha vinte annos para cá, teve a sua causa inicial nesta elevada academia de habitos livres e livre regimen. *Folhas Soltas, Flores do Campo, Odes Modernas, Visão dos Tempos, Poema da Miséria, Morte de D. João, Peninsulares, Crepusculares, Miniaturas, o Mario, Crime do Padre Amaro, Primo Bazilio, Comedia do Campo*, e muitas mais obras de um merecimento incontestavel, são productos de espiritos educados nas grandes discussões do convívio intimo academico, que aqui tomaram os rijos habitos de insubordinação contra o *statu-quo* dos principios officializados.

O Cavaco coimbrão é uma das mais seguras ancoras, que neste naufragio lento da nacionalidade portugueza—naufragio de agua aberta em calmaria podre—têm conseguido manter ao lume d'agua, insubmergivel, o enthusiasmo do trabalho e o valor de convicções de uma pequena, mas vigorosa parte da nossa mocidade.

E se esta ainda não conseguiu pela exiguidade de numero, e por outras razões que não vem para aqui ponderar; se esta não conseguiu erguer a patria do abatimento em que o regimen d'um monarchismo jesuitico a prostrou, sob uma influencia de mais de tres seculos—ao menos o trabalho d'estas gerações crentes e estudiosas ficará na historia da decadencia de Portugal como um vivo protesto da intelligencia contra a inepecia de um regimen, que tem o desgraçado sestro de esterilisar ou corromper todos os bons desejos e todos os esforços nobres, que um acaso feliz, mas desaproveitado ou repellido, faz germinar em torno d'elle.

Os redactores d'esta Revista não presumem que vão salvar a patria com os seus escriptos. Elles sabem muito bem que o jornal que fundam não é precisamente a Encyclopedia; e as suas certidões de baptismo seriam sufficientes para lhes provar que elles se não chamam nem Voltaire, nem Diderot, nem D'Holbach, nem Condorcet, nem d'Alembert—se alguma illusão os cegasse a este respeito. Creando a *Revista Scientifica e Litteraria*, não temos em vista outro fim que não seja o de tornarmos publica uma certa actividade mental que nos pareceu desaproveitada e esteril pela falta de um campo proprio, em que se trabalhasse livremente.

Depois da *Folha* as gerações academicas nunca mais tiveram um orgão de trabalho litterario, regular e perduravel. Alguns ensaios brilhantes e esperançosos desappareceram, sem que, as mais das vezes, se encontrasse causa a esta morte prematura.

Mas em todos os que tem vivido, sem duração ou com ella, nota-se um espirito de exclusivismo, um character particularmente litterario, que fará suppor que, na sua iniciativa particular, a mocidade academica se dedica unicamente á cultura das Bellas-Lettras—o que é absolutamente falso.

Alargar indefinidamente o ambito dos assumptos, abrir um campo de publicação são só ás manifestações da Arte, mas tambem ás da Sciencia, eis o espirito da nossa Revista—cujas ambições não são tão vaidosas que a façam aspirar á regeneração do paiz, nem tão modestas que ella se não proponha a ser o orgão de todas as manifestações mentaes da presente geração academica.

Coimbra, Dezembro de 1880.

A Redacção.

A INSTRUCCÃO SECUNDARIA EM PORTUGAL <sup>1</sup>

## I

A instrucção scientifica e litteraria, que devera ter, oficialmente, experimentado em Portugal uma profunda renovação e um avantajado incremento, desde 1834, tem, apesar das bem concebidas e decretadas refórmãs de 1836 e 1844, principalmente depois d'esta ultima data, não só ficado estacionaria na sua evolução progressiva, mas até soffrido um sensível movimento de retrocesso.

Em tudo aquillo que ella deve conter de substancial e característico, de util e productivo, isto é, nos methodos, nos programmas, nos compendios, nas habilitações do professorado, na disciplina, tem descido gradualmente, aponto de attingir, em nossos dias, um estado definidamente pathologico e visivelmente anarchico.

Na *instrucção primaria* crearam-se mais algumas casas de escola nos orçamentos; mas se temos casas, não temos escolas; e as casas que existem, estão, pela maior parte, em deploravel e repugnante estado de construcção e mobilia e em pessimas condições hygienicas.

Augmentou-se o numero de professores; mas, se attendermos á sua capacidade, habilitações e miseravel remuneração, não temos professores.

Admittindo ainda que tenhamos professores, escolas e casas de escola primarias, o que ha de essencial, util e digno de se saber e conhecer que ahi se ensine?

Nesses primeiros institutos de educação intellectual aprende-se, se por ventura se aprende, a ler, escrever e contar, muito imperfeitamente, com todos os vicios de pronunciação e com todos os erros de orthographia, que, por uma especie de inevitavel contagio, os professores transmittem aos seus discipulos.

Ministra-se tambem, de modo confuso e desordenado, uma ligeira e superficial *tintura* de chorographia e historia de Portugal, e, em maior dóse, o cathecismo e a historia sagrada ou antes a historia do povo hebreu.

Aqui os alumnos, que á escola primaria vão receber o baptismo

<sup>1</sup> Excerpto de um livro escripto em 1877.

da educação intellectual e moral, aprendem, logo no começo, no segundo capitulo, na segunda pagina do livro, entre muita cousa incomprehensivel e inexplicavel, — que o homem e todo o genero humano foram condemnados a trabalhos perpetuos e forçados, para expiar o *horroroso* crime commettido por nosso primeiro pae contra o Padre eterno, o crime de haver colhido, contra a ordem expressa e formal do Creador, o fructo de uma arvore!

E é com semelhantes lendas, colhidas nas tradições do velho Oriente ou antes da velha Palestina, devassa, corrompida, desmoralizada, que pretendem formar o espirito e o coração das crianças, que pretendem despertar nellas o sentimento da virtude, a consciencia do dever, o amor da patria e da humanidade!

Nós, pelo contrario, diriamos ás crianças que não lessem, que não escutassem semelhantes e absurdas lendas; e procuraríamos gravar-lhes bem no espirito, estampar-lhes na consciencia incipiente a ideia e o preceito de que o *Trabalho*, honra, gloria e esplendor da vida humana não pôde ser o castigo de um supposto crime, mas sim uma necessidade organica, uma virtude moral, uma lei universal e constante de toda a natureza, que em sua acção invariavel e indeclinavel influencia, abraça a especie humana, parte integrante da mesma natureza que a produziu, conserva e aperfeiçoa.

E é assim, em um semelhante repertorio de fabulas e invenções miraculosas, producto insalubre da imaginação pervertida e do sentimento depravado de uma familia perdida da raça semitica, que esta boa gente vae, ha seculos, beber os principios do justo e as regras da moral para instruir e educar as nossas rejuvenescidas raças europêas.

Poderão talvez responder-nos, — que tudo isso tem sido habilmente modificado, substituido, transformado, depurado, corrigido, augmentado e aperfeiçoado por elles; mas, por mais concertos e reparos, por mais rebocos e caiadellas, é e será sempre, e hoje mais do que nunca, o velho e arruinado edificio legendario a desabar sobre as novas gerações; nada poderá apagar-lhe no frontespicio a nodoa original. Muito embora despejem e lavam o barril, este não perderá o cheiro ao arenque.

Se por ventura querem tomar a peito, e seriamente pretendem inspirar á infancia e á mocidade o amor do bem e da verdade, e ministrar-lhes uma instrucção real, positiva e util, cessem, por uma vez, de as atormentar com essa insurdecadora e interminavel phraseologia mystica, cheia de hypocrita unccão e compunção sobre os suaves perfumes de fé e as ineffaveis doçuras do milagre e do mysterio sobrenatural e divino.

Ensinemos ás novas gerações a prática e a sciencia do trabalho.

Eduquemol-as por meio do exemplo; instruemol-as com o alvião, com o martello, com a charrua nas mãos.

É assim que se robustece e desenvolve o corpo, para formar, ao mesmo tempo, a intelligencia e o coração.

Em vez de lhes fazer decorar o cathecismo religioso, que ellas não comprehendem, ensinemos-lhes o cathecismo da natureza.

Depois de lhes mostrar por toda a parte, no tempo e no espaço, a extensão, a fôrma, o movimento, dirijamos a sua attenção para o brilhante espectáculo dos astros, para as manifestações mais esplendidas e impressionadoras das leis phisicas do mundo, para os phenomenos de acção e reacção chymica, para o quadro, tão variado e complexo, da vida vegetal e animal; e, por fim, iniciemos a infancia e a juventude no conhecimento empyrico dos factos, mais variados e complexos ainda, da vida social, deixemos-lhes intrever os ricos thesouros da sciencia, os inexgotaveis recursos moraes da humanidade.

Isto valerá mais e muito mais do que todos os cathecismos, todos os sermões sobre a *lei da graça*, sobre as doutrinas equivocas do judeismo e da idolatria.

O conhecimento da historia não deve começar por esses contos, por essas narrações absurdas e, pela maior parte, de uma moralidade duvidosa e suspeita, formadas pelos avariados despojos das velhas legendas ou das velhas tradições de um povo.

Tudo isto, quando fosse necessario e util saber-se, viria a seu tempo, quando a idade e a critica podessem tirar d'ahi o que por ventura la houvesse de bom e aproveitavel, e repellir o muito que contém de mau e prejudicial á educação e desenvolvimento da sensibilidade e da intelligencia.

Como iniciação aos estudos historicos e sociaes, convém expor-lhes, em primeiro lugar, os factos contemporaneos, que possam ser por todos observados e verificados. Ensinar á infancia e á mocidade o que é a familia em cujo seio nasceram, a cidade ou aldeia onde vivem, o municipio ou concelho a que pertencem, o districto ou a provincia e a nação de que fazem parte; em que consiste a organização do respectivo estado social e as suas relações com os outros estados, levando-as assim, de grau em grau, até á concepção da humanidade.

Mostremos-lhes primeiramente o que existe, em vez de nos cançarmos, e de as extenuar a ellas a revolver o ceu e a terra até os abysmos do inferno, para lhes fazer acreditar em aquillo que nunca foi nem existiu.

Todos affirmam e pregam que *a ociosidade é a mãe dos vicios e a inimiga irreconciliavel da virtude*: devemos, por isso mesmo, lembrar-nos que esta maxima, experimentalmente verificada e por isso scientifi-

camente verdadeira, tem como correlativo a seguinte: *o trabalho, esclarecido pela sciencia e dirigido com methodo, quando tem por fim a producção dos objectos os mais necessarios á conservação e desenvolvimento dos homens e da humanidade, é o unico gerador do equilibrio e harmonia das sociedades.*

A *instrucção primaria* só poderá vir a ser ensino real e positivo e instrumento de verdadeira e util educação, quando fôr assim comprehendido e organizado.

Por enquanto está mui longe disso: e, a respeito d'ella, podemos, com propriedade e razão, affirmar o mesmo que Siéyes dizia a respeito do terceiro estudo:

«O que é a instrucção primaria em Portugal? Nada.

O que deverá vir a ser? Tudo.»

Esperando essa nova era de transformação melhorada, vamos entrar no estudo da *instrucção secundaria* e do seu ensino publico e official; por ser esse o assumpto que nos propozemos tractar quando apprehendermos esta publicação.

E. GARCIA.

---

### ETERNO FEMININO

Eu não venho contar as maguas triviaes  
d'uma paixão antiga; os velhos madrigaes  
lancei-os para sempre ás solidões do olvido.  
Inspira-me sómente um hymno bem sentido  
a tua magestade, ó *Feminino Eterno!*...

O martyr de Ravenna, o sonhador do Inferno,  
sereno, atravessando a região dos prantos,  
—na rude inspiração dos seus eternos cantos—  
levantou para ti o torvo olhar cançado,  
e abriu-te francamente o coração maguado...  
Tu soubeste escutar aquella enorme dôr,  
e esse grande infeliz, guiado pelo Amor,  
eil-o que sae do Inferno e vae subindo aos Ceus!

E quando no Passado as coleras d'um Deus,  
—na densa escuridão dos tempos medievaes—  
faziam naufragar as crenças virginaes  
nas trevas do ascetismo,—a fraca Humanidade  
lançava ao soffrimento os homens d'outra edade,  
a quem nunca banhára o Pensamento Novo.  
A mente acalorada e poetica do Povo  
alcança-lhes o Ceu e a redempção do crime,  
por um constante Amor, por esse Amor sublime  
da Virgem Mãe de Deus! . . . . .

Ó criação augusta  
e esplendida do Amor!—essa grandeza assusta!

Soffreste muito, muito, e foste Esposa e Mãe;  
encarnaste no seio uma esperança—o Bem;  
e tiveste o maior e o mais cruel martyrio  
que a Mulher póde ter!

E, no entanto, um lyrio,  
o lyrio do Perdão, celeste e immaculado,  
abriu por sobre nós o calice nevado  
desbordando d'Amor, de bens, de sacrificio . . .

A Mulher esquecera o infernal supplicio  
para nos perdoar. É que através da Historia,  
Mulher! o Sacrificio é toda a tua gloria! . . .

Coimbra.

J. BOTELHO RILEY.



## OS PÓS D'ARROZ

— Historia de uma iniciação —

(CONTO)

A ALBERTO BRAGA

Le mariage est aussi déterminé par les préférences de la femme. La femme se sent attirée vers les hommes forts—qu'il s'agisse de force physique, intellectuelle ou émotionnelle.

H. SPENCER.

O primo Roberto devia chegar naquella dia de Londres, depois de uma ausencia de dez annos.

Logo de manhã, Paulina vira os tios que iam de carro para a alfandega esperar o filho. E ao passarem por baixo da sua janella disseram-lhe um adeus affectuoso, cheios de um indizível contentamento, de uma absoluta felicidade paternal.

Por isso, logo depois de almoço, Paulina começou a preparar-se para a recepção, e deante do *boudoir*—estofado de cassa e setim côr de rosa—procedeu minuciosamente á sua *toilette*: penteou-se, fazendo correr entre a basta cabelleira côr de castanha um fino pente de tartaruga; cobriu-se de pós de arroz, carminando os labios e as faces; arqueou a nankim as sobranceiras; frisou-se; esmaltoou as unhas; e depois de vestir uma *robe-de chambre* de *faille* branco com rendas de Bruxellas, depois de encher os dedos de anneis caros e os braços de pulseiras ricas, foi sentar-se num divan da sala de visitas, no pleno gozo da sua elegancia pretenciosa, folheando um romance de Dumas filho.

Estava impaciente por ver o primo. Como estaria elle? Desde os quinze annos nunca mais o tinha visto. Roberto era então uma creança infesada, acanhadita, triste e pouco communicativa. Depois soubera que seguira em Inglaterra um curso de engenharia, e que o completára obtendo logo uma bella collocação numa companhia de caminhos de ferro da Escossia. O pae, referindo-se a elle, dizia sempre, todo orgulhoso:

—É um homem práctico!

E esta phrase soava pessimamente aos ouvidos da gentil *coquette*, no espirito da qual um *homem práctico* equivalia a um *homem prosaico*, genero que ella detestava, como leitora insaciavel de Lamartine e Feuillet.

O que a fascinava no primo era a ideia de elle vir de Londres. Londres! a patria das *ladies* glaciaes e dos *lords* millionarios! a terra

do *Hyde Park* e de *Regent Street!* a cidade do mais fino *high-life*, do mais distincto *turf*, das mais deslumbrantes equipagens, dos creados mais graves, dos joalheiros mais celebres!

E Paulina, no seu pobre espirito de burguezia mal educada, ansiava por sentir no primo a impregnação de todas estas cousas seductoras. Devia vestir-se irreprehensivelmente, com côrtes originaes; devia ser muito amavel, um conversador distincto e *fashionable*... E neste enlevo da imaginação, esquecia-se da emphase com que seu tio Diogo annunciava á familia que seu filho era um *homem práctico!*

Por fim, depois de uma longa espera, cheia de impaciencias e aborrecimentos, e em que as horas pareciam seculos, Paulina ouviu duas martolladas firmes e compassadas que echoaram por toda a casa. Era elle!

Com effeito era.

Um creado veio annuncial-o, e Paulina correu a chamar a mãe.

Quando voltou á sala, viu entre as cortinas da janella o corpo de um homemzarrão, espadaúdo como um hercules, aprumado como um pinheiro, firme nas suas duas pernas como em duas columnas inflexiveis.

O homem quando a presentiu, voltou-se e, o mais desembaraçadamente do mundo, veio ao seu encontro, estendendo-lhe os braços sem a menor preocupação de galanteio ou sensualidade, dizendo-lhe num portuguez correcto e familiar:

—Ó Paulina! Como estás exactamente a mesma! Reconhecia-te apezar de te não ver desde os teus treze annos.

E ella, perturbada por se achar assim nos braços d'aquelle homem quasi extranho, disse-lhe, cheia de um rubor subito:

—Achas?...

Nisto a mãe entrou, e Roberto abraçou-a como abraçara a filha, com toda a naturalidade de um affecto franco e limpido.

Depois sentaram-se, e, enquanto D. Marianna o apertava numa fusilaria esmagadora de interrogações, Paulina examinava vagarosamente o primo.

Achou-o interessante, sem duvida. Mas que differença do que ella imaginára?! Como estava mudado, Santo Deus! Ora fôsem lá dizer que aquelle ninguemsinho dos quinze annos se havia de tornar no latagão que se installára ali no *fauteill* em frente, com risco de o desconjuntar sob o seu peso!

E sentia por elle uma admiração de respeito — respeito pela sua corpulencia athletica, pelo seu bello ar alegre e saudavel, pela serenidade imperturbada da sua physionomia nobre e firme, pelo seu todo de uma virilidade rara, que tinha o accento dominador e austero dos deuses olympicos.

Onde é que estava o *dandy* de *toilettes* excentricas que ella sonhára? Onde? Roberto vestia severa e correctamente um simples e distincto costume de passeio, cortado pela thesoura irreprehensivel de

Poole. Em vez do sapatinho de tacão alto do janotismo portuguez, os seus grandes pés de homem forte calçavam-se em botas de solla grossa e tacão raso, atacadas em colchetes, na ponta das quaes os furos da bi-queira formavam um desenho regular e symetrico. Em vez da physionomia effeminada dos *boulevardiers* que ella admirava nos seus romances favoritos, Roberto tinha um aspecto energico e ao mesmo tempo ingenuo, que transluzia nos seus grandes olhos negros de meridional, na sua bocca grossa mas bem talhada, coberta pelo bigode crespo levantado nas pontas, no seu nariz correcto como os perfis gregos, na sua testa espaçosa e larga—que o cabello preto, curto e singelamente apartado ao meio, não amesquinha com os frisados ridiculos do genero *cocodé*.

Em vão Paulina procurava o *col-cassé* do *gommeuxi*. Encontrou apenas o pequeno collarinho rectangular, grave e serio, unido ao pescoço. Em vão procurou a gravata de phantasia. Roberto trazia um simples *plastron* de setim preto, com uma pequena ferradura de ouro, cravejada a rubis. Emfim, o janotinha reles que ella sonhára, filho do *boulevard* e do café, amante de mulheres caras, dissipador, com uma divida e uma anemia,—era na realidade um sujeito robusto, forte como um touro, cheio de saude, simplesmente vestido, fresco e bem lavado, com uma bella rosa *maréchal Niel* na lapela do seu jaquetão, um grande ar intelligente e digno, onde transpirava a energia de uma consciencia—que se media em força com a energia de uma musculatura de Titan.

Conversado era o mesmo. Com um leve accento estrangeiro, mas sem pretensão, fallando correctamente o portuguez, Roberto contou toda a sua vida desde a entrada para o collegio, até á conclusão do seu curso de engenharia. Fallou das suas viagens de instrucção á França, á Hollanda e á Allemanha, do seu regresso a Londres, da sua collocação, dos seus trabalhos, dos seus amigos particulares, das suas relações, dos seus divertimentos. E em tudo, nos gostos, nos actos, na regulamentação methodica de toda aquella vida independente de dez annos, confirmava sempre a mesma firmeza de character, a mesma elevação de intelligencia e dignidade, o mesmo natural cavalheirismo que o tornavam um typo invejavel de homem, no meio de uma sociedade sem ideal de vida e sem disciplina de sentimentos.

Ao fim d'aquella conversa, Paulina ficára com um vago conhecimento do espirito do seu primo. Era a primeira vez que na sua vida encontrava um homem assim. Por isso começou por achal-o *original* e *exquisito*, e terminou por confessar a si propria que Roberto era um homem ás direitas.

E como não era estúpida e apenas tinha o espirito atrophiado por uma educação vulgar, cheia de preconceitos, uma educação superficial, sem destino práctico, sem fim definido, rotineira e corruptora, Paulina reconheceu que, aos olhos de seu primo—um homem tão simples e honrado—os seus pés d'arroz, o seu carmim, as suas *toilettes* de

ricaça, a sua preocupação de assumptos banaes, deviam dar-lhe um tom de frivolidade que a amesquinharia até ao ridiculo.

Foi um desfazer doloroso de illusões. Era uma luta dos preconceitos da sua má educação, que se tinham enraizado, contra uma luminosa intuição inesperada, filha de uma intelligencia, que os maus habitos d'essa mesma educação não tinham podido abafar de todo.

E nessa mesma tarde a mãe surpreendeu-a no alto terraço da casa, perdida numa meditação profunda.

Era ao fim da tarde de um bello dia de junho. O ceu nitidamente azul, sem a macula branca da mais pequena nuvem arqueava-se magestosamente sobre a terra como uma soberba cupula byzantina feita de uma alvenaria mysteriosa, impalpavel. Ao longe, no extremo do horizonte, o sol fraco, absolutamente rubro, caia no seio azul e frio do oceano como um craneo ensanguentado; e a extensa reverberação purpurea que elle mandava até á praia, formando sobre as aguas um largo traço vermelho, parecia a nodoa de sangue que deixam nos estrados dos patibulos as cabeças decepadas.

Do terraço gosava-se a soberba vista da Fóz do Douro; e Paulina via agora, sob o aspecto melancholico d'aquelle agonisar de tarde serena, as verduras da collina de Villar pulverisadas da luz vermelha do poente, depois o talhe aspero e anguloso da pedreira da Arrabida, e além as casarias da Fóz com a torre do pharol da Luz, erguendo o seu vulto escuro na paz azulada do ceu. Do outro lado surgiam os extensos pinhaes de Gaia, já tristes e frios nas penumbras do occaso, entre os quaes destacavam as habitações suspensas dos socalcos; e a pequena povoação vareira da Aforada com as casinhas baixas, branqueando entre as sombras das arvores que a encobrem. Em frente a lingueta do Cabedello reluzia ainda aos ultimos reflexos do sol e intercortava a faixa de luz vermelha, que d'elle corria—como uma ferida ensanguentada—até ás aguas do Douro. E em baixo, entre os dois valles, o rio arrastava imperceptivelmente a massa collossal das suas aguas, sem um ruido, com uma mansidão de gigante que descança, supportando no seu dorso poderoso toda uma flotilha de vapores e embarcações, que manchavam de escuro o sereno azul da sua superficie. Ao largo, algumas vellas branqueavam entre o azul do ceu e o azul do mar; e sobre esse esvaecer tranquillo d'um dia luminoso e bom, pairavam nos seus vôos caprichosos e rapidos bandos de andorinhas, cortando a doçura silenciosa da tarde com as notas agudas dos seus gritos estridentes.

E Paulina sentia nessa indefinida serenidade da natureza, um como calmante ás ardencias do seu temperamento exaltado de sanguinea.

Em frente d'ella aquelle espectaculo melancholico do oceano trouxera-lhe á alma uma concentração, que a predispunha para o radi-

car das resoluções honestas. A natureza dera-lhe uma das suas mais bellas lições inconscientes; e aquelle passamento tranquillo e saudosissimo do dia, imprimira-lhe na alma a forte impressão rehabilitadora, que deixa vibrando em nós a morte socegada de uma mãe carinhosa, quando lhe beijamos o rosto já frio, animado ainda por um ultimo sorriso — luminoso sorriso da mais indizível tristeza, do mais profundo mysticismo da dôr...

Nestes momentos a intuspecção do espirito é de uma lucidez extraordinaria: e muito mais se ella não constitue um habito natural ou uma tendencia de temperamento. Ora Paulina, nem por educação, nem por natureza, costumava examinar a sua consciencia. Era uma cabeça leve, instavel como uma bola de azougue, correndo impensadamente atraz de tudo o que a fascinava como uma borboleta a esvoaçar em volta de uma luz.

Por isso a mysteriosa magia do poente levára-lhe a alma nas azas serenas da contemplação muito para cima da sua região habitual de banalidades frivolas, de insignificancias mesquinhas. O grande ar do largo ceu azul, a plena luz sincera e expansiva, a vastidão sonora do oceano exhalando os balsamos selvagens do seu vasto seio creador, as brisas frescas do mar, o aspecto pensativo dos grandes arvoredos escorrendo pelas collinas como cascatas de verdura sombria, o perfil rude e brutal das pedreiras alcantiladas, e em baixo, neste berço acariador da natureza, o sussurro da vida humana nas labutações commerciaes — sobre os navios em carga, nas fabricas negras vomitando pelas chaminés a respiração carbonisada da sua actividade, no borborinho dos caes, no movimento dos carros — tudo isto lhe infiltrava na consciencia uma especie de remorso indefinido por faltas desconhecidas, de que ella se não lembrava precisamente. Era um mal-estar moral em que Paulina percebia a germinação de uma revolta inexplicavel contra todo o seu passado frivolo.

E porque seria aquillo?

Não o sabia...

De nada a accusava a consciencia, se attentamente examinava a vida. E comtudo sentia-se vagamente indisposta contra si propria, accusava-se de um quer que fosse que obscuramente lhe torturava a alma, como um pezar desconhecido e anonymo.

A ideia do primo cruzou-lhe então a memoria; e a recordação d'aquella nobre virilidade altiva, d'aquella typo superior, cheio da serena consciencia da sua força e da sua honradez, veio auxiliar a emoção elevadora que a natureza, na sua imponente magestade, lhe havia inspirado.

E agora sentia-se obrigada, por uma fatalidade psychologica a um confronto de impressões e sentimentos... Era o naufragio inevitavel de toda a dourada flotilha de illusões e prejuizos, que lhe bordejavam continuamente no espirito, sem rumo algum, á mercê das pequenas tempestades dos seus caprichos nervosos!...

No fim d'um baile, na volta do theatro, no regresso de um passeio de ostentação em *calèche* descoberta, sentia sempre que a realidade ficava muito áquem das suas esperanças. Vira *toilettes* mais elegantes, tinha sido pouco reparada, notára que um seu par havia bocejado escandalosamente durante toda uma quadrilha. E em tudo um pequeno espinho de amor proprio offendido picava-lhe o goso tão desejado e planeado de uma ostentação—antecipada em esperanças côr de rosa.

Só aquella bella tarde, roubada aos mexericos das suas amigas, ao pó das ruas, ás amofinações de uma *toilette* para baile, lhe não deixava o espirito arranhado por um despeito! Desilludira-se muito, sim, mas não se despeitára. A natureza na sua reprehensão fôra persuasiva e branda como uma mãe sensata. A sua grandeza harmonica fizera antever ao espirito defecado de Paulina que havia neste mundo uma região de cousas e ideias superiores ás bugigangas do *boudoir* e á preocupação da elegancia futil. E então — a sua curiosidade de mulher aguilhoando-lhe os desejos—Paulina ambicionou de todo o seu coração ser iniciada n'esse mundo de perspectivas tão vertiginosas, que a natureza e uma intuição feliz do seu espirito lhe tinham feito descobrir.

E naturalmente a recordação da conversa, que de manhã ouvira a Roberto, dizia-lhe que só um espirito superior como o de seu primo a poderia conduzir no mar de duvidas em que se sentia balançaada, perdido o leme da vontade. Porque a ninguem ouvira palavras tão sinceras; porque ninguem lhe significára, um dia, uma tão completa crença no dever, uma tão elevada noção da vida; porque nenhum homem, até então, se tinha imposto tão rude e imperiosamente ao seu espirito, na plenitude de uma consciencia satisfeita, recta e franca, e de uma espinha dorsal inflexivel como um montante de Toledo.

Todos os rapazes que a cercavam—quo a aturavam e que ella aturava — todos elles, sem excepção, eram *amaveis*: mas nenhum era franco. Todos elles se riam: mas nenhum era alegre. Todos fallavam: mas nenhum conversava. Todos se diziam cavalheiros: mas nenhum era escrupulosamente honrado. E o seu espirito percebia isto confusamente, de um modo vago—por comparações de factos e de famas.

Immediatamente uma nova curiosidade veio preoccupal-a. — O que pensaria Roberto da mulher? Qual seria o seu ideal feminino? — Algumas phrases que elle soltára ao acaso, algumas apreciações singelas e rapidas davam ao espirito de Paulina indicios eloquentes a este respeito. Por exemplo, perguntando-lhe «se elle tinha visto em Paris a sua amiga Eugenia Torres? se a achára muito elegante? se fazia muita bulha no *high-life*?» Roberto respondera com um ligeiro sorriso de indifferença encolhendo os hombros:

—É uma bonequinha. Sempre a mesma cabeça ôca, pensando só no modo mais rapido de arruinar o marido.

E depois, a respeito de uma senhora ingleza das suas relações, de cujos filhos fôra companheiro de collegio, e que possuia uma bella casa

de campo nas margens pittorescas Loch-Tay na Escocia, onde estivera hospedado, Roberto dissera:

—Não imagina, minha tia, um mais perfeito typo de dona de casa. Todo o serviço dos creados está regulamentado como um serviço do Estado. Mistress Cobden está a pé ás sete horas: ás oito tem visitado a vaccaria, assistido á tiragem do leite e á confeição da manteiga; tem colhido no seu jardim as flores para a sala de jantar e para todos os quartos e salas da casa; vê os seus taboleiros dos bichos da seda: corre todos os gallinheiros; vae dar um punhado de cenouras ao *hunter* predilecto em que ella ainda hoje monta; examina se os cães foram lavados; visita a cosinha da lavoura, corre tudo, enfim, de maneira que ás nove horas todos nos achamos sentados á mesa, presidida por ella a tomar o copo de leite da manhã com meia duzia de bolachas de Peek-Frean. Á uma hora tudo está a postos para o segundo almoço, um substancial almoço de *roast beef* frio, *sandwichs*, fiambre, *plum pudding*, cerveja Pale-Ale e vinho portuguez. E quando ás cinco horas voltamos a casa já mistress Cobden nos espera no confortavel salão do *rez-de-chausée*, com uma simples *toilette* de verdadeira *lady*, a sua touca branca, tão branca como os seus cabellos todos em aneis, os oculos na ponta do nariz, folheando o seu eterno Walter Scott e o seu nunca bastante lido Charles Dickens. A seus pés resona pachorrentamente o *setter* favorito. Conversa comnosco em tudo e de tudo, sempre satisfeita e feliz da satisfação e alegria de seus filhos. Passa-se com ella uma hora encantadora, não imagina, tia! Tem uma conversa para cada um, e ninguem se enfada a seu lado, ninguem boceja emquanto ella falla. Ao fim do jantar a conversa recomeça, e toda a noute em volta de uma mesa cheia de jornaes, livros, albuns e revistas, mistress Cobden sustenta um serão delicioso, anima os dialogos, põe todos na mais doce communicabilidade do mundo, e os seus filhos, os seus hospedes e todas as demais pessoas, que ella recebe á noute, retiram perto da uma hora, cheios da mais funda das sympathias por aquella boa senhora de uns setenta annos tão energicos e agradaveis. Nunca recordarei sem saudade os meus bons dois mezes de Palms-Land... —

E Paulina presentia que as filhas de mistress Cobden deviam ser talvez, aos olhos de Roberto, muito superiores a ella. Não se levantariam ao meio dia; não ficariam horas esquecidas deante do toucador, estofado como um ninho. Deviam ser talvez como duas antigas companheiras de collegio d'ella, duas inglezitas espertas e desempenadas, de habitos um tanto estoicos para o seu sexo, e que faziam rir Paulina e as outras meninas portuguezas com os seus passeios de tres leguas, os seus banhos frios e a sua *toilette* tão restricta que tinha por unico cosmetico um frasco de rum e quina de Atkinson.

Seriam estas mulheres activas, occupadas nas suas obrigações ca-soiras, d'habitos simples e *toilettes* singelas, estas mulheres de racio-cinio frio, methodicas até nas suas mais fundas affeições, espiritos para

os quaes o trabalho é uma fatalidade organica, e a ordem um dever sagrado, seriam estas mulheres aquellas d'entre as quaes Roberto viria a escolher um dia uma companheira dedicada para a vida?

—Talvez—pensava ella. E pensava-o tristemente, porque lhe parecia que, possuido por outra, Roberto não poderia, como ella desejava, ajudal-a no proposito de combater os preconceitos da sua educação viciada—preconceitos que presentia apenas, que reconhecia vagamente na confrontação da sua vida inutil e immethodica, com a vida, tão sabiamente distribuida em occupações serias, da sympathica mistress Cobden.

E, inconscientemente, um ciume occulto começou a morder-lhe o coração.

(Continua).

LUIZ DE MAGALHÃES.

---

### O OLHAR DA CONSCIENCIA

Eu vejo no rugir que á noite desentranha  
a negra tempestade em rude cataclysmo,  
e d'esse fundo Olhar no seductor abysmo,  
não sei que vaga luz d'analogia estranha!

Rebentam mil trovões na crista da montanha;  
crusam-se raios mil no extremo paroxismo;  
parece que a tormenta em cêgo fanatismo  
não amortece nunca em sua brava sanha!

Mas, volvida a manhã, o ceu torna-se puro,  
respira-se melhor á luz que ella irradia,  
e avulta dentro em nós a espr'ança no futuro.

A luta da Consciencia, é luta que alumia:  
tambem do seu olhar—fitando um ponto escuro—  
esplende um novo sol e surge um novo dial

Coimbra.

LUIZ OSIMO.

---

## OS ASTROS

(Schubert)

Na larga placidez das noites boreaes,  
na monotona côr dos gêlos anilados,  
vagueam, perpassando, uns vultos ideaes  
ao clarão do luar, nos montes escalvados.

Os lendarios heroes, envoltos no mysterio,  
caminham, percorrendo as grandes solidões  
como Kanut, o vil;—e, em seu aspecto sério,  
os vultos femenis das pallidas visões

parecem renascer do beijo luminoso  
que alguma estrella deu na candidez da neve...  
Tudo isto nos recorda, em modo silencioso,

essa noite do Norte immaculada e leve.  
E Schubert, contemplando a abobada estrellada,  
fez d'esse rebrilhar uma harmonia alada...

Coimbra.

MANUEL DA SILVA GAYO.

## CHRONOLOGIA PALEONTOLOGICA

(Traços geraes)

Desde que o globo terrestre, irradiando continuamente calor para o espaço, se tornou sufficientemente frio para que os vapores aquosos, dispersos na atmosphera, podessem ser condensados e precipitados sobre a sua superficie,—as chuvas que resultaram d'esse resfriamento, inundando toda a superficie do globo, já endurecida, formaram o primeiro mar, um mar sem limites, mas cuja composição não devia ser muito differente da dos mares actuaes. Constituido o primeiro mar, começou immediatamente a acção chimica e mechanica das suas aguas sobre as formações primitivas, depositando-se os sedimentos, que compozeram os terrenos neptuninos; mas a condensação do planeta e a acção da materia incandescente que elle encerrava, mal coberta ainda pela tenue

capa das rochas primitivas, não permittiu que o deposito sedimentar se effectuasse da mesma fórma e completamente por todo o globo. Deprimiu-se em certos pontos a crusta terrestre para se levantar em outros, umas vezes com um movimento secular, outras com um movimento relativamente rapido. As aguas, profundas em certos logares, mais adiante deixavam a descoberto a terra; levantavam-se as ilhas e cavavam-se as bacias, e o mar, continuando a sua acção insignificante em uns sitios, energica em muitos, desagregando e corroendo as rochas, transportando e depositando materiaes, entulhava de novas camadas o fundo dos valles.

A deposição dos estratos foi portanto necessariamente irregular, e, como este phenomeno não se effectuasse ao mesmo tempo e do mesmo modo em toda a parte, é claro que a estratificação, a disposição relativa dos bancos e das camadas não póde ser completa em qualquer sitio. D'aqui resulta que, na classificação dos terrenos por ordem successiva de formação, que a geologia nos fornece, é indispensavel, em geral, suppor intercalado o maior numero dos termos da serie, quando essa classificação se applica ao estudo geologico d'um logar. Mas a série dos estratos nunca se encontra completa. Horisontaes sempre a principio, podem muitas vezes estar deslocados da sua posição natural, apresentando-se verticaes, inclinados, ondeados ou quebrados. É uma consequencia forçada dos movimentos do sólo.

Muitas vezes encontram-se falhas que alteram a concordancia das camadas e mil outras irregularidades.

Os terrenos de sedimento consistem pois em uma enorme successão de bancos, diferentes em origem, em natureza, em estrutura e em estratificação; concordantes umas vezes, mas muitas outras deslocados, quebrados e irregulares.

Como classificar estes terrenos, cada um dos quaes representa o trabalho das forças naturaes em um longo periodo geologico? Não é d'uma classificação mineralogica que se trata. Nem o caracter mineralogico póde ser base de classificação, desde que a geologia provou que os materiaes constitutivos das camadas se succedem caprichosamente. Trata-se de collocar os terrenos pela sua ordem de formação. O caracter stratigraphico por si só como temos visto é insufficiente. Como completal-o? Desde que a theoria das catastrophes foi posta de parte; desde que se reconheceu que as commoções do globo e a acção lenta, mas persistente e poderosa das forças naturaes, podiam deslocar e quebrar os bancos, levantar montanhas e cavar bacias; que as aguas podiam correr os continentes, mas que a vida não se extingue, não se interrompe; desde que a paleontologia nos mostrou através dos seculos passados os termos principaes das séries animal e vegetal, indubitavelmente era esta sciencia o auxiliar indispensavel para a disposição em série chronologica das diferentes épochas geologicas.

O estudo individual e comparado das camadas, juntamente com o dos fosseis que ellas encerram, a fauna e flora das diferentes épochas

geologicas, eis os documentos e os dados seguros para a historia do globo.

Não será por annos nem por seculos, que se poderão medir os extensissimos periodos d'esta historia, mas por centenas e milhares de seculos. Precisar comtudo as datas, apontar algarismos será sempre um trabalho difficil, engenhoso é verdade, mas raras vezes digno de confiança; cingimo-nos por tanto quasi sempre a uma simples coordenação, fixando no tempo a posição relativa de cada periodo, limitando-o e caracterisando-o quanto possivel seja, e nada mais.

Temos, pois, para a formação da chronologia paleontologica, de estudar simultaneamente os documentos fornecidos pela stratigraphia e pela paleontologia.

Pondo de parte os primeiros periodos estranhos á chronologia do homem, comecemos a determinar em rapido esboço, as relações geologicas e paleontologicas a partir da época terciaria.

Qualquer que seja o valor das descobertas de Mr. Desnoyers nos jazigos pliocénos de St. Prest, e de Mr. Bourgeois no calcareo de Beauce, é facto haver quem julgue sufficientes as provas que attestam a existencia do homem terciario.

É quanto basta para nos interessar o estudo d'este periodo.

O periodo terciario comprehende tres épocas: eocéne, miocéne e pliocéne. A fauna e flora indicam uma temperatura menos elevada do que nas épocas anteriores. A temperatura tropical das latitudes médias, decresce constantemente desde a época eocéne até á ultima época d'este periodo, em que devia concordar com a média actual.

O terreno terciario médio é caracterisado pelo *masthodont* e pelo *dinotherium*; o superior pelos seus *elephantes*, *rhinocerontes* e *hippopotamos*.

Para os fins da época terciaria, segundo attestam os documentos geologicos, teve logar um phenomeno notavel, que até hoje ainda não obteve uma explicação satisfactoria.

Arrefeceu o hemispherio boreal.

Gleiras enormes descendo das montanhas encheram os valles e cobriram grande parte da Europa, Asia e America septemtrional. A temperatura da nossa zona tornou-se glacial.

A esta época glacial, excessivamente longa, succedeu uma época de temperatura mais elevada, até que houve uma segunda invasão das geleiras. Com a segunda invasão termina esta época. A temperatura elevou-se de novo e começou o periodo quaternario.

A elevação da temperatura produziu a fusão dos gelos, a inundação da época do diluvio. Torrentes d'agua de enorme volume, de força e velocidade prodigiosas, rasgaram os valles e inundaram as planicies. D'esta epocha datam os nossos rios, insignificantes restos das torrentes diluvianas.

Depois d'estes phenomenos a temperatura subiu proximamente até á média dos nossos dias, as geleiras recuaram até aos seus limites actuaes e começou a epocha presente.

Entre os animaes que habitaram o nosso sólo no principio da epocha quaternaria, uns cessaram de existir—animaes extinctos; outros fuggindo ao clima, habitam hoje outras regiões—animaes emigrados; outros conseguiram perpetuar-se até á epocha actual—animaes actuaes.

O mais forte e mais commum dos animaes extinctos era o *mamouth*. Propagou-se prodigiosamente no principio do periodo quaternario, quando o cercavam todas as circumstancias favoraveis ao seu desenvolvimento. De uma organização adequada a um clima ainda frio, o augmento constante de temperatura desfavorecia-o singularmente, e esta modificação do meio que se levantava contra elle, attrahia ao mesmo tempo outras especies carnivoras, que encontrando condições de prosperidade lhe disputavam o terreno, desenvolvendo-se e multiplicando-se.

Nestá lucta pela vida o *mamouth* tornou-se cada vez mais raro, até que desapareceu completamente.

Seguiu-se uma epocha intermédia, em que o *mamouth*, já raro, não estava completamente extinto, e em que começa a ter importancia o logar occupado pelo *rengifer*, cujo desenvolvimento caracteriza a ultima epocha quaternaria.

Finalmente, a temperatura sempre crescente obriga o *rengifer* a abandonar as nossas planicies, e procurar um clima favoravel nas regiões arcticas, enquanto que outras especies contemporaneas, expulsas tambem pelas modificações climatericas, procuram as regiões elevadas dos Alpes e dos Pyreneus.

Eis aqui, neste ligeiro esboço, como os documentos paleontologicos e geologicos nos permitem collocar parallelamente os factos que constituem a série das transformações do nosso globo e os termos capitaes d'essa outra série, constituida pela successão das fôrmas.

Os elementos da chronologia paleontologica, são pois dados pela geologia e pela paleontologia. Na applicação da chronologia ao estudo do homem, podemos ainda lançar mão de um elemento de ordem differente: o que nos fornece a archeologia prehistorica.

O conhecimento dos metaes é relativamente moderno. O homem primevo utilisara no fabrico das suas armas, ossos, dentes e principalmente o silex, o que levou a dar o nome de idade de pedra ao longo periodo que precedeu o conhecimento dos metaes, e que abrange quasi inteiramente a existencia da humanidade. O modo de talhar o silex e a fôrma das armas deviam necessariamente variar. Ora, assim como a paleontologia, pelo exame d'uma especie caracteristica, pôde reconstruir completamente uma fauna e determinar uma antiguidade, assim a archeologia escolhe para distinguir as suas diversas edades o instrumento caracteristico de cada uma.

O numero e a extensão d'estes periodos não se podem determinar rigorosamente, porque a industria do silex podia estar ao mesmo tempo diversamente desenvolvida em differentes logares, e d'aqui resulta que as datas estabelecidas pela archeologia prehistorica, nem sempre concordam rigorosamente com as fornecidas pela geologia e paleontologia.

No emtanto, debaixo d'um ponto de vista geral, é possível delinear algumas edades do periodo archeologico.

Distinguem-se duas edades de pedra, a *paleolithica* e a *neolithica*. Tres typos principaes de instrumentos de silex caracterisam a primeira idade, o typo St. Acheul, o typo Moustier e o typo Solutré.

Ao typo St. Acheul pertencem as armas de silex volumosas, mais compridas do que largas, terminadas em ogiva e toscamente trabalhadas em ambas as faces. Encontram-se nos jazigos da idade do ma-mouth.

O typo Moustier é uma lança de fórma semelhante á anterior, mas tendo uma das faces formada pela eliminação d'uma lasca de silex por uma só pancada. É uma arma plano — convexa. Esta arma começa a apparecer no principio do periodo quaternario e caracteriza a segunda epocha, durante a qual se torna vulgar.

O typo Solutré pertence á terceira epocha, correspondendo aos tempos do *rengifer*.

É uma arma menos massiça e muito melhor trabalhada do que as anteriores. Na epocha da decadencia do *rengifer* começam a apparecer as armas de pedra polida, e este progresso na industria do silex marca o principio da idade neolithica. A introdução da pedra polida coincidindo com a emigração do *rengifer*, põe termo aos tempos paleontologicos e inaugura a epocha moderna dos geologos. Domesticam-se o cão e o cavallo, muda completamente o estado social do homem, que funda as primeiras sociedades pastoraes e agricolas.

Eis aqui muito em resumo as tres ordens de elementos, de cuja combinação resulta a possibilidade de se determinar a antiguidade d'uma estação prehistorica.

Coimbra.

LUIZ WOODHOUSE.

---

### NOCTURNO

Nas crenças ideaes d'um sonho puro,  
nas delicias sem fim d'amor ardente,  
em altar grandioso e bem seguro  
te hei visto refulgir constantemente.

E ás vezes, se, alta noute, em ceu escuro,  
onde não brilha um astro resplendente,  
se perde a tua imagem no futuro,  
coberta por um veu, funebremente;

logo, juncto de mim, fagueiro e triste,  
ouvindo o coração com que sentiste  
gratissima illusão d'alma saudosa,

contemplo o teu olhar angustiado  
como chuva de pranto gotejado  
de longinqua paragem luminosa...

Coimbra.

LEOPOLDO MOURÃO

## QUADRAS

.....  
Agora é noite cerrada,  
reina o silencio no ar...  
cobre a calvie dos montes  
o solideu do luar.

Com seus capellos, as arvores,  
de verde coloração,  
parecem graves doutores  
fazendo uma prelecção.

E se a lua lhes derrama  
brilhantes raios a flux,  
são livros de folhas verdes  
encadernados em luz.

Apenas a paz perturbam  
do espaço, lubricos beijos,  
e dão, no azul, as estrellas,  
a sensação de bocejos.

Convulsamente enlaçadas,  
as folhas dos arvoredos,  
fazem confissões d'amor  
entre eroticos segredos.

A lua, etherea tonsura  
aberta no firmamento,  
deixou-se envolver de nuvens  
n'um desleixo somnolento...

Como depois d'uma orgia,  
coberta de palidez,  
a odalisca desmaiada,  
succumbe de languidez,

—a Natureza vencida  
pelo morbido canção,  
deseja por fim lançar-se  
do somno ao molle regaço...

E ás rubras portas do Oriente,  
a alvorada appareceu,  
qual rosa de luz e purpura  
desabrochada no ceu.

EDUARDO D'ARAÚJO.

## A THEOLOGIA RECALCITRANTE

## A proposito do padre Senna Freitas

«Vai publicar-se uma *Revista Scientifica e Litteraria* redigida pelos srs.....»

Ha de sahir fresca.»

A ORDEM, jornal religioso.

Foi assim, com esta phrase d'um plebeismo chilro, que recebeu o annuncio da publicação d'esta Revista, a mui piedosa folha, em que a fina flor dos jovens theologos de Coimbra exhibem, a um tempo, a pureza das suas crenças e a impureza da sua educação.

Não é para justificar a antecipada hostilidade com que nos honram os esperançosos clérigos da *Ordem*, que vimos occupar-nos por um pouco das affirmações estolidas e, algumas vezes calumniosas, que ao conhecido padre Senna Freitas approveu condensar num artigo mirífico, que o *Progresso Catholico*, de Guimarães, publicou no seu numero de 30 de novembro d'este anno.

Não; que a *Ordem* se desengane: as suas furias contra nós—e este nós aqui não significa a humilde pessoa do obscuro signatario d'este artigo, mas refere-se a todos os rapazes novos que têm a insensatez de preferir a leitura dos sabios modernos ao convívio com as velhas toupeiras das sachristias—as furias da *Ordem* contra nós nem nos indignam nem nos commovem: alegam-nos simplesmente. Porque, com franqueza, não ha nada mais risivel do que a epilepsia theologica que grassa por esse paiz, e de que a supra-citada *Ordem* é um dos symptomas mais característicos.

Vamos dar um momento d'atensão ao artigo do padre Senna Freitas, porque nesse famoso escripto, em que se ostentam as galas anachronicas dos classicos sermões d'aldeia e se pompeiam os primores d'um portuguez com agua benta, revela-se tambem uma ignorancia tão crassa das ideias mais vulgares e dos principios mais elementares da sciencia moderna, que bem se póde interpertrar essa ignorancia insolita por uma insigne má fé que pretende insinuar-se cavilosamente nos espiritos debeis e pouco illustrados, adulterando ideias e calumniando individuos.

Promettemos conservar a mais calma serenidade na rapida analyse, a que vamos proceder, da reverenda prosa do sr. Senna Freitas. As phrases sonoras, assopradas d'uma rhetorica tumida e sedicã, com que o conspicuo sacerdote anathematiza o progresso e as ideias modernas, não nos irritam nem nos exaltam. O que nos ha de custar—

mas promettemos empenhar todos os nossos esforços para o conseguir — é a manter, perante as balofas declamações irrisórias e as phrases pretenciosamente empoladas do escriptor tonsurado, a seriedade que de nós exigem a natureza d'esta publicação e o respeito para com os seus leitores.

O titulo do artigo do padre Senna Freitas, é o seguinte: — *O Ensino atheu e o Governo Portuguez.* — Começa elle por um arrasado solemne em que se pinta com as mais negras tintas o abysmo tenebroso em que vai a despenhar-se a sociedade actual. Para darmos aos nossos leitores uma ideia do stylo rocóco do reverendo escriptor, basta-nos transcrever as tres ou quatro primeiras linhas do seu artigo: — «*A onda sobe sempre. O desideratum dos nihilistas do pensamento vai-se realisando como o dos da politica, com a sinistra velocidade da labareda.*»

É uma trovoadade de palavrões varios ribombando tetricamente aos nossos ouvidos, e deixando-nos completamente atordoados. Mas — notemol-o bem — não é uma trovoadade especial fabricada pelo sr. Senna Freitas: é a velha e conhecida trovoadade que se tem repercutido em todos os jornaes catholicos, desde o *Bem Publico* até á *Palavra*. É que o sr. Senna Freitas, afinal de contas, embrenhado nas subtilezas da sua roncoira theologia, e envergado na sua negra sotaina de jesuita, acaba por não se distinguir do mais reles e inepto sachristão, d'esses que gatafunham necedades orthodoxas nas folhas piedosas de Braga e Coimbra.

Até aqui temos o prosador soporifero, assoprando phrases ôcas e banaes. Agora vamos observar com mágua o deploravel desvio d'um espirito enfermizo que, suffocado pelo jugo de doutrinas absurdas, não recua deante de meio algum para deprimir e desautorisar os sectarios de principios diversos dos seus.

Tractando do *ensino atheu*, de que no titulo do seu artigo promete occupar-se, o sr. Senna Freitas exclama indignado: «*Saiba-o o publico que o ignora, saiba-o o governo que finge ignorar-o, saibam-n'o sobretudo os paes de familia, que não devem ignorar-o; em Portugal, no reino fidelissimo (ó ironia amarga) está-se ensinando do alto da cadeira de professor o mais radical positivismo, ou mais claro, o atheismo!!*»

Peza-nos sinceramente, que seja o sr. Senna Freitas, um homem que devia ser illustrado, o auctor do livro — no *Presbyterio* e no *Templo* — livro que, tendo um ponto de vista falso, tem com tudo paginas escriptas primorosamente, que seja elle quem traçou o periodo que ahi fica. Mas é que não foi o sr. Senna Freitas que escreveu essas linhas — foi o padre, foi o lazarista.

O sr. Senna Freitas deve saber que o positivismo não é o atheismo, que Augusto Comte estabelecendo o methodo experimental como o unico aproveitavel para a investigação scientifica, e relegando para uma zona defesa as questões de causa, a que de salto queriam chegar

os *metaphysicos* e os *theologos*, não negou nem affirmou Deus. O padre, o jesuita é que fingiu ignorar isto, e com o fim de desacreditar uma eschola que pela clara e nitida exposição das verdades scientificas, solidamente estabelecidas sobre a base da observação e da experiencia, tira o velho prestigio lendario aos dogmas e imposições auctoritarias da Igreja, não hesitou em deturpar sem pudor uma cousa elemental, que todos conhecem, buscando actuar nos animos pueris e especulando com as crenças ingenuas das familias.

Como exemplos de ensino atheu, cita o sr. Freitas os cursos que fazem Theophilo Braga «na cadeira de litteratura da Eschola Polytechnica de Lisboa» (sic) e o dr. Garcia na Universidade de Coimbra. Sem notarmos o conhecimento que aqui revela o reverendo articulista da organização do ensino official no nosso paiz, collocando a cadeira de litteratura do Curso Superior de Lettras na Eschola Polytechnica, não podemos deixar de observar com tristeza que ha nesta reverenda asserção uma lastimosa calumnia.

Nunca ouvimos as prelecções de Theophilo Braga, mas sabemol-proselyto da eschola positiva, e, portanto, nem atheu nem deista. Quanto ao dr. Garcia podemos asseverar que a affirmação do illustre jesuita é um aleive, que só a cegueira do fanatismo ou doblez da hypoerisia podiam levar o sr. Senna Freitas a escrever, elle, que ainda ha pouco ouviu na sua aula o dr. Garcia.

Este illustrado lente da Universidade não só não é atheu no que expõe do alto da sua cadeira, mas não consente que na sua aula se ventilem sequer questões religiosas, e mais d'uma vez o tem feito observar a alguns dos seus discipulos qua tentavam tratar ali d'esses assumptos. O que elle faz é educar os espiritos juvenis na comprehensão justa e clara do verdadeiro methodo scientifico para que os seus trabalhos na investigação da verdade sejam proficuos, e oriental-os de fórma a que elles sejam uteis e prestadios na vida práctica, e saibam encarar lucidamente o mundo e a sociedade, e compenetrar-se do que lhes impõem os seus deveres e os seus direitos. Desvia-os dos devaneios illusorios e perniciosos d'uma metaphysica esteril e d'um sentimentalismo morbido, que foram a causa de haver *falhado* a geração que nos precedeu, e lança-os na estrada ampla e vasta que traça ao homem moderno a verdadeira philosophia.

Eis o crime do dr. Garcia. Não transige com superstições fanaticas nem com as velhas tradições theologicas. Quer emancipar a mocidade d'esse falso ambiente suffocador e depressivo em que ella até aqui tem respirado.

A seita negra não lh'o perdôa, e não perde ensejo para o crivar de epithetos injuriosos e de insinuações villãs. Tartufo já se tem transformado em Paschino e tem vindo para o meio da rua, de batina arregaçada e voz raivosa, insultar o dr. Garcia. A sua propaganda luminosa e serena, feita em pleno do dia, e com uma austeridade inquebrantavel, perturba e desconcerta os môchos das sachristias. Todos,

desde os mais abalisados até aos mais obscuros d'entre os da confraria piedosa, têm sahido a terreiro contra elle.

Uma vez, foi um luminar do clero que do alto do pulpito da Sé de Coimbra verberou o positivismo e a sua propaganda, com allusões transparentes ao dr. Garcia. Este provou que o aranzel do pretendido oraculo era um mero plagiato d'um insignificante livro francez. E atraz d'este infeliz antagonista veio um enxame de detractores que não têm conseguido senão robustecer e afirmar mais a reputação do eminente professor.

Chegou agora o turno do padre Senna Freitas. Não lhe damos os parabens por ter entrado nesta cruzada ingloria. E, sobretudo, deploramos que elle não saiba conter a sua linguagem, e que se rebaixe ao extremo desgraçado de escrever que a propaganda, que lhe não agrada, «é infame, simplesmente infame.» Sr. padre Senna Freitas póde-se ser intolerante e não se ser descortez. Ser ambas estas cousas, é excesso de fanatismo.

A conclusão do artigo do sr. Senna Freitas é a de desejar que Portugal volte ao tempo de D. Manuel. Se os desejos do reverendo escriptor fossem os de ver volvido o nosso paiz ao esplendor aureo a que attingiu naquella epocha, e de que hoje está infelizmente tão decahido, nós acompanhavamol-o sinceramente nos seus votos. Mas o nesso esplendor de hoje não podia ser o que alcançámos no tempo do monarcha venturoso. O homem actual não podia ser simplesmente o navegador andaz dos seculos XV e XVI, como parece quizera o sr. Senna Freitas. Mas o que este sr. nos prova com o final pathetico do seu escripto é que para que as suas ideias e as da sua eschola viçem e prosperem, dominando os espiritos e avassallando as consciencias, — é indispensavel que voltemos tres seculos atraz, pelo menos.

Tem razão, sr. Senna Freitas. O sr. e os seus vivem mentalmente na esperanza irrealisavel do retrocesso. No seculo XIX os senhores e as suas ideias são apenas um anachronismo.

CARLOS LOBO D'AVILA.

---

### VERSOS SEM ARTE

— «Levanta-te, coveiro. O dia vem rompendo,  
e o dia é para mim um pesadelo horrendo.

Eu adoro o silencio e as noites estrelladas  
para dar expansão ás máguas suffocadas.

Antes que a Aurora innunde as bandas do Levante,  
na sua grande pompa e gloria triumphante;

antes que o Sol estenda ao concavo celeste  
o tecido de luz que a Natureza veste,

acaba de repente o somno entorpecido...  
Eu quero ajoelhar n'um tumulto querido,

murmurar uma prece,—alli, quasi de rastros—  
que faça estremecer o coração dos astros!...»—

A noite era d'abril, serena e luminosa...  
O luar desmaiava as petalas da rosa.

A viração movia os ramos da floresta,  
gemendo uma canção harmoniosa e mêsta...

—«¿Que espectro sepulchral ou sombra mysteriosa,  
perturba a grande paz da estancia religiosa?»—

O luar envolveu na onda assetinada  
o coveiro senil de face acobreada.

Respondi-lhe, encarando o seu aspecto vil:

—«Eu não venho chorar o rosto femenil

d'estremecida amante ou adorada esposa,  
mas quero ungir de pranto a cova onde repousa

—n'esta immensa mudez sombria que me espanta—  
aquella grande Mãe que foi piedosa e sancta...»—

—«Já te conheço; vem.»—E fui, machinalmente.  
O coveiro mostrou, com gesto indifferente,

um simples mausoleu humilimo e singelo.  
Fiquei absorto e mudo e respeitoso... Ao vê-lo,

sentiu que me abraçava a lagrima nevada,  
como se o pranto fóra a mágua condensada.

Apossou-se de mim um pensamento louco...  
No azul, iam morrendo os astros pouco a pouco...

E disse, quando a Dôr pôde a final suster-se:  
—«Enganas-te, coveiro, e illudes-me tambem;  
¿quem ha de acreditar que possa aqui conter-se,  
na estreiteza da cova, um coração de Mãe?»—

ANTONIO FEIJÓ.

## BIBLIOGRAPHIA

### I

#### PRIMEIROS VERSOS, por Luiz de Magalhães

Em Coimbra a uns periodos de muita actividade scientifica e litteraria succedem-se outros d'um trabalho tam lento e tam pouco consciencioso, que parece não se ligar nenhuma importancia ao estudo das questões que lá fóra agitam a opinião.

E' uma especie de hybernação das gerações academicas. Nestes ultimos annos, pouca vitalidade se tem mostrado.

Em quanto, no estrangeiro, as modernas concepções scientificas revolucionavam a philosophia, substituindo aos systemas pessoaes uma vasta synthese da natureza e convertiam a litteratura numa sciencia experimental d'um vasto alcance para o estudo da historia da humanidade, os nossos philosophos e litteratos continuavam a vêr as cousas ao modo antigo.

Raciocinavam escolasticamente e adoravam o Olympo com o seu Jupiter Tonitroante, com a sua Venus de espuma, a quem davam o braço para os acompanhar numas correrias vertiginosas através dos campos das visualidades e sentimentalismos.

Actualmente, porém, as cousas parecem seguir um rumo mais seguro e elevado, porque a geração moderna vae mostrando entusiasmo pelos estudos philosophicos que necessariamente hão de influir nas suas concepções artisticas e litterarias.

E quer se decida pelas conclusões da nova philosophia, quer permaneça agarrada ás antigas theorias, em todo o caso, ha uma lucta, d'onde resulta sem duvida a elevação do nivel intellectual.

Esta alteração reconhece-a quem comparar os trabalhos poeticos, d'ha uns annos, com os que têm sido publicados nestes ultimos tempos.

Os poetas d'então viviam num mundo ideal, florianesco... puxavam a martello o sentimento... tinham imaginação infantil e divertiam os serões de familia.

Os d'hoje sentem vivamente, mas sabem abstrair e generalisar as impressões que lhes produz a contemplação da natureza e o estudo da ordem social.

Os «Primeiros Versos» de Luiz de Magalhães, ha pouco publicados, confirmam as asserções que acabamos de expender.

Ao lel-os, não se soffre o desgosto de vêr *fazer* sentimento e phantasiar mundos infantis.

As suas poesias são bellissimas concepções, envasadas numa fórma primorosa. Têm o brilhantismo da eschola moderna, mas não se esquivaram aos seus defeitos que consistem principalmente numa adjectivação que nem sempre se entende muito bem.

Seja, porém, dito de passagem, prefiro não *perceber* uma imagem nova, excentrica, a ouvir umas comparações triviaes, de que os prelos têm já feito não sei quantos centenaes de edições.

Os estudos philosophicos, a que Luiz de Magalhães de preferencia se dedica, têm levado o seu espirito á cultura, principalmente da poesia scientifica.

Este genero de poesia parece, á ultima hora, atacar os nervos de muita gente que não devia seguir opiniões tam desarrasoadas, se reflectisse bem sobre o assumpto.

Na *Revista de Philosophia Positiva*, correspondente aos mezes de novembro e dezembro de 1880, aventa Wirouboff uma opinião que devéras maravilhará os positivistas.

«A poesia, diz elle, não póde e não deve ser, nem philosophica nem politica nem scientifica, porque deve, primeiro que tudo, inspirar-se da arte e não do saber exacto.»

É uma das taes phrases, cujo *merecimento* está em não serem percebidas! Se a arte ha de seguir as evoluções da sciencia, exprimindo a vida das diversas epochas porque passa, não se comprehende bem como a poesia possa deixar de ser scientifica e mais ou menos exacta.

Esta concepção de Wirouboff ficava de molde á poesia, quando o ser poeta era uma prenda, muito apreciavel, para entreter as longas noutes dos paços reaes. Mas hoje que as idéas philosophicas exerceram profunda influencia nas artes e na litteratura, tornando-as experimentaes, custa a crêr que um homem tam eminente siga opinião tam infundada.

Não insistimos na refutação d'este escriptor, porque das reflexões que vamos fazer a um artigo, publicado no *Diario da Manhã*, de 9 de novembro, se tiram argumentos que mostram de sobra a falsidade da sua proposição.

O critico do *Diario* sem ter lido Wirouboff, segue comtudo a mesma

opinião. Odeia a poesia philosophica, como os morcegos a luz; e no seu horror pronunciado, investe contra a *innoação* e declara «que um poeta não póde nunca ser um pensador!!.»

Se a alma de Camões (para não incommodar os estrangeiros que devem estar agora muito tranquillamente) podesse, lá nas outras paragens, ler o *Diario da Manhã*, de certo se irritaria contra taes criticos que á fina força querem roubar-lhe uma das glorias que o enaltecera.

Ou foi poeta e então, segundo o critico, não soube nem historia, nem medicina, nem astronomia, nem zoologia, nem nautica, etc., etc., o contrario do que se provou com bons documentos por occasião do centenario, ou foi pensador, e neste caso, os seus *Lusiadas* serão uma boa encyclopaedia, mas nunca uma epopêa e muito menos uma epopêa notavel.

Felizmente o grande poeta poderá continuar tranquillo, porque a theoria que lhe extorquia uma de suas glorias, é privativa d'uma minoria insignificante!

Nem o critico grangeará proselytos com as arithmeticas e fórmulas chemicas, com que pretendeu resolver a questão!

Se julga que a poesia philosophica se propõe a «exprimir como 2 e 2 são 4, como se ha de baixar uma perpendicular sobre uma recta dada, como é que o acido sulphurico caindo num vaso contendo zinco mergulhado em agua deixa no fundo do vaso  $\text{SO}_4\text{Zn}$  e faz evolar  $\text{H}^2$ !»; se julga isto, fórma uma idéa erronea da poesia moderna.

Nem ha, no livro de versos de L. de Magalhães, nenhuma poesia em que por tal fórma se desça a minuciosidades, que podesse dar lugar a que o auctor do artigo mostrasse em fina ironia os seus conhecimentos de chimica.

Foi luxo de erudição que só teve a *vantagem* de o prejudicar!

A poesia moderna, como diz Schlegel, fluctua entre as saudades do passado e o presentimento do futuro.

A primeira parte já se realisou na primeira evolução do romantismo, em que se constituíram as tradições medievas.

Resta, portanto, á poesia d'hoje olhar para o futuro, para onde ha de ser dirigida pelos trabalhos scientificos.

Esta concepção não é uma «innoação inadmissivel que annula irremediavelmente o espirito» que a adopta, salvo se o articulista não tem pejo de afirmar que Goethe, um dos primeiros innovadores, foi um poeta mediocre!...

O artigo já vae longo; e como não pretendemos tractar extensamente a demonstração da necessidade da poesia philosophica, limitamo-nos a transcrever alguns periodos de E. Véron, nos quaes o articulista tem de certo muito que aprender.

«Quando o poeta—diz este escriptor na sua *Esthétique*—juncta ás faculdades especiaes d'artista a elevação e grandiosidade de pensamento, parece-nos duplamente grande e a sua obra ganha com isto um augmento de pujança.

É difficil imaginar poesia que possua um encanto mais humano, mais sincero do que a d'Alfredo de Musset. Nesta parte, parece não temer confrontos.

Mas, quando se compara á de Victor Hugo, sente-se immediatamente que lhe falta alguma cousa, que é precisamente a elevação do espirito.

A poesia de Victor Hugo adquire, só pela grandeza da idéa, uma superioridade immensa.

Musset deve agradar mais aos que procuram sobre tudo na poesia o deleite que os *dilletanti* consideram como o fim supremo de tôdas as artes.

Não se póde ler Victor Hugo, sem que á admiração pela obra se ajunte a alegria intima e profunda de encontrar no poeta o pensador que se dedica ao estudo de todos os problemas que interessam a humanidade.

«As idéas, em summa, têm a sua poesia como os sentimentos e não ha razão para que a arte despreze esta fonte de emoções.» E mais adiante diz que, por mais que o contestem os amadores exclusivos da antiguidade, a explicação do mundo pelas novas investigações scientificas não poderá deixar de exaltar a imaginação dos poetas.

Continue, pois, o sr. Luiz de Magalhães a produzir versos como a *Astarteia*, o *Ideal d'Amor*, a *Lenda da Verdade*, etc., que, ao mesmo tempo que nos interessam o sentimento, conseguem despertar-nos a intelligencia pelas concepções scientificas.

Ao terminar, notar-lhe-hemos que nós parece que a sua tendencia é demasiado naturalista: desejavamos que a sua musa se preocupasse tambem com os graves problemas sociaes que agitam a humanidade.

Esta direcção completava o seu trabalho e dava ás suas poesias um caracter perfeitamente de actualidade.

Era a arte evangelizando os resultados da sciencia.

JOÃO PINTO.

## II

O MANDARIM, por Eça de Queiroz—Ernesto Chardron,  
editor—1880—um volume.

### PROLOGO

«1.º amigo—(bebendo Cognac e Soda, debaixo d'arvores, num terço á beira d'agua).

*Camarada, por estes calores do estio que embotam a ponta da Sagacidade, repousemos do aspero estudo da Realidade humana... Par-*

tamos para os campos do Sonho, vaguear por essas azuladas collinas romanticas onde se ergue a torre abandonada do Sobrenatural, e musgos frescos recobrem as ruinas do Idealismo... Façamos phantasia!

2.º amigo. — Mas sobriamente, camarada, pacatamente... E como nas sabias e amaveis allegorias da Renascença, misturando-lhe sempre uma moralidade discreta...

O livro é isto tal e qual. Uma phantasia risonha, alegre, ligeira, que se devora em duas horas, com os pés no fogão, entre um havano e uma chavena de bom Mokka.

Ao chegar-se á ultima pagina, ao lêr-se na ultima linha o *refrain* de Beaudelaire

*hypocrite lecteur, mon semblable, mon frère,*

a gente fica pasmada do que acabou de lêr, cheia de bom humor, como se tivesse tido a felicidade de ser o amigo n.º 2 e ouvisse a Eça de Queiroz todo aquelle espirituoso cavaco.

É que neste livro o Eça de Queiroz das *Farpas* renasce. É o mesmo com as suas *boutades* excentricas, com a sua palêta de uma sensibilidade sem rival, que nos faz rir desafogadamente em 180 paginas entre as estranhas peripecias de um *embroglio* adoravel.

Aquella *chinoiserie* exotica, patusca, é um perfeito *pagode* — em portuguez. Um ammanuense que, tentado pelo Demonio, mata, tocando uma campainha em Lisboa, um mandarin na China, para lhe herdar os milhões, e que, finalmente, se vê sempre perseguido pela visão mortificadora do mandarin defuncto abraçado ao seu papagaio de papel, que armava no momento de morrer — eis todo o enredo. Este risonho disparate é o pretexto para algumas paginas vibrantes e portentosas de um estylo original e fecundissimo, para outros mais em que Queiroz nos dá uma colleccção de aquarellas de primeira ordem — algumas das quaes parecem deliciosas estampas chinezas sobre papel de arroz, — e para muitas *tiradas* de um espirito scintillante que corre toda a escala, desde o grotesco da caricatura ao *bon mot* cenceituoso e fino.

O *Mandarin* é um descanço, um desafogo momentaneo no «*aspero estudo da realidade humana*». O eximio observador do *Crime do Padre Amaro* e do *Primo Basilio*, depõe por um pouco a lente, com que — como Denner — se auxilia para a execução dos seus quadros, e toma a rir um par d'aquellas antigas bandarilhas aceradas, penetrantes que outr'ora, na companhia de Ramalho, elle sabia tão destramente cravar, com os mais caprichosos *cambios* do espirito, no cachaço de todo um curro de instituições e personagens.

Que o descanço fôsse propicio no grande romancista — e não nos tarde com a *Capital*.

LUIZ DE MAGALHÃES.

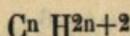
# REVISTA SCIENTIFICA E LITTERARIA

N.º 2

JANEIRO

1881

## DEDUCÇÃO DA LEI DOS ISOMEROS DA SERIE



E' sabido que as unicas condições algebricamente formulaveis, relativas á determinação de todos os isomeros, theoreticamente possiveis, d'um hydro-carbureto da serie  $C^n H^{2n+2}$ , são expressas pelas equações

$$\left. \begin{aligned} 4x + 3y - 2z + u &= 2n - 2 \\ x + y + z + u &= n \end{aligned} \right\} \dots \dots \dots (1)$$

nas quaes  $u$ ,  $z$ ,  $y$  e  $x$  representam o numero de atomos de carbone que em cada isomero perdem respectivamente 1, 2, 3, 4 atomicidades, e  $n$  o expoente de C no hydro-carbureto de que se trata.

Todavia, como applicando a essas equações o processo geral da analyse indeterminada, se encontra

$$\left. \begin{aligned} x &= n - (z + 2) - 2t \\ y &= 3t - [n - (z + 2)] \\ u &= (n - z) - t \end{aligned} \right\} \dots \dots \dots (2)$$

e como estas expressões dão, para cada valor inteiro de  $z$ , desde  $z=0$  até  $z=n-2$ , valores inteiros e positivos para  $x$ ,  $y$  e  $u$ , logo que nellas se tomem valores convenientes para  $t$ , isto é, taes que, além de inteiros, seja, para cada valor de  $z$ ,

$$\frac{n - (z + 2)}{3} < t < \frac{n - (z + 2)}{2};$$

segue-se que as condições (1) são sufficientes para a resolução d'um tal problema.

Posto isto, vejamos se os systemas formados por cada um dos valores de  $z$  com os correspondentes de  $x$ ,  $y$  e  $u$  que se deduzem de (2), seguem ou não uma lei determinada. Para isso, tomando successivamente  $z = n - 2, n - 4, n - 5, n - 6, \dots, 0$  <sup>(1)</sup>, e applicando as fórmulas e considerações anteriores, determinemos os valores positivos e inteiros de  $x$ ,  $y$  e  $u$ , que satisfazem, com o correspondente de  $z$ , ás condições (1); e reunamos os systemas assim obtidos, pelos mesmos valores de  $x$ , em differentes grupos.

D'este modo obteremos:

$$\begin{aligned}
 1) \quad & \left. \begin{array}{l} z=n-2 \\ x=0 \\ y=0 \\ u=2 \end{array} \right\} \left. \begin{array}{l} z=n-4 \\ x=0 \\ y=1 \\ u=3 \end{array} \right\} \left. \begin{array}{l} z=n-6 \\ x=0 \\ y=2 \\ u=4 \end{array} \right\} \left. \begin{array}{l} z=n-8 \\ x=0 \\ y=3 \\ u=5 \end{array} \right\} \left. \begin{array}{l} z=n-10 \\ x=0 \\ y=4 \\ u=6 \end{array} \right\}, \dots \\
 2) \quad & \left. \begin{array}{l} z=n-5 \\ x=1 \\ y=0 \\ z=4 \end{array} \right\} \left. \begin{array}{l} z=n-7 \\ x=1 \\ y=1 \\ u=5 \end{array} \right\} \left. \begin{array}{l} z=n-9 \\ x=1 \\ y=2 \\ u=6 \end{array} \right\} \left. \begin{array}{l} z=n-11 \\ x=1 \\ y=3 \\ u=7 \end{array} \right\} \left. \begin{array}{l} z=n-13 \\ x=1 \\ y=4 \\ u=8 \end{array} \right\}, \dots \\
 3) \quad & \left. \begin{array}{l} z=n-8 \\ x=2 \\ y=0 \\ u=6 \end{array} \right\} \left. \begin{array}{l} z=n-10 \\ x=2 \\ y=1 \\ u=7 \end{array} \right\} \left. \begin{array}{l} z=n-12 \\ x=2 \\ y=2 \\ u=8 \end{array} \right\} \left. \begin{array}{l} z=n-14 \\ x=2 \\ y=3 \\ u=9 \end{array} \right\} \left. \begin{array}{l} z=n-16 \\ x=2 \\ y=4 \\ u=10 \end{array} \right\}, \dots \\
 4) \quad & \left. \begin{array}{l} z=n-11 \\ x=3 \\ y=0 \\ u=8 \end{array} \right\} \left. \begin{array}{l} z=n-13 \\ x=3 \\ y=1 \\ u=9 \end{array} \right\} \left. \begin{array}{l} z=n-15 \\ x=3 \\ y=2 \\ u=10 \end{array} \right\} \left. \begin{array}{l} z=n-17 \\ x=3 \\ y=3 \\ u=11 \end{array} \right\} \left. \begin{array}{l} z=n-19 \\ x=3 \\ y=4 \\ u=12 \end{array} \right\}, \dots
 \end{aligned}$$

.....

Ora, por estas fórmulas reconhece-se, não só

a) que em cada grupo um systema qualquer se fórma do precedente subtraindo duas unidades a  $z$ , e juntando-as, uma a  $y$  e outra a  $u$  (o que só se poderá levar até que venha  $z=0$  se o valor d'esta incognita no primeiro systema fôr par, e  $z=1$  se esse valor fôr impar); mas ainda

(1) Não fallamos em  $z=n-3$  por que não ha valor algum inteiro de  $t$  que satisfaça á condição  $\frac{1}{3} \leq t \leq \frac{1}{2}$ .





que dá

$$N = \frac{n^2 + 2n + 4 - r^2}{12}; \dots \dots \dots (a)$$

e para  $n$  par e  $r$  impar, progressões (5),

$$N = \frac{(n-2)-0+2}{2} + \frac{(n-5)-1+2}{2} + \frac{(n-8)-0+2}{2} \\ + \dots \dots \dots \frac{[n-(n-r)]-1+2}{2}$$

ou

$$2N = n \cdot \frac{(n-r)-2+3}{3} - \left[ \left( \frac{2+(n-r)}{2} \right) \cdot \left( \frac{(n-r)-2+3}{3} \right) \right] \\ - \left[ 1 \times \left( \frac{(n-2)-r+3}{3} \right) \right] + \left[ 2 \times \left( \frac{(n-2)-r+3}{3} \right) \right]$$

que dá

$$N = \frac{n^2 + 2n + 1 - r^2}{12} \dots \dots \dots (b).$$

Mas, como (a) se transforma em

$$N = \frac{n^2 + 2n + 4}{12} \dots \dots \dots (8)$$

quando é  $r=0$ , e tanto (a) como (b) se transformam em

$$N = \frac{n^2 + 2n}{12} \dots \dots \dots (9)$$

quando na primeira se faz  $r=2$  e na segunda  $r=1$ ; segue-se que

«o numero de ismeros d'um hydro-carbureto da serie  $C_n H^{2n+2}$ , em que  $n$  é par, é dado pelas fórmulas (8) ou (9) conforme  $\frac{n-2}{3}$  é inteiro ou fraccionario».

Operando sobre as progressões (6) e (7) como fizemos sobre as (4) e (5), acha-se, para as primeiras,

$$N = \frac{n^2 + 2n + 1 - r^2}{12}, \dots \dots \dots (a')$$

e para as segundas

$$N = \frac{n^2 + 2n - 2 - r^2}{12} \dots \dots \dots (b')$$

E como (a') dá

$$N = \frac{n^2 + 2n + 1}{12} \dots \dots \dots (10)$$

para  $r = 0$ , e tanto (a') como (b') dão

$$N = \frac{n^2 + 2n - 3}{12} \dots \dots \dots (11)$$

quando na primeira se faz  $r = 2$  e na segunda  $r = 1$ ; segue-se que «o numero de ismeros d'um hydro-carbureto, da serie de que tratamos, e em que  $n$  é impar, é dado por (10) ou (11) segundo  $\frac{n-2}{3}$  é inteiro ou fraccionario».

Deduzidas como se acham as fórmulas que dão o numero de ismeros possiveis d'um hydro-carbureto da serie  $C_n H^{2n+2}$ , vejamos se estes numeros, dispostos pela ordem crescente de  $n$  seguem ou não uma lei determinada.

Para isso, suppondo  $n$  par e tal que  $\frac{n-2}{3}$  seja inteiro, deduzamos — empregando convenientemente as fórmulas (8), (9), (10) e (11) —, os valores de  $N$  correspondentes a  $n+1$ ,  $n+2$ ,  $n+3$ ,  $n+4$ ,  $n+5$ ,  $n+6$ ; e escrevemol-os depois de (9) para os compararmos com elle.

D'este modo teremos

$$\frac{n^2+2n+4}{12}, \frac{n^2+4n}{12}, \frac{n^2+6n+8}{12}, \frac{n^2+8n+16}{12}, \frac{n^2+10n+24}{2},$$

$$\frac{n^2+12n+32}{12}, \text{ e } \frac{n^2+14n+52}{12};$$

ou — escrevendo todos estes valores a partir do segundo em funcção do primeiro, e expressando depois as segundas parcelas de cada um d'estes, em funcção da segunda parcella do segundo, depois de simplificada —

$$\frac{n^2+2n+4}{12}, \frac{n^2+2n+4}{12} + \frac{n-2}{6}, \frac{n^2+2n+4}{12} + 2\left(\frac{n-2}{6}\right) + 1,$$

$$\frac{n^2+2n+4}{12} + 3\left(\frac{n-2}{6}\right) + 2, \frac{n^2+2n+4}{12} + 4\left(\frac{n-2}{6}\right) + 3,$$

$$\frac{n^2+2n+4}{12} + 4\left(\frac{n-2}{6}\right) + 4, \text{ e } \frac{n^2+2n+4}{12} + 6\left(\frac{n-2}{6} + 1\right).$$

Ora, estes valores que são a expressão geral de qualquer grupo de sete termos seguidos da serie em questão, a começar por um correspondente a  $n$  par e tal que  $\frac{n-2}{3}$  seja inteiro, — podem escrever-se sob a fórma

$$T_{(p)}, T_{(p)}+p, T_{(p)}+2p+1, T_{(p)}+3p+2, T_{(p)}+4p+3, T_{(p)}+5p+4, \\ T_{(p)}+6(p+1), \dots \dots \dots (12)$$

visto que fazendo o inteiro  $(1) \frac{n-2}{6} = p$ , d'onde  $n = 6p + 2$ , vem

$$\frac{n^2 + 2n + 4}{12} = 7 + 3(p-2)(p-1).$$

E assim, como  $p = \frac{n-2}{6}$  toma successivamente e respectivamente os valores 0, 1, 2, 3, 4, ..., para  $n=2, 2+6, 2+12, 2+18, 2+24, \dots$ ; vê-se que as expressões (12), deduzidas como o fizemos, nada mais traduzem do que a generalisação das leis descobertas a este respeito, em contestação á falsa inducção de mr. Naquet, pelo ex.<sup>mo</sup> sr. dr. Albino Giraldes <sup>(2)</sup>.

Coimbra.

A. RODRIGUES BRAGA.

(1) Se  $n$  é par e  $\frac{n-2}{3}$  inteiro, este ultimo valor é par, e por isso tambem  $\frac{n-2}{6}$  é inteiro. A reciproca é visivelmente verdadeira.

(2) Vid. Note sur la loi des isomères de la serie  $C_n H^{2n+2} - 1$ . vol. das «Questions de Philosophia natural» do sr. dr. Albino Giraldes.

## LYRISMOS

Ó bando immaculado! ó brancas pombas mansas,  
que ides banhando em luz os alvos peitos finos,  
oh! vinde-lhe trazer meiguices de crianças,  
e vinde-lhe beijar os dedos pequeninos,  
ó bando immaculado! ó brancas pombas mansas!

Ó aves matinaes! ó lêdas cotovias!  
que pelo azul verteis as harmonias sãs  
das francas expansões das castas alegrias,  
cantae-lhe o hymno bom das tépidas manhãs,  
ó aves matinaes! ó lêdas cotovias!

Ó violetas! vós, ó mysticas amantes,  
que a gente vê dormindo á beira dos caminhos,  
sonhando um sonho bom d'aromas penetrantes,  
em quanto ao longe ha festa e a musica dos ninhos!  
ó violetas! vós, ó mysticas amantes,

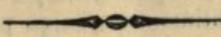
em tanto que ella passa, a minha dôce amada,  
immersa no clarão da tarde cõr de rosas,  
mandae-lhe uma caricia, amiga e perfumada,  
na aragem que lhe beija as tranças amorosas,  
em tanto que ella passa, a minha dôce amada!

Tu gostas de envolver, ó pallido luar,  
com as azas de luz, enormes e lascivas,  
aquelle corpo breve, e gostas de beijar  
o seu cabello quente, as suas carnes vivas....  
afaga-a docemente, ó pallido luar!

Tu sempre vens do ceu aos intimos noivados,  
como se Deus sorrisse ao bem-querer das almas...  
embala a minha amante em sonhos prateados,  
e fala-lhe de mim naquellas noites calmas  
em que tu vens do ceu aos intimos noivados!

25 de abril de 1878.

A. HENRIQUES DA SILVA.



## A RUSSIA E OS NIHILISTAS

No meio d'este impulso de transição, que actua em todos os povos da Europa, tendendo a elevar-os d'estes systemas politicos para outros superiores e mais conformes ás sociedades e ás opiniões, ha um povo, enorme nas suas dimensões geographicas e grande na civilização scientifica, sobre o qual se estende a infecunda sombra de um throno absolutista—é a Russia. Porém, se na direcção apparente, peza sobre ella a carregada atmospherá do absolutismo, na região do pensamento, as opiniões e idéas modernas correm em todos os cerebros, elevam toda a nação.

Esta desigualdade de nivel entre as convicções de um povo e o governo que o rege, não podia permanecer por muito tempo, e os direitos populares espalhando-se sobre a velha sociedade, forçosamente a haviam de destruir e arrazar, para sobre os seus fragmentos elevar o edificio da sociedade moderna. E' esta grande reforma que se está operando agora na Russia, onde o desespero de uma nação oppressa irrompe por todos os póros sob as formas da morte e do extermínio.

Ante este spectaculo realmente sinistro, inflammam-se muitas indignações, e a figura do valente czar apparece illuminada por muitas sympathias, no fundo escuro de uma nação enorme, que se debate horriavelmente nas convulsões da miseria e só esperançada pela sublimidade de uma idéa.

Um dos pontos mais importantes pelo qual atacam os nihilistas, consiste em dizer que têm em vista somente destruir e aniquilar as instituições presentes, sem levantarem outras por onde se possa regular o paiz nos diversos e innumerables ramos da sua vida social. Mas este mal, que uma falsa comprehensão das leis sociaes attribue ao cego e indeterminado desenvolvimento das idéas modernas, recae exclusivamente sobre os poderes, que evitando a marcha uniforme das instituições politicas e do desenvolvimento scientifico e moral dos povos, produzem sempre as resistencias radicaes que só trazem inconvenientes e atrasos.

Os governos devem ir cedendo sempre o passo ás modificações que lhes são impostas pela opinião dos povos; as revoluções não são mais do que erupções causadas pela effervescencia da sociedade que o vigor de uma idéa aqueceu, e que a ignorancia conservadora tentou abafar, sob os gelos de uma oppressão estúpida.

E assim, a revolução franceza foi uma consequencia necessaria do atrazo enorme do governo em relação aos pensamentos da epocha. O que se podia destruir pouco a pouco, ao passo que se formavam novas instituições, tombou repentinamente; e ao passar esse furor rapido e implacavel, conheceu-se que simplesmente se tinha destruido, sem se

fundar a sociedade sobre os principios que n'ella existiam. A historia revolta da França no começo d'este seculo, mostra perfeitamente este phenomeno que, como todos os sociaes, se observa egualmente no mundo physico. Assim se oppozermos a uma corrente obstaculos quasi insuperaveis, podemos por um certo tempo evitar a sua passagem, mas ella redobrando de força, ou impelle e arraza todas essas barreiras, ou galgando por cima d'ellas, lá vai n'uma horrivel cataracta destruir tudo o que se oppoz ao seu curso fatal: obedece á gravidade como os povos obedecem ao progresso.

É tambem este phenomeno que se opera na Russia, que a valentia mal entendida de um homem lança n'um verdadeiro estado de anarchia. O mal não provém de quem obedece ás tendencias da sua epocha e ás inspirações da sua livre consciencia, mas sim de quem quer oppôr um elemento material e estúpido a uma corrente intellectual e sublime; o mal não vem dos desgraçados da Siberia, mas sim do Cezar de S. Petersburgo.

Além d'isto, na intelligencia dos povos, as idéas succedem-se continuamente, de modo que ao passo que um pensamento novo vai ganhando as convicções, as idéas que lá estavam vão enfraquecendo successivamente até serem completamente absorvidas; como um artista que tendo uma porção limitada de massa, para lhe dar uma forma tem de destruir a configuração que antes tinha.

No mundo intellectual, no desenvolvimento das opiniões antes de se manifestarem na constituição dos estados, passa-se este phenomeno com a maxima regularidade e simultaneamente sobem umas idéas e descem outras, como os dois pratos de uma balança com pezos deseguaes. Porém, na manifestação practica das opiniões, á qual se oppõem immensos obstaculos resultantes da força e resistencia dos systemas estabelecidos, do desigual alcance das intelligencias, dos prejuizos, etc., succede que as idéas só se propõem como baze das sociedades, quando já por muito tempo ferveram nas intelligencias, produzindo revoluções lamentaveis em factos particulares, mas necessarios.

É esta a razão porque na Russia as idéas modernas se levantam de um modo violento, o que resulta tambem, assim como o atrazo politico d'aquella nação, da heterogeneidade de elementos que a constituem.

Realmente estendendo-se por todos os climas da Europa, desde as frias regiões do Norte até á viva natureza do Caucazo, encontra-se a Russia formada de elementos inteiramente differentes e oppostos, de indoles radicalmente diversas, de organizações completamente discordantes. Raças differentes se encontram ahi formando a mesma nacionalidade, que deve sempre obedecer ás tendencias de uma raça, e que assim neutralisa os seus diversos desenvolvimentos, produzindo uma desigualdade de idéas e opiniões, um verdadeiro cahos politico e social.

Por isso, ao passo que os diferentes povos da Europa tomavam a liberdade como dogma fundamental da sua religião politica, a Russia, não podendo unanimemente erguer-se, oscillava sómente, continuando immersa na escuridão do absolutismo.

O pensamento humano continua a progredir, a humanidade evolue-se e novas idéas brilham no horisonte politico dos outros paizes, ao passo que a Russia nem ainda sequer pode alcançar a verdadeira posse dos principios, que a revolução franceza offereceu a toda a humanidade.

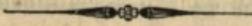
Este espectáculo degradante inflamma com energia o espirito avançado do imperio, e a resistencia das velhas instituições auxiliada por uma grande parte conservadôra ou retrogada, que sempre deve haver n'um paiz de elementos tão heterogeneos, occasiona e produz esta lucta de morte, que fatalmente ha-de terminar pela victoria do progresso e da liberdade, porque aliás violavam-se as inevitaveis leis da evolução continua da humanidade.

Uma energia intima impelle continuamente a sociedade para o progresso, manifestando-se diversa mas constantemente em todos os povos e em todas as raças; a historia não é mais do que a linha traçada por ella, accidentada por escolhos, que se vencem e por abysmos, que se galgam.

E assim como até hoje o pensamento nunca repousou, nas eras futuras continuará progressivamente a trabalhar, levando por divisa a constancia e tendo por fim a—civilisação.

Coimbra.

PEDRO DE MASCARENHAS GAIVÃO.



## SUPPLICA

O lyrio delicado, á beira d'uma estrada  
estende para o ar as petalas franzinas:  
mendigo, pede ao ceu as gottas cristalinas  
de orvalho matinal,—o pranto da alvorada.

A supplica é ouvida; e, quando a luz doirada  
do sol vem iriando as joviaes campinas,  
vae no seio encontrar das folhas pequeninas  
a alvura sensual, macia, perfumada.

O lyrio supplicante é o meu amor ardente,  
—esta flôr ideal d'um mimo transcendente  
desabrochada n'alma. O ceu és tu, creança:

e se não queres vêr a flôr emmurhecida  
pendendo para o chão a face resequida,  
orvalha-a n'um sorriso, envolve-a n'uma esp'rança.

Coimbra.

EDUARDO D'ARAÚJO.

## BACCHANTE

Admiro essa mulher! No movimento brusco  
que imprime ao corpo airoso offerecendo um beijo,  
relembro, extasiado em lubrico desejo,  
um typo que sonhei e que de ha muito eu busco.

Na *pose* escultural simelha um vaso etrusco  
se a mão sobre o quadril assenta com despejo;  
e quando volve o olhar em fulgido lampejo  
é opio sensual com que a razão offusco!...

O artista pasma absorto ante o prodigio! e prestes,  
accorda a tentação de lhe rasgar as vestes,  
beijar-lhe a correcção das linhas, descobril-o,

e contemplar suspenso a fôrma deslumbrante,  
o molde mais perfeito, a encarnação radiante  
do assombro genial—a criação de Milo!—

Coimbra.

LUIZ OSORIO.

## ASTRONOMIA

(HYPOTHESE COSMOGONICA)

Para explicar a causa dos movimentos primitivos do systema planetario e a sua origem, recorria Laplace aos seguintes phenomenos:

Os movimentos dos planetas no mesmo sentido e proximamente no mesmo plano; os movimentos dos satellites no sentido dos movimentos planetarios; as rotações concordando com as do Sol, no sentido da velocidade de projecção; a pequena excentricidade das orbitas. Admittia a preexistencia de um globo, que possuísse toda a massa do systema solar, e toda a sua energia manifestada pelo movimento de rotação e, fazendo intervir a acção do calor e a força centrifuga, deduzia naturalmente uma distribuição de massas e de movimentos, que proximamente correspondem ao que hoje conhecemos. O Sol, um globo incandescente, era cercado por uma atmosphaera, que um calor intensissimo dilatára até além do raio da maior orbita planetaria.

Pelo resfriamento subsequente do nucleo central resultaram uma contracção e um augmento de velocidade, que se devia communicar a toda a atmosphaera. Seguiu-se então o predominio da força centrifuga, e portanto a formação de zonas gazosas, girando em concordancia com a rotação solar, e independentes da atmosphaera que se retrahia. Mais tarde a condensação da materia á roda de um centro predominante em cada zona, dava lugar, pela reproducção do phenomeno, á formação dos planetas e seus satellites.

Como consequencia d'estas idéas resulta:

1.º Que a rotação do planeta se effectua em um periodo inferior ao da revolução do satellite.

2.º Que se deve admittir como directo o movimento de todos os planetas e seus satellites.

E assim era no tempo de Laplace. Ora, se é licito especular sobre a formação do nosso systema planetario, sobre os seus movimentos primitivos, é necessario tambem não esquecer que as hypotheses mais verosimeis, apoiando-se sobre um numero maior ou menor de factos conhecidos em certa epocha, precisam de ser verificadas por aquelles de que mais tarde tivermos conhecimento, e que quando estes se apresentem incompativeis ou contradictorios com a hypothese formada, ou rejeital-a ou refundil-a. A hypothese de Laplace hoje é insufficiente. Os poderosissimos meios de observação de que dispõe a Astronomia moderna revelaram-nos factos em opposição formal com esses dois collarios.

Hezschell descobriu em 1781 o planeta *Urano*, situado além de *Neptuno*, e nos seus satellites reconhecia-se mais tarde um movimento retrogrado. O satellite de *Neptuno*, descoberto por Le Verrier em 1846

para além de *Urano*, tem egual movimento. E não será natural pensar que a rotação do planeta concorda com a dos seus satellites?

Ha outro facto ainda, uma descoberta recente. Em outubro de 1877 descobriram-se com o equatorial de Washington dois satellites de *Marte*. O mais proximo do planeta effectua a sua rotação em 7<sup>h</sup>, 39<sup>m</sup> enquanto que o periodo do planeta é 24<sup>h</sup> 37<sup>m</sup>. Attendendo a estes factos como poderemos conceber a formação do nosso systema?

Um astronomo illustre, mr. Faye, apresentava o anno passado as suas idéas sobre esta materia, as quaes examinaremos nos seus pontos capitaes. (1)

Laplace, já foi dito, invocava uma extrema dilatação da atmospherica solar por acção de um calor intenso. (2)

Qual a origem d'este calor? Poderá attribuir-se a uma região quente do espaço, que o systema em formação houvesse atravessado; mas é uma supposição puramente gratuita (3).

Accresce ainda que poderia muito bem a contracção da atmospherica acompanhar o augmento de força centrifuga por fórma tal, que a attracção predominasse sempre, d'onde resultava a impossibilidade de formação de zonas gasosas.

Depõem ainda pouco em favor da hypothese as modernas idéas sobre a constituição solar, em que não tocamos hoje, porque demasiado longe nos levariam do nosso assumpto.

Mas seria então a massa do sol, que, primitivamente dilatada por todo o espaço occupado hoje pelo systema, arrefecendo e contrahindo-se, abandonára fragmentos da sua massa, roubados pelo dominio da força centrifuga sobre a attracção?

Segundo o astronomo que citámos tal facto nunca se poderia dar. Designemos por  $D$ ,  $R$ ,  $r$ ,  $\alpha$ ,  $n$  a densidade central do Sol, o raio equatorial, uma distancia qualquer ao centro, uma pequena fracção e uma arbitraria. Expressamos uma certa lei indeterminada das densidades por

$$D \times \left[ 1 - (1 - \alpha)^n \sqrt{\frac{r}{R}} \right]$$

A massa do Sol será

$$M = \frac{4}{3} \pi R^3 D \frac{1 \times 3 \alpha n}{1 \times 3 n}$$

(1) *Comptes Rendus de l'Académie des Sciences—1880.*

(2) *Exposition du système du monde.*

(3) Do mesmo modo se quiz explicar a producção dos gelos da epocha post-pliocena. Ahi, alem de hypothese gratuita, reconhece-se hoje que nada pôde explicar e ninguem a acceita.

e o momento de inercia

$$J = \frac{8}{15} \pi R^5 D \frac{1 \times 5 \alpha n}{1 \times 5 n}.$$

Supponhamos que o Sol não perde massa.

Chamando  $\omega$  a velocidade angular, temos  $\omega J = p$ , sendo  $p$  constante. Eliminando  $J$  e  $D$  entre as tres equações e, designando por  $\beta$  a parte dependente de  $\alpha$ , teremos  $p^2 = \omega^2 R \cdot M^2 \beta^2 R^3$ .

Ora, actualmente temos

$$\omega'^2 R' = \frac{1}{28000} \times \frac{g M}{R'^2} \text{ ou } p^2 = \frac{1}{28000} g M \beta'^2 R'$$

e portanto se o Sol não perdeu massa, podemos eliminar  $p$  e virá

$$\omega^2 R = \left( g \frac{M}{R^2} \right) \times \frac{1}{28000} \left( \frac{\beta'}{\beta} \right)^2 \frac{R'}{R}$$

que realmente mostra que por muito grande que seja a variação da lei da densidade,  $\frac{\beta'}{\beta}$  não variará muito e a força de attracção deve ter predominado sempre.

Ora, rejeitando a intervenção do calor, que dilatava a atmosphaera solar para mais tarde se contrahir e abandonar as massas planetarias; rejeitando tambem a condensação do Sol, espalhando pelo espaço os planetas em formação—imaginemos, com mr. Faye, a materia do nosso systema diffundida homogeneamente em um espaço globular enorme, muito para além da orbita de Neptuno.

A attracção de uma massa assim constituida sobre os pontos interiores é proporcional á sua distancia ao centro, e esses pontos descreverão circulos ou ellipses cujo centro coincide com o centro da massa, quando postos em movimento por alguma força impulsiva.

Se esta materia diffusa, além do seu movimento de translação no espaço, fosse tambem dotada de um movimento turbinoso <sup>(1)</sup> sobre um eixo, poderiam formar-se zonas ou anneis circulares, de preferencia nas proximidades do plano equatorial, emquanto que a materia das regiões estranhas a estes movimentos regulares cahiria para o centro descre-

(1) Na constellação dos *Lebreus* existe uma nebulosa em spiral, perfeitamente traçada, com dois centros de condensação e rasto de materia diffusa.

vendo orbitas ellipticas muito alongadas. Este movimento, combinado com a resistencia do meio, provocaria certamente a formação do nucleo, a condensação progressiva da materia no centro do systema, combinada com a acção d'ora ávante continua e crescente da attracção central.

Assim diminuiria constantemente a resistencia do espaço; appareceria naturalmente o desenvolvimento do calor, porque se sabe que quando uma massa gazosa se concentra ha transformação de trabalho em calor equivalente por equivalente; e o systema tenderia sem interrupção para o seu estado actual, condensando-se os nucleos, diminuindo o raio das orbitas, e accelerando-se os movimentos. Os cometas, que difficilmente se imaginam estranhos ao nosso systema, poderiam explicar-se como provenientes de materia de ordinario extra-equatorial, e até mesmo das regiões polares, que conseguisse atravessar, descrevendo a sua longa orbita, a parte central do systema, e n'este seu movimento soffrendo a acção ininterrompida do Sol que se condensava, acabasse por descrever ellipses cujo foco coincindisse com o centro da primeira orbita. Os movimentos d'estes corpos poderão ser directos ou retrogradados, e grande ou pequena a inclinação das orbitas.

Retomando a lei das densidades já formulada, explicam-se os phenomenos de rotação de Urano e Neptuno.

Procurando o quadrado da velocidade tangencial e determinando a sua variação relativamente á distancia, encontra-se que a velocidade cresce até

$$r' = \left( \frac{2}{3} \frac{1 + 3n}{(1-\alpha)(1+2n)} \right)^n$$

decrecendo depois. A zona formada além de  $r'$  tem maior velocidade interior do que exterior, e, se pela condensação der logar a um planeta o seu movimento deve ser retrogrado.

Eis os pontos capitaes da concepção que mr. Faye substitue á hypothese de Laplace. Que esta hoje não explica, ou melhor, que esta hoje se oppõe a factos bem averiguados é innegavel; mas que as idéas de mr. Faye possam ser elevadas á cathegoria de hypothese scientifica tambem nos parece muito contestavel.

A nitidez e precisão da hypothese de Laplace, que desaparecem completamente, substituem-se umas explicações vagas de mais para satisfazerem; no entanto parece-nos uma tentativa de reconstrucção curiosa e bastante digna de attenção, e que poderá servir de ponto de partida para uma verdadeira theoria completa e precisa.

Coimbra.

LUIZ WOODHOUSE.

---



---

## ESPHYNGE ETERNA

Ce qui est au delà du savoir positif, soit, matériellement, le fond de l'espace sans borne, soit, intellectuellement, l'enchaînement des causes sans terme, est inaccessible à l'esprit humain. Mais inaccessible ne veut pas dire nul ou non existant.

.....  
 C'est un océan qui vient battre notre rive, et pour lequel nous n'avons ni barque ni voile, mais dont la claire vision est aussi salutaire que formidable.

É. LITTRÉ.

Aquella estranha Voz que sôa a meus ouvidos  
 cheia de maldições e cheia de gemidos,  
 como a voz de Kain vibrando a immensidade  
 da funda escuridão d'uma longinqua edade;  
 aquella estranha Voz prophetica e sublime,  
 que sem tremer combate as repulsões do crime  
 com a força gigante e a valentia heroica  
 da serena expansão d'uma firmeza estoica,  
 e muitas vezes toma o rude e largo acento,  
 que é o verbo da Justiça e a luz do Ensinamento;  
 aquella estranha Voz que eu ouço alem vibrar  
 como o enorme bramido insolito do Mar;  
 que o mais largo Porvir descerra e prophetisa  
 mostrando-nos ao longe o Bem como divisa;  
 que accende do Passado a chamma transitoria  
 e vem das solidões cahoticas da Historia,

— responde com despreso e rudes ironias  
 aos problemas crueis e ás duvidas sombrias  
 que ferem a Rasão como aceradas lanças!  
 Debalde tento erguer as velhas Esperanças

aos páramos do Ceu alevantando os olhos...  
Mas a Rasão baqueia entre parceis e escolhos,  
a Consciencia treme, a Consciencia hesita.  
Não basta contemplar a abobada infinita,  
não basta unicamente ouvir dizer que Deus  
habita na região vastissima dos Ceus.  
Não basta compulsar os livros de Moysés  
nem olhar como um crente os astros e as marés,  
ou saber que Israel passára o Mar Vermelho.  
Não é sufficiente a letra do Evangelho...  
P'ra salvar a Rasão das trévas onde cæe  
inflammem-se de novo as sarças do Sinay!  
Que o saber alimente e eleve a Intelligencia!  
Para tranquillisar a nossa Consciencia  
não basta simplesmente o que nos diz a Fé:  
o que ensinou Jesus e o que ensinou Mahomet.  
Andam as religiões em continuada lucta.  
A Fé encheu na Grecia a taça da cicuta,  
alevantou a Cruz no cimo do Calvario,  
e no doido furor de monstro sanguinario  
para abafar a voz da Rasão, que troveja,  
encerrou Galileu nos carcerees da Igreja;  
e como um sacrificio ao Deus sombrio e fero  
mandou queimar João Huss e excommungou Lutherol

Vale mais do que a Biblia e mais que o Alkorão  
a radiosa luz d'uma constellação.

A Natureza é como um grande livro aberto.  
Mas se acaso a Rasão, no grande vôo incerto,  
procura descobrir as Causas e as Origens,  
apossam-se de nós as tragicas vertigens  
que nos podem levar, num rude cataclysmo,  
aos marasmos da Fé e ás sombras do Atheismo!  
Se procuro saber que força incoercivel,  
que prodigioso Ser, que espirito intangivel  
d'um só jacto arrancou do Cahos o Universo;  
se procuro saber que Genio anda disperso  
na grande solidão da azulea curvidade;  
se pergunto:—Quem foi que deu á Immensidade  
o lampejo dos sóes e das constellações

cravadas no Infinito?—As mil revoluções  
dos astros immortaes na orbita gigante,  
quem foi que as regulou no seu gyrrar constante?  
Em meio da incerteza e do cruel tormento  
deixo-me arrebatado na aza do Pensamento...  
Mas o mysterio atroz e horrivel em que scismo,  
tem a attracção fatal, tem a attracção do abysmo!  
E entre o Principio e o Fim o espirito oscillando,  
com a ancia febril do sabio meditando  
na grande soluçã d'algum problema eterno,  
é como uma bandeira aos vendavaes do inverno!

Na tremenda loucura e no tremendo incendio  
da Duvida que esmaga e que é um villipendio  
ao poder da Rasão, da Intelligencia Humana,  
empenho-me de novo em outra lueta insana!  
Interrogo o Passado, as religiões e os mythos,  
os povos e as nações, os idolos e os ritos...  
mas quando dou começo á minha lueta ingloria  
ouço de novo ao longe a rude voz da Historia.  
Cheio de hesitações e de perplexidades  
entro calado e só no Templo das Edades.  
Ao transpôr os umbraes da tenebrosa nave  
humilimo e sereno e respeitoso e grave,  
abysma-se a Rasão no immenso labyrintho...  
Vejo ante mim, de pé, todo o Passado extincto!  
E aquella estranha Voz que sôa a meus ouvidos  
como um soturno côro enorme de gemidos  
vibra na immensa nave e falla-me:

«Poeta!

Debalde attingirás a ambicionada meta.  
Jámais encontrarás a soluçã que buscas.  
Nessa batalha horrenda a intelligencia offuscas  
sem que vejas brilhar o facho da Verdade.  
Pódes interrogar o Ceu e a Immensidade,  
a aguia que esvoaça e as aguas murmurantes,  
as nevoas matinaes e os astros scintillantes,  
o monte que se eleva ao firmamento azul,  
os rumores da selva e os furacões do sul.  
Pódes interrogar os mysticos segredos

que fizeram brotar os cedros e os rochedos,  
os mysterios do amor, dos berços e dos ninhos. . . .  
Has de rasgar os pés nestes sarçaes maninhos,  
que a Razão não descobre e a Sciencia não attinge,  
mas não decifrarás a tenebrosa Esphyngel!

Pódes interrogar os deuses fabulosos,  
os mythos orientaes, os ritos caprichosos,  
os idolos mongoes e as tribus africanas,  
que nada mais verás do que ficções humanas!  
Em vão procurarás o Verbo scintillante  
nos labios de Platão e na razão de Kant.  
Nunca descobrirás esse fatal problema.  
Se o buscas, tomarás neste cruel dilemma:  
despresar a Sciencia ou abraçar a Fé!

Investiga, interroga e estuda em toda a parte  
os problemas da Sciencia e as intuições da Arte.  
Vôa do Mar do Norte aos indicos palmares,  
dos paizes do Sul ás regiões polares  
interrogando a Terra e interrogando o Homem. . . .  
Nunca dissiparás as trévas que te somem  
a vasta solução em que d'ha muito scismas,  
em que a tua razão e a intelligencia abysmas!  
Se ousares perguntar:—Quem arrancou o Mundo  
do Cahos primitivo horrivel e profundo;  
quem foi que deu as leis que regem a Materia  
e os astros dissipou pela amplidão etherea. . . .  
—hão de te responder sinistros e velozes  
na grande confusão dos gritos e das vozes:  
os indios bradarão, num gesto reverente,  
que o Eterno Creador foi Brahma Omnipotente;  
na China hão de clamar que foi a luz do Sol. . . .  
E em toda a parte e sempre, o arabe e o mongol,  
no Egypto e no Japão, selvagens e judeus,  
cada um ha de bradar por seu diverso Deus!  
A Trindade Christã, o Ser Supremo, Allah,  
são ficções que a Rasão de todo expulsará:  
como Jupiter, Zeus, Cybeles e Saturno,  
nas sombras do Passado immergem a seu turno:  
o Olympto está deserto; os deuses exilados

andaram-se a exhibir na rampa dos tablados,  
A Rasão que salvou a Humanidade escrava  
envolveu Jehovah na sua ardente lava,  
e extinguiu para sempre a treva—Preconceito!

Eu quiz desopprimir-te o suffocado peito,  
e arrancar-te de lá o ultimo prejuizo. . .  
Hoje ninguem receia o *Dia do Juizo*,  
que os deuses, como vês, são todos verdadeiros  
como os heroes d'Homero, os inclitos guerreiros. . .

Fatal contradicção da miseravel sorte!  
Que tudo venha a ser tocado pela Morte!  
Que nada, nada seja eterno e perduravel,  
e tudo se transforme! E' como os furacões,  
o Tempo, que destroe as crenças e as nações!  
*Ceci tuera cela. . .*

Mas nunca desesperes.  
Para que o sentimento e a força retemperes,  
contempla com assombro o Espaço e a Natureza,  
e deixa-te enlevar na esplendida grandeza  
dos astros e dos sóes, constellações e mundos!  
Os teus olhos febris, cavados e profundos,  
hão de arrancar talvez o mystico segredo  
às convulsões do Mar e às vozes do arvoredo!  
A Sciencia não chegou a descobri-lo; a Arte,  
às regiões do Ideal é que ha de arrebatá-lo,  
nos vãos da Intuição! . . .

Assim fallara a Voz,  
que o echo repetiu num fremito veloz  
que se perdeu no Espaço. Olhei então á roda:  
a Primavera enchia a Natureza toda  
de perfumes e sons—tudo formava um cantico.  
Parecia um espelho o rumoroso Atlantico.  
O largo Sól pairando enorme e rutilante  
no gyro colossal da ecliptica gigante,  
beijava—austero amigo—os lyrios das campinas,  
coloria, esmaltava os trevos e as boninas,  
fazendo scintillar cheio d'ignotos brilhos  
o bosque rumoroso e os lourejantes milhos!

Ao vêr por toda a parte a Natureza em flôr,  
num connubio sagrado em convulsões d'amôr,  
de joelhos adorei o Espirito secreto,  
que fez brotar no monte o solitario abeto  
e fecundou no prado o cardo trivial....  
No grande turbilhão da Vida universal  
existe um Deus occulto ... A flôr que desabrocha  
em meio d'aridez, das fendas d'uma rocha,  
é uma alma que se expande....

Em impetos nervosos,  
beijei da Natureza os flancos uberosos  
nos arroubos febris d'um extasis-constricto...

Cheio de gloria, o Sol, pairava no Infinito!...

Coimbra.

ANTONIO FEIJÓ.

---

### DUAS PALAVRAS DE PHILOSOPHIA

Pensam muitas pessoas, alheias e indifferentes á marcha de moderno espirito phylosophico, ou systematicamente inimigas de toda a innovação por interesse, por ignorancia ou vicio de intelligencia e educação; pensam que a phylosophia positiva é um systema devido á pre-occupação obstinada de um espirito enfermiço, ou quando muito resultante do isolamento orgulhoso de um pensador mal humorado e rebelde. Suppõe que essa phylosophia, que tem visto alargar o seu campo e crescer o numero dos seus adeptos com a marcha dos acontecimentos em todas as espheras da actividade contemporanea, foi uma concepção de alguma maneira repentina e isolada, sem raizes na grande massa de conhecimentos e sciencias particulares. Ha até quem queira sustentar e pretenda diffundir a idéa de que a philosophia positiva, nos seus inicios abandonada e quasi desconhecida, deve os seus successos e vulgarisação actuaes ao auxilio dos partidos revolucionarios, que vêem no caracter subversivo d'aquella philosophia um meio excellente de reunir e agrupar os dissidentes na politica, na sciencia, na religião, os perturbadores da ordem, os conspiradores de toda a organização so-

cial respeitavel, isto é theocratica e religiosa, emfim, os atheus, os republicanos, os socialistas, os demagogos, os reprobos.

Estas opiniões, que afinal o proprio positivismo considera como representantes de estados mentaes atrazados, e explica por motivos perfeitamente claros e comprehensíveis, precisam de ser refutadas, combatidas e eliminadas. E corre aos positivistas o dever de o realizar com toda a serenidade sem se apaixonarem com as invectivas, as injurias, os arremessos que por calculo ou irreflectidamente lhes possam dirigir.

Não foi o positivismo comtista a preocupação obstinada nem a concepção solitaria e orgulhosa de um pensador. Embora tal philosophia fosse delineada nos seus traços mais salientes em uma epocha fertil pelas concepções philosophicas, não só em sciencias naturaes, mas sobretudo nos conflictos economicos, industriaes e sociaes; embora Augusto Comte principiasse por sectario d'esse celebre Saint-Simon, que tanto ruido promoveu entre os economistas e socialistas nascentes: o grande philosopho não se inspirou, para constituir a parte fundamental do seu systema, das aventuras emocionistas e sentimentaes proprias d'aquellas tentativas, nem dos alvoroços irreflectidos dos alchimistas de uma nova pedra philosophal. A inspiração comtista, isto é, a chave e o fundamento da sua philosophia, encontra-se nas origens scientificas que elle foi compulsar e meditar. Por um lado as mathematicas estavam para assim dizer constituidas com a pleiade de mathematicos que desde Viete e Descartes chegára até Laplace. Por outro lado a chimica, a physica, a historia natural, a anatomia, a physiologia, pelo trabalho incomparavel dos seus iniciadores, tinham assentado as grandes bases da sua constituição e descoberto os largos horisontes do seu desenvolvimento e aperfeiçoamento. A propria sociologia, ainda nem sonhada talvez, apresentava, nos mesmos esforços dos utopistas, as premissas indecisas e os lineamentos obscuros de futura definição systematica, ao passo que os primeiros problemas industriaes, colligando materialmente as sciencias e as necessidades sociaes, mostravam já a cadeia de relações que estabeleceria a continuidade, essencial em uma philosophia completa.

Foi n'este meio um pouco cahotico que Comte appareceu com a sua capacidade portentosa de coordenação e synthesc. Dotado de faculdades de estudo absorventes e assimiladoras até ao prodigio, disciplinado no começo dos seus estudos com os methodos da analyse, embebecido pelas doutrinas que em torno fervilhavam, e das quaes resaltava timidamente a plena restauração das sciencias naturaes e a sua unidade, o reformador poude encontrar o fio philosophico que devia dirigir as sciencias particulares, e obter a organização e coordenação definitivas

dos conhecimentos esparsos e na apparencia contradictorios que se iam accumulando.

Resume Littré, seu continuador e discipulo, o sabio veneravel que soube desembaraçar a doutrina do mestre do que ella tinha de abstruso, de completal-a no que tinha de imperfeito, de affeçoal-a aos progressos mais recentes e transformal-a em harmonia com o seu espirito nas partes que o estudo ulterior ia pedindo; resume, dizemos, por estas eloquentes palavras os serviços de Comte: «M. Comte fût illuminé des rayons du génie. Celui qui, à l'issue de la mêlée confuse du XVIII<sup>e</sup> siècle, aperçut, au commencement du XIX<sup>e</sup>, le point fictif ou subjectif qui est inhérent à toute théologie et à toute métaphysique; celui qui forma le projet et vit la possibilité d'éliminer ce point, dont le désaccord avec les spéculations réelles est la grande difficulté du temps présent; celui qui reconnut que, pour parvenir à cette élimination, il fallait d'abord trouver la loi dynamique de l'histoire, et la trouva; celui qui, devenu, par cette immense découverte, maître de tout le domaine du savoir humain, pensa que la sûre et féconde méthode des sciences particulières pouvait se généraliser, et la généralisa; enfin celui qui, du même coup, comprenant l'indissoluble liaison avec l'ordre social d'une philosophie qui embrassait tout, entrevit le premier les bases du gouvernement rationnel de l'humanité; celui-là, dis-je, mérite une place, et une grande place, à côté des plus illustres coopérateurs de cette vaste évolution qui entraîna le passé et entraînera l'avenir».

Para chegar a estes grandes resultados o trabalho de Comte foi verdadeiramente extraordinario. Não só teve de possuir toda a sciencia do seu tempo, mas de ser dotado de uma imparcialidade e lucidez incomparaveis. Com esses dois elementos, com o assombroso poder de concepção e coordenação que possuia, elle poude comparar os innumerados factos, proprios a todos os grupos scientificos artificiaes então existentes, dirimil-os e coordenal-os em series, extrahir d'elles o principio ou lei que os ligava entre si, e combinal-os por fim serialmente na sua ordem natural. Soube descriminar para cada grupo, assim constituido, o valor dos methodos de investigação, que, sendo sempre os mesmos para todas as sciencias, têm todavia diverso papel, consoante a complicação e hierarchia da sciencia a que se destinam e servem. Soube finalmente constituir com elementos considerados antinomicos, com a massa ingente e confusa de sciencias incipientes, e mal seguras em suas tentativas, um corpo geral de doutrina admiravel, que, se tem sido encontrada menos verdadeira em muitas particularidades, se tem sido desmentida ultimamente, em pontos especiaes, pelos progressos mais recentes, pela descoberta de novos factos, pela constituição força-

da de outras sciencias, nem por isso perde nada do seu espirito geral, synthetico, da sua coordenação logica, historica e natural.

Se o positivismo, pois, não proveiu de uma obstinação subjectiva e pessoal, rebelde e orgulhosa, nem foi architectado isoladamente e fóra do rigoroso exame dos factos, antes nasceu da contemplação meditada e analytica da sciencia do tempo; se jungiu por uma lei de continuidade o patrimonio da sciencia humana, desde os seus inicios axiomáticos e elementares até á sua intrincação humanitaria e social; se essa philosophia, expurgada dos erros e imperfeições a que está sujeita sempre a obra do homem, se alarga cada vez mais, e, ao contrario de muitos outros systemas, recebe no seu amplo dominio, para catalogar, os multiplices factos, as novas theorias, e até as hypotheses, que o movimento incessante de investigação universal vae produzindo na tela scientifica; se está demonstrado que longe de ser um codice immutavel, e portanto, como todos os evangelhos, opposto á propria natureza do espirito humano, é uma disciplina maravilhosa que abre seguramente cada dia novas fontes á exploração; que sem esforço recebe na sua comprehensão systematica, os estudos e descobertas recentes, pondo em evidencia as suas leis e relações:—se o positivismo preenche todos esses requisitos, é que não só chegou opportunamente pelo momento em que appareceu, mas até porque conciliou em uma subida constituição synthetica o espirito geral de todas as sciencias.

O outro erro dos que agora pretendemos refutar consiste em attribuir os successos do positivismo ao interesse que d'ahi auferem as escolas politicas avançadas. Ora a questão é outra inteiramente. O positivismo veio mostrar em sociologia as inconveniencias da sentimentalidade revolucionaria. Por este motivo dirimiu claramente o que em politica eram seguras aquisições, do que eram apenas hypotheticos enlevos. Encontrando a lei dinamica da historia mostrou a cada escola revolucionaria o que havia de legitimo e logico em suas aspirações e o que era symplemente metaphysico, incoherente e extemporaneo. A auctoridade da philosophia foi crescendo pelo rigor das suas leis e previsões; homens de superior quilate, deixando-se dirigir por ellas, obtiveram resultados praticos e soluções uteis, que d'outra fórmula se não poderiam jámais alcançar. Assim, pois, aquelles mesmos que, por vicio de sciencia ou de temperamento, se costumam deixar mover por desejos impacientes e prematuros, começaram a entender que era preciso sujeitar-se a um criterio e disciplina philosophica, sem a qual poderiam perturbar a evolução humana, mas nunca servil-a com proveito. Desde então a democracia européa tem caminhado de victoria em victoria seguramente, pacificamente.

Não foram, pois, os partidos revolucionarios buscar á philosophia positiva o apoio necessario aos seus successos e occurências. O que elles têm feito é ir abandonando todos os dias as pretensões inconvenientes e irracionaes; têm-se despido successivamente de cada uma das suas exaggerações perturbadoras; têm-se ligado e adstricto mais apertadamente ás leis sociologicas que o positivismo vae determinando. A philosophia positiva é uma systematisação serena e fria; os partidos revolucionarios são orgãos de acção, violentos muitas vezes. Para que elles alcancem o successo, não basta tomar essa etiqueta philosophica, e continuar indisciplinadamente no mesmo caminho anterior; é necessario contentar-se com as soluções regulares, e pelos seus meios de acção e propaganda, ampliar o ambito d'essas soluções e tornal-as mais proveitosas e generalisadas.

Ahi está como se restabelecem com a maxima facilidade alguns dos muitos erros e preoccupações que grassam entre individuos, ás vezes dotados das melhores intenções, mas separados por muitas causas do percurso que seguem no mundo as doutrinas scientificas e philosophicas, cujo advento, em vez de ser um accaso, é meramente um producto complexo do proprio labor d'esta maravilhosa evolução que, como disse Littré, arrastou o passado e arrastára o porvir.

AUGUSTO RECHA.

## OS PÓS D'ARROZ

— Historia de uma iniciação —

(CONTO)

(Continuação)

Dous dias se passaram sem que Roberto voltasse a casa de sua tia. Ao terceiro appareceu, no fim do jantar.

Estavam ainda á mesa, numa bella salla fresca que dava sobre o terraço d'onde a vista abrangia o delicioso panorama da Fóz. Uma meia claridade, entretida pelas persianas verdes, afogava a salla e os moveis numa obscuridade pensativa e doce. A mobilia em raiz thuya com incrustações de pau preto, sobresahia num tom avermelhado sobre o fundo escuro do papel côr de chumbo *moiré*. Ao centro da salla a

mesa elliptica allumiava-se de reflexos coloridos nos seus crystaes facetados sobre a mancha immaculadamente branca da toalha russa adamascada.

As duas senhoras sentadas *vis-á-vis* não trocavam uma palavra. D. Marianna corria com a vista um jornal. Paulina com a cabeça cahida para traz, encostada ao espaldar elevado da cadeira, perdida numa distracção sem limites, olhava no vago afagando machinalmente um grande Angora branco e nervoso.

Roberto entrou seguindo seu pae, um velho pequenino, de cabellos côr de neve, direito e rijo como um rapaz, typo de velho negociante inglez retirado do commercio.

Houve uma alegria enorme pela visita, recriminações entre os dois irmãos por ausencias sem motivo.

Roberto sentou-se ao pé da prima e disse-lhe com o seu bom sorriso, translucido de franqueza:

—Acho-te hoje triste. Não pareces a mesma...

Paulina córou.

—Não tenho nada. E' imaginação tua.

—Antes assim. Eu odeio os tristes. A tristeza é uma cousa inutil.

E depois de uma pausa:

—Mas para que estás tu aqui na sombra?... Vem tomar ar para o terraço.—O nosso terraço! Lembras-te o que aqui brincamos? Tenho mesmo na idéa aquelle dia em que tu ficaste dependurada para o lado de fóra do parapeito, sobre o quintal das visinhas.... E eu afflicto, sem poder contigo, a chamar por tua mãe. Recordas-te tia Marianna?

Roberto já tinha subido uma persiana e fallava da hobreira da janella.

—E outra vez com o Carlos quando elle queria roubar os pecegos d'aquella visinha muito velha.... como se chamava ella?... Joaquina.... a senhora Joaquina, justamente. Pobre Carlos! Nunca mais o tornei a ver.... Disse-me hontem a tia Eduarda que estava casado para o Alemtejo. Sabes alguma cousa d'elle?

Paulina alguma cousa sabia que a fez redobrar de rubor.

—E' bem infeliz, disse ella, sahindo para o terraço.

—Infeliz? em que?

—Desintelligencias de familia....

—Com o pae talvez? O pae gostava mais do irmão Jorge...

—Não.... Se fôsse com o pae....

—Então não se dá bem com a mulher?!

—Parece que não....

—Oh! pobre rapaz! Pois era digno de melhor sorte se deu o que promettia. Talvez leviandades de paixoneta. Casou-se de certo com alguma *coquettesinha* que o acceitou logo, para se ver *senhora de si*, como ellas dizem.... Mas é que é uma desgraça, Paulina! Estas senhoras portuguezas estão de todo. Hoje, por um acaso, estive na Praça Nova. Encontrei alguns rapazes do meu tempo que me reconheceram.

Que linguas! Não vi passar ninguem, que não levasse golpe na casaca. Se é certo o que aquelles senhores dizem das meninas do Porto, não se póde casar aqui. Eu tambem. . . .

E calou-se com uma reticencia, como se notasse que tinha sido talvez franco de mais.

Paulina estava escarlate.

Roberto notou-o e sentiu uma picadella de remorso na consciencia.

—Fui brutal e inconveniente, disse consigo. Talvez esta pobre estouvada tenha no fundo a materia prima de uma bôa rapariga.

E como a fitasse mais, escapou-lhe um *oh!* sinceramente admirativo.

Paulina não trazia pós d'arroz e desfrizára o cabelo! Porque seria?! . . .

—Que quer dizer esse *oh!*? perguntou ella com espanto.

Pela sua vez Roberto córou. Sentia-se embaraçado. Mas de repente tomou uma resolução:

—E' o principio de um cumprimento que te dirijo por teres abolido o pó d'arroz e os frisados.

Paulina sentiu o cumulo da perturbação.

—Ora essa! murmurou ella enleuada.

—E prasa a Deus, continuou Roberto sorrindo-se, que esse propósito de desterrares do teu toucador tão antipathicos ingredientes prevaleça no teu espirito. . . . por toda a eternidade.

—Mas que mal te podem fazer os nossos pobres pós d'arroz?

—Que mal? Nenhum, está claro. A mim só me fazem rir. Eu odeio-os como odeio toda a mentira, toda a hypocrisia, todo o disfarce ridiculo. Custava-me ver-te com elles, porque te não davam o bom ar que o meu affecto me fazia desejar que possuisses. Assim estás mais sincera, mais como tu és. E accredita, Paulina, que uma mulher é tanto mais distincta quanto mais simples são as suas *toilettes*, e as suas maneiras. Vocês, as senhoras portuguezas, têm o modelo invariavel de Pariz. Que horror, pequena! A moda francesa é a cousa mais *shocking* que eu conheço. Não te rias! Achas-me talvez banal tratando com tanto fogo um assumpto de *toilette*? Mas não tens razão. De ordinario pela *toilette* se conhece a mulher. . . . Uma rude franqueza, Paulina. Eu aposto como tu, com os teus vinte e tres annos nunca pensaste um segundo no que farias se amanhã te achasses casada. Ganhei? . . .

Paulina sorriu-se embaraçada.

—Se eu logo vi, pequena! Olha, ante-hontem, quando te abracei, disse comigo ao ver todo o teu luxo: —Minha prima não sabe o que vae hoje jantar.—E sabes tu porque? Porque mulher nenhuma levanta a tampa de uma caçarola quando está de roupão de *faille* e rendas Malines!

Uma grande reacção do seu temperamento communicativo de meridional, lavava-o a adiantar-se desmesuradamente no seu interesse por Paulina.

—No fim de contas, eu não posso ver-te assim nesta despreocupa-

ção portugueza de tudo o que é serio. Tu no fundo és uma boa rapariga, e a prova é que me aturaste todo este massudo sermão de moralista. Se fôres minha amiga, juro fazer de ti a mais invejavel mulher do mundo. O desterro d'esses impossiveis pós d'arroz foi para mim uma revelação.

LUIZ DE MAGALHÃES.

(Continúa).

## BIBLIOGRAPHIA

### III

#### SONETOS por Anthero do Quental—Bibliotheca da RENASCENÇA—I volume—edição de luxo.

E' uma grande obra n'um pequeno volume. Apenas vinte e oito sonetos em endecassylabos, que se lêem em quinze minutos, mas que deixam uma impressão profunda e duradoura.

O nome que firma esses sonetos é o de um homem a quem uma fatalidade pathologica impediu de assumir o elevadissimo e extraordinario papel que lhe estava reservado na nossa litteratura e, porventura tambem, na nossa politica. E este prognostico podiam fazel-o ha quinze annos todos os que então lêssem essas duas vigorosas e nobilissimas cartas intituladas *Bom senso e bom gosto* e *Dignidade das lettras*, em cujas paginas ardentes e elevadas o sr. Anthero do Quental derrubava para sempre um monopolio critico-litterario, que conseguira reprimir nos limites chatos da banalidade, incensada de esturro classico, as tendencias poeticas e artisticas do espirito nacional.

Um pouco antes d'essas cartas—que nos revelavam um caracter de uma inflexibilidade antiga, tão imponente como sympathico—tinham sido publicadas as *Odes Modernas*, um grande livro, que a par da *Visão dos Tempos* marcará uma renovação brilhante na historia da poesia portugueza. As *Odes Modernas* caíram como um escandalo no meio da pacatez quintillianesca em que o espirito academico e artificial do Visconde de Castilho havia conseguido adormentar o talento dos novos poetas. Os criticos clamaram *urbi et orbi*, pela tuba dos seus pamphletos, que o sr. Quental era um doudo, que ninguem entendia os seus versos,—tão transviados andavam elles nas nebulosidades do metaphysicismo allemão; e grammaticos ineptos sorriram-se com desdem de poesias que começavam por uma adversativa sem a previa reticencia... Isto põe a claro o estado lastimoso da opinião critica d'esse tempo; e a vasta colleccção de pamphletos, que este debate originou,

é uma prova inestimavel do ponto a que haviam baixado a independencia do pensamento e a dignidade litteraria, das quaes, pouco mais de meio seculo antes, tinham sido victimas, entre outros grandes vultos, Bocage e Francisco Manoel do Nascimento.

As *Odes Modernas*, profundamente revolucionarias, vieram dar um grande impulso, vieram pôr em movimento a energia poetica de um povo, cujo espirito litterario soffria de uma longa somnolencia morbida. Desde então um novo caminho estava aberto aos futuros poetas, e este grito de independencia promettia o renascimento da originalidade e da espontaneidade pessoal dos talentos. Taes esperanças não foram desmentidas: os nomes de Guerra Junqueiro, Gomes Leal, Penha, Crespo, Manoel Duarte de Almeida, Guilherme Braga, Simões Dias, Guilherme de Azevedo, Sousa Viterbo e de outros muitos, firmaram — e outros firmam ainda — na nossa poesia, obras de um extraordinario alcance, e de uma inspiração por vezes assombrosa, como na *Morte de D. João* e em alguns cantos enormes do *Anti-Christo*.

Tal foi o resultado d'essa gloriosa campanha de Parnaso em que tanto se distinguiram os auctores da *Visão dos Tempos* e das *Odes Modernas*.

Depois de um longo silencio, a musa do sr. Quental falla de novo. Temos os seus *Sonetos*, que — comquanto não sejam litterariamente uma novidade — têm agora o incontestavel valor de se acharem reunidos de modo a unificar o seu pensamento, e a pôl-o em evidencia, salientemente.

Para fazermos uma critica justa e sincera, como a requer o nome superior e respeitabilissimo do poeta das *Odes Modernas*, temos de considerar os seus *Sonetos* sob dous pontos de vista — a idéa e a fórma: mais claro, a affirmação ideal que elles contêm, e depois o modo artistico como tal affirmação é pessoalmente percebida e realisada.

Quanto ao primeiro, diremos desassombradamente que os *Sonetos* do sr. Quental não se nos affiguram um progresso sobre as suas *Odes*. O pensador que se elevava acima da *sensiblerie* piegas do seu tempo para voar audazmente, e lançar na alta atmosphaera dos ideaes novos o seu grito victorioso d'aguia, emquanto cá em baixo, no bucolismo das hervinhas e das olaias, a cigarra de Anacreonte chiava as suas cantigas estafadas; o pensador que agitava nos seus versos um vulcão de sentimentos modernos, que desejava ver na ultima hora

*o claro sol, amigo dos heroes,*

que se lançava ao Futuro tendo inscripto na flamula da sua lança adamantina a luminosa divisa do Goëthe; esse pensador tão nobre, tão digno, tão heroicamente independente, que, com pouco mais de vinte annos, em dous pamphletos nervosos e energicos impunha de momento o seu nome ao respeito de um publico, raramente acatador; esse

pensador, dizemos nós, affigura-se-nos recolher-se como um asceta contemplativo ás regiões subjectivas do seu espirito, aniquilar-se inutilmente como um buddhista allucinado, quando troca nos *Sonetos* o seu antigo ideal poderoso e affirmativo de Vida e de Crença pelos terrores da Duvida e do Scepticismo, pela apologia da Morte e do Nada, pela absorpção negativa do seu pensamento na noute sepulchral de um transcendentalismo mystico e visionario.

Se os *Sonetos* do sr. Quental são pequenas syntheses psychologicas — e como tal os temos de considerar no segundo aspecto sob que olhamos a sua obra—então só nos cumpre fazer um leve reparo, e esse confirmará a accusação de *pessimismo* que levantamos contra o grande poeta. Porque é que o sr. Quental se reduz unicamente a representar-nos estados de espirito negativos e pathologicos? Porque sempre a duvida? porque sempre a descrença? porque sempre o idealismo mystico? e porque nunca um typo affirmativo e saudavel, uma incarnação das crenças novas, do valor moral, da alegria, do amor, da vida emfim?—E' uma negação da philosophia moderna? é um retiro brusco e misanthropico atraz do reducto selvagem e incommunicavel da philosophia de Schopenauer e Hartmann? Então a nossa queixa subsiste, e é bem amarga verdade o que affirmâmos dos *Sonetos*.

Sob o ponto de vista da forma, o unico adjectivo que exprime com verdade a impressão que os *Sonetos* deixaram no nosso espirito é este —assombrosos! Como representação artistica de estados psychologicos a nova obra do sr. Quental eleva-se a uma tal altura de perfeição, que nós, mais do que perante as suas *Odes*, nos curvamos reverente á vista de um talento que nos deslumbra e assombra. Aquelles vinte e oito sonetos têm lampejos de genio, d'esse genio profundamente synthetico que divinizou e immortalizou o nome de Shakspeare. E' impossivel em quatorze versos dar com mais nitidez e profundidade a nota de tantos e tão complexos estados moraes. N'alguns sonetos o quadro tem fundos dantescos e typos apocalypticos: *Mors-Amor*, *Mors Liberatrix*, *Divina Comedia*, o segundo e terceiro sonetos do *Elogio da Morte*, *O Inconsciente*, *Quia aeternus*, *Espiritualismo*, *O Convertido*, *Ignotus* e *Nirvana* são para nós verdadeiros poemas. O artista é cada vez maior, e sob este aspecto as *Odes Modernas* são inferiores aos *Sonetos*.

Sentindo que o philosopho houvesse retirado o seu espirito de uma peleja, em que o seu enorme talento tinha um tão grande papel a desempenhar—nós, da nossa obscuridade, saudamos com enthusiasmo o nome prestigioso e respeitado do que foi mestre e guia da nossa geração.

LUIZ DE MAGALHÃES.

# REVISTA SCIENTIFICA E LITTERARIA

N.º 3

FEVEREIRO

1881

## NECESSIDADE DO ESTUDO SCIENTIFICO DA FUNÇÃO COMMERCIAL

«L'histoire montre que l'esprit humain, nourri par un constant apport de connaissances nouvelles, grandit periodiquement au point de ne pouvoir tenir dans une enveloppe qu'il déchire pour apparaitre sous une forme nouvelle, de même que la chenille, qui se nourrit et grossit, brise sa peau trop étroite et en prend une nouvelle, elle même temporaire.»

E' assim que o celebre anatomista inglez Huxley caracteriza magistralmente o modo como se desenvolve o espirito humano pelo continuo augmento dos conhecimentos positivos. «De tempos a tempos, diz Büchner, a intelligencia humana, alimentada por um constante desenvolvimento de conhecimentos acha-se apertada no seu envolvero theorico, este rompe-se para um outro lhe succeder.»

Effectivamente, ao passo que umas hypotheses desaparecem deante de novos phenomenos que as contradizem, outras se levantam, que, harmonisando-se com elles, tiram o espirito do puro empirismo dos factos. É só por meio de continuas tentativas que podemos chegar a construir uma theoria, que ao mesmo tempo satisfaça ás mais altas aspirações do espirito humano, e se conforme com todos os phenomenos observados, reunindo-os debaixo d'uma lei geral.

A generalisação conduz a maior parte das vezes a resultados falsos por se fundar em dados insufficientes; porém, é só por meio d'essas tentativas prematuras que podemos chegar a attingir os principios definitivos que constituem a base das sciencias. É por este processo que todas ellas se têm formado, desde a astronomia, que remonta aos seculos 16 e 17, até á sociologia, que foi uma creação de A. Comte quasi no meado do seculo actual. Antes d'este philosopho havia apenas os materiaes espalhados por todas as camadas sociaes; foi elle que os assimilou, coordenando-os, encadeando-os uns aos outros, fazendo um corpo vigoroso d'aquillo que primeiro não formava senão um conjunto de membros dispersos e sem relação.

Como muito bem diz Haeckel, «uma doutrina puramente empirica, compondo-se exclusivamente de factos, não é senão um montão informe, que nunca merecerá o nome de construcção. Os factos brutos não são senão os materiaes, só o pensamento philosophico d'elles pôde fazer uma sciencia.»

Hoje a sciencia social, ainda que no periodo de elaboração, achase constituida, porque tem principios seus, methodos e processos proprios e um contheudo composto de phenomenos completamente distinctos de todos os que fazem objecto das outras sciencias. As suas ramificações, porém, apenas tem sido estudadas empiricamente, e as sub-ramificações mal se destacam do seu conjuncto por emquanto informe. Está n'este caso o estudo scientifico da funcção commercial, ou por outra, da funcção de distribuição no organismo social. Ella é um accessorio da funcção de nutrição, objecto da Economia politica, que abrange o estudo da producção, distribuição e consumo.

A sciencia commercial pôde, portanto, integrar-se na sciencia economica, como sendo um dos seus ramos mais importantes.

Sendo a sciencia commercial, ou antes o estudo scientifico da funcção commercial, uma sub-ramificação da sciencia social, devem-lhe ser applicados todos os methodos e processos de que esta usa, servindo-lhe ao mesmo tempo de base os principios por ella estabelecidos.

Effectivamente o aparelho commercial executa a funcção de distribuição no organismo social. É o facto da circulação, e só elle, que caracteriza scientificamente os actos commerciaes. E não se diga que a circulação é uma palavra muito vaga para servir de característica aos phenomenos d'uma sciencia; se muitas vezes não nos é possivel distinguir todos os casos em que ha circulação de productos, isso deriva da imperfeição de nossos meios actuaes de conhecimentos e não dos phenomenos em si.

Aquelle que quizesse argumentar com esse facto para contestar a legitimidade da sciencia commercial deveria, para ser consequente, negar a existencia da chimica, da biologia, da psychologia e da sociologia. Effectivamente onde acabam os phenomenos physicos para começarem os chimicos? Em que ponto é que o estudo das substancias albuminoides deixa de pertencer á chimica organica para fazer objecto da biologia? Que parte das funcções intellectuaes e moraes pertence á biologia e qual é a que faz objecto da psychologia? Quando é que o desenvolvimento intellectual, moral e esthetico deve deixar de se considerar um phenomeno do ser individual para se tornar uma manifestação do grande ser colectivo—a sociedade—?. E comtudo ninguem

hoje contesta a independencia das differentes sciencias na sua ordem hierarchica. A difficuldade está apenas em lhes traçar os limites.

O estudo da função commercial que hoje está sendo feito á face dos principios da philosophia experimental, já primeiro foi intentado pelas escholae theologica e metaphysica, as quaes, longe de guiar o espirito, o têm embrenhado n'um dèdalo de concepções subjectivas e de contradições inevitaveis.

A theologia não vê na coexistencia e na successão dos phenomenos sociaes senão o resultado da vontade d'um Ente supremo; e em todos os acontecimentos da historia, ella procura descobrir o dedo de Deus. A refutação do criterio theologico está mais que feita, e não seremos nós que levantaremos questões mortas. Cingir-nos-hemos a apresentar o julgamento da sciencia sobre a theologia.

O criterio theologico é exclusivista, justifica todos os absurdos, logo que concorram para uma certa conclusão, salta por cima de todos os principios, evita todas as difficuldades, só para attingir um fim anteriormente determinado, encerra o espirito n'um circulo de ferro, isolando-o de todo o movimento social e scientifico. O tempo da theologia passou de vez e para sempre. Durante muitos seculos foi ella a principal alavanca do progresso. Conduziu a humanidade até ao meio da montanha que esta tinha de superar; chegando ahi, porém, achava-se preenchida a sua missão; as suas forças estavam exaustas: um braço mais poderoso que o seu, o da sciencia, estava destinado a guiar a humanidade aos mais altos destinos, ás mais elevadas concepções. A theologia, porém, não se conformou com o papel secundario que devia representar, reagiu, oppoz-se, perseguiu, até cair extenuada e abandonada pela evolução social, julgando ainda segurar a humanidade, quando já não estreitava senão a sua sombra. Quem a estuda deve fazer como o anatomista, reconstruindo um animal com alguns restos que d'elle possui, ou como o architecto que em face d'uma fachada d'um templo antigo o reproduz completo na mente ou no papel.

A metaphysica afigura-se-nos como um inimigo mais terrivel, por isso mesmo que ainda hoje tem subordinados a si muito bons espiritos, especialmente no dominio da sciencia social. A existencia d'esta é ainda actualmente desconhecida por muitos que aliás cultivam com proveito outros ramos de conhecimentos humanos. A cada passo encontramos espiritos educados no terreno das sciencias naturaes a admittirem a concepção positiva do mundo até á biologia inclusivè e serem completamente metaphysicos em sociologia, isto é, substituirem á observação directa dos phenomenos e á indução segura das suas leis, o arbitrio das concepções subjectivas e até os caprichos da imaginação.

A astronomia, a physica, a chimica constituem um patrimonio exclusivo d'aquelles que as cultivam, n'este sentido de que ninguem extranho a ellas tem a temeridade de emittir opinião sobre os seus problemas. Em biologia já notamos um certo arbitrio, devido ao atrazo em que ainda se encontra esta sciencia, arbitrio que se torna mais saliente na parte applicada da sciencia, por exemplo, na therapeutica. A cada passo vemos charlatães, bem acolhidos pela sociedade, que têm a pretensão de curar todas as molestias com um remedio qualquer por elles inventado. Não nos é difficil encontrar individuos de certa illustração que duvidam da efficacia da medicina.

Este modo erroneo de vêr as cousas, que já se descobre em biologia, manifesta-se com redobrada força em sociologia, onde os phenomenos são muito mais complicados, achando-se o seu estudo scientifico ainda muito pouco desenvolvido. Todos emittem a sua opinião sobre o nosso estado social, sobre o modo de resolver as difficuldades, que n'elle surgem, etc., sem se lembrarem que taes questões são mais espinhosas que as mais complicadas de astronomia e de physica.

Não ha nenhuma instituição nem mesmo nenhuma medida do governo que não suscite mil opiniões contrarias, todas de igual valor scientifico, isto é, equivalentes a—zero—. Mas o que é mais para lastimar é o arbitrio com que muitos homens eminentes procedem no dominio dos phenomenos sociaes, ao passo que esses mesmos individuos dão provas das mais elevadas faculdades de observação e de indução no estudo d'outros phenomenos naturaes.

Este estado pathologico do espirito humano resulta da epocha de transição que estamos atravessando e de que precisamos sahir o mais depressa possivel. A anarchia intellectual, que por tanto tempo preencheu o campo de todas as sciencias, tenta ainda continuar o seu dominio no ultimo baluarte que lhe resta, é porém necessario expulsal-a mesmo d'ahi para a completa unificação dos conhecimentos humanos.

Como diz Comte, «não ha liberdade de consciencia em astronomia, em physica, em chimica, em physiologia mesmo, no sentido que cada um acharia absurdo não crêr com confiança nos principios estabelecidos n'essas sciencias. Se outra cousa se dá em politica, é isso unicamente devido a que, tendo cahido os antigos principios sem os novos estarem formados, não ha propriamente n'este intervallo principios estabelecidos.»

Devemos estudar a sciencia social, como diz Spencer, subindo methodicamente das causas proximas ás causas afastadas, e descendo dos efeitos primarios aos efeitos secundarios e terciarios.»

O campo dos phenomenos commerciaes acha-se aberto a todas as escholas; ellas ahi pôdem combater debaixo da protecção do principio da liberdade de pensamento que dá eguaes direitos a todos os contendores; ahi se encontram face a face a theologia, a metaphysica e a sciencia. A lucta tem sido renhida, um dos athletas, porém, já está fóra de combate, e o outro não tarda a seguil-o. N'esta lucta pela existencia, a selecção natural deu a palma á sciencia experimental.

Não nos deixemos porém illudir com a victoria; o periodo que estamos atravessando é ainda de lucta e de combate, lucta para a existencia actual, combate para a conservação futura dos resultados adquiridos. «Desgraçados de nós, diz com razão Vogt, se julgamos poder saltar os obstaculos a pés juntos e com os olhos fechados, e se, arrastados por uma imaginação ardente ou por um desejo de attingir o fim, desprezamos as bases de toda a sciencia positiva para nos entregarmos a conjecturas temerarias!»

N'esta nova senda que se nos depara, precisamos de caminhar com toda a prudencia, porque, como muito bem diz Strauss, ainda ahi encontramos pedaços por concluir, outros não arroteados, obstaculos e desabamentos que impedem o livre transito, pedras novas que ainda não tiveram tempo de se polir e de se nivelar. Ella, porém, é a unica via do futuro, exige apenas aperfeiçoamentos parciaes, e frequentação mais geral para se tornar mais commoda e agradável.

ANTONIO PINTO DE MESQUITA.

## SUNT LACRYMAE RERUM

## I

*Super flumina Babylonia...*

N'esta idade cruel d'heroicos movimentos  
que são as convulsões d'um grande Allucinado,  
quem ha que se extasie ante o luar gelado  
e o profundo chorar monotono dos ventos?!

Queimaram-se na luz do Pensamento alado  
o nosso coração e os velhos sentimentos...  
e o Mar soluça ainda os funebres lamentos  
ao resvalar do Sol no poente ensanguentado...

No delirio da vida, a Sociedade, agora,  
é vertigem que segue o rutilar da Aurora...  
e só tu, Natureza, athletica repousas!...

Ninguem, ninguem entende a embriaguez dos lyrios,  
as tristezas da tarde e os lugubres martyrios  
que rasgam noute e dia as angustiadas Cousas!...

## II

*Per amica silentia luna...*

Que profunda tristeza dolorosa  
ostenta a Natureza em noites claras!  
geme o vento nas trémulas searas  
uma canção tristissima e chorosa...

O orvalho sobre o lyrio pudibundo  
crystallisando a gota melindrosa,  
é talvez uma lagrima saudosa  
do luar silencioso e vagabundo...

Os arvoredos têm uma linguagem  
erguendo para o Ceu desesperados  
os enormes suspiros da folhagem...

A flôr ostenta os seios golpeados,  
rolam prantos amargos da ramagem  
dos chorões de cabellos desgrenhados...

## III

*Cor Naturæ conturbatum est...*

Ninguém entende a tua dôr maguada,  
o teu comprido chôro, oh Natureza!  
sempre envolvida em mantos de tristeza,  
por canticos soturnos embalada...

Ninguém entende a tua dôr sombria,  
nem os gritos convulsos da Rajada,  
nem o pranto, que em noite constellada,  
dos astros moribundos se desfia...

Por toda a parte as Cousas vão morrendo  
com as tristezas do luar batendo  
nas ruínas d'um palacio abandonado...

O coração da Natureza chora  
quando o Sol no poente se descora  
como um titan que morre estrangulado...

## IV

*De risu oritur dolor...*

Na attitude das Cousas silenciosas  
eu leio claro as suas lendas vivas:  
ha volupias no calice das rosas  
e gemidos d'amor nas sensitivas...

Mas entre as alegrias mentirosas  
tambem descobro maguas pungitivas,  
lamentações e lagrimas piedosas  
como o pranto das almas afflictivas...

Ha dôres fundas nas paysagens ledas!  
gritos, soluços, no rugir das sedas  
e tristezas na lua congelada...

E ninguém sabe, nem calcula ou pensa,  
que tambem é soturna, grave, immensa,  
a tristeza fatal d'uma risada!...

ANTONIO FELJÓ.

## OS PÓS D'ARROZ

— Historia de uma iniciação —

(CONTO)

(Conclusão)

E dizendo isto voltou-se para accender o seu cachimbo de madeira, feito por elle mesmo, havia mais de cinco annos, quando ainda estava no collegio.

Em frente d'elles repetia-se o mesmo espectaculo de ha tres dias. Sómente agora sobre a massa esfumeada do mar o crescente prateado lançava uma claridade pallida como o brilho das opalas; e sobre o rio assombreado uma fita de neblina, immovel na serenidade do ar, alvejava, iriada de reflexos prateados. A noite cahia lentamente num socego absoluto. Sobre o rio os pharoes dos navios ancorados brilhavam no mysterio da sombra. E em cima no ceu de um azul sombrio, limpo, infinito, as constellações accendiam-se umas após outras, a perder de vista, indefinidamente.

—Que linda noite, Roberto!

Era a tia Marianna que sahira para o terraço com o irmão.

—Soberba, minha tia. E' d'isto que nós não temos sempre em Inglaterra.

—Deve fazer saudades, notou distrahidamente Paulina.

—De certo, respondeu Roberto. Aos primeiros tempos para nós, os meridionaes, aquella ausencia quasi continua do sol e das estrellas entristece-nos. Mas depois acostuma-se a gente. Olhem: sabem do que eu vou ter saudades este inverno? E' do gelo. Gosto tanto de patinar! Em Edimburgo era um dos membros mais assíduos do Skating-Club. O que se faz aqui de inverno?

—Ha o theatro italiano, respondeu Paulina.

—Sim. Mas de dia?

—De dia ha aos domingos o passeio do Palacio do Crystal.

—Já me fallaram nisso. Um horror de picadeiro!—Mas então ninguem passeia pelo campo? não ha comboyes de recreio? não ha partidas de *canotage* no rio? não ha um salão d'armas? um tiro ao alvo? um campo de *cricket*?

—Eu não sei, tornou Paulina, desolada por ignorar a existencia de todos estes recreios.

—Mas então isto é uma terra morta! Por Deus! Mas não se trabalha ao menos? ninguem se preocupa com nada?

E cheio de uma colera fria criticou a preguiça nacional, os habitos molles dos portuguezes.

Para elle—um forte, um energico, um trabalhador invencivel pelo cansaço, alegre nas suas obrigações—o marasmo da patria entristecia-o. O seu espirito comprazia-se na ruido do trabalho. Em Londres—nos caes sonoros de bulicio, nas fabricas enormes cheias de gente preocupada, nas *gares* em movimento continuo, nas dokas coalhadas de navios, no borborinho das labutações commerciaes—a vida era-lhe como uma palpitação, mais ou menos prolongada, do pulso d'este grande organismo, que se chama a Industria. A sua educação practica, inglesa, fundida com o seu temperamento meridional fez d'elle, além de um technico distincto, um philosopho razoavel e um poeta pela grande sensibilidade da sua intelligencia e do seu coração. Quando podia deixar por instantes a mira e o prumo, quando não tinha de dirigir o rompimento de um tunel ou a construcção de uma ponte, os livros dos grandes pensadores modernos e dos grandes poetas absorviam-no horas inteiras. Os seus auctores perdilectos eram sempre espiritos vigorosos; mas acima de todos elle punha dois—Spencer e Victor Hugo. Na disciplina da vida ingleza elle encontrava alguma cousa mais do que o resultado financeiro, alguma cousa mais do que a victoria do egoismo utilitario. Ao seu espirito imaginoso essa vida affigurava-se a grande disciplina da razão sobre os sentimentos e as emoções, o triumpho do homem sobre si mesmo. Percebia nella uma *naturalisação* do homem, uma nobre integração das forças humanas no eterno trabalho do mundo. Esta existencia de trabalhador robusto dava-lhe uma indefnida consciencia de dignidade, que era para a sua alma a mais doce embriaguez do sentimento. Por isso a inacção d'um paiz exhausto e triste, sem trabalho e sem prazer, punha-lhe sombras no coração.

Ao espirito de Paulina este homem ia tomando proporções cada vez maiores. Ella ambicionava submeter a sua fraqueza á protecção d'aquella força attraente e sympathica. E agora admirava-o—de uma admiração que aspira inconscientemente, como a que as flores devem ter pelo sol.

Passaram-se dias, semanas; passaram-se mezes. Estava-se no inverno, um triste inverno enluctado de nevoeiros perennes, lacrimoso de chuvas torrenciaes, epileptico de tempestades imprevistas. O sol, isolado no alto azul, nem um só dia lograva entre o veu opaco das nuvens tocar com os seus beijos luminosos o seio da terra. Era uma viuvez desolada.

Neste dias melancholicos, em que o ar sujo, torna repulsiva a vista da natureza, o instincto faz-nos concentrar na vida do interior. Uns accendem o seu lume, e hibernam no calor doce da existencia domes-

tica. Outros, avidos de movimento, correm os theatros deslumbrantes de gaz, os bailes e os saráus, cheios de animação elegante, recolhidos no fundo dos seus *coupés* confortaveis, as cortinas corridas para evitarem o aspecto desconsolador das ruas enlameadas, das arvores despidas, e do ceu côr de cinza, em aguaceiros continuos.

Paulina de inverno ia perdida no turbilhão dos que se divertem. E só lamentava que o Porto fosse tão semsabor — sem recepções em dia prefixo, sem Italianos de primeira ordem, sem bailes cada semana, como em Paris—o seductor Paris que ella conhecia pelas chronicas de *high-life* do *Figaro* e da *Illustration*.

Mas nesse inverno a elegante de quem a calçada dos Clerigos commentava as *toilettes* imperiosas, a *estrella mais luminosa do brilhante zodiaco das frisas de S. João*, como lhe chamava um folhetinista indigena, o Queiroz do *Suisso*; Paulina, emfim, não se tinha ainda mostrado uma unica vez no theatro, não tinha ido aos tres primeiros bailes com que se inaugurára a epocha das recepções.

E a calçada dos Clerigos, perguntava cheia de curiosidade:—Que será feito d'ella?...—

*Ella*—durante esse inverno—iniciava-se numa vida absolutamente nova, recolhida entre as quatro paredes da sua casa, quasi sem lembrança dos seus antigos pares, dos seus adoradores de outro tempo, como se um grande abysmo se tivesse feito entre o seu passado e o seu futuro.

E, na verdade, um grande abysmo abrira-se-lhe na sua existencia. Com a direcção de Roberto, aquella cabecinha vazia e futil, orientara-se num rumo de seriedade e senso commum, com uma rapidez de pasmal. Do mais fundo d'aquelle espirito Roberto havia tirado um cahos de bugigangas, um lixo de ridiculos — caixas de pós d'arroz, ferros de frizar, tranças falsas, um mundo de *maquillages* de Piver, guarda-roupas repletos de *toilettes* espaventosas, um toucador de *cocotte*, sapatos bordados com tacões á Luiz XV, uma bibliotheca inteira de romances de Dumas e Ponson, jornaes de modas, uma gaveta cheia de cartas confidenciaes de amigas apaixonadas e de pequenas recordações de antigos bailes, amabilidades, declarações, um *spartito* inteiro da *Traviata*, a *Linguagem das flores*, e um album com versos piegas e prosas delambidas.

Em seguida, a pouco e pouco, Roberto, depois d'esta limpeza geral, começou a metter-lhe dentro do cerebro todo um mundo saudavel de ideias e noções.

Reformou-lhe a sua pequena bibliotheca. Onde estavam os romances de Feuillet appareceram os de Dicken e de Julio Diniz, onde se intrincheirava o *Rocamboles* appareceu a obra de Walter-Scot. Deu-lhe alguns livros de Victor Hugo, os melhores romances de Balzac como a *Eugenie Grandet*, os livros incomparaveis de Michelet, *La Mer*, *La Montagne*, *L'Oiseau*, *L'Amour*, etc., e os seus elevados estudos de His-

toria. Desviou-lhe o espirito da leitura banal dos recitadores ao piano para a emoção superior que nos excitam os poemas dos grandes genios. Essa emoção creou-lh'a elle explicando-lhe o Dante, Camões, Shakspeare, Milton. Depois iniciou-a na serena e casta poesia da vida domestica. E a par dos seus conselhos pensados, reflectidos e ditados amoravelmente, fazia-a ler tratados de hygiene e de cosinha, livros sobre a vida do interior, e muitos trabalhos sobre educação—especialmente o livro immortal de Spencer.

E agora era um gosto vel-a—a antiga *coquette*—tão simples, grave e encantadora na sua singela *toilette* de flanella azul, o molho das chaves pendente do largo cinto de *moscovia*. Tinha diminuido um bom decimetro — roubado aos tacões e ás proporções do penteadado. Parecia outra—mais seria, mais nobre, mais dignamente mulher. O seu cabello castanho, separado por uma fina risca côr de rosa, passando alisadamente para traz das orelhas até se prender na nuca em duas tranças enroladas e seguras por uma flor natural, — dava-lhe um bello tom de gravidade que fazia realçar a frescura juvenil do seu rosto oval, d'uma pureza de côr, de um assetinado de fazer inveja ás camelias mais finas. Nesse rosto um nariz correcto, uns bellos olhos negros *taillés en amende*, e uma pequena bocca rosada e fresca, deixando ver num sorriso delicioso e ingenuo os dentes esmaltados — formavam a mais nobre e sympathica physionomia do mundo.

E Roberto, ao vel-a fallar despertenciosamente das panellas e das gallinhas, ao vel-a ler com interesse tratados de *basse-cour* e livros de Historia Natural, ao vel-a projectar uma estação de primavera na aldeia, fazendo pasmar a mãe com esta transformação inesperada, sorria-se intimamente com o seu bom sorriso satisfeito e honrado, e dizia de si para si: — Ainda bem que me não enganei. Esta pequena era uma veia de ouro desconhecida. Que diabo d'homens serão estes meus compatriotas, que nada aproveitam e estragam tudo?!...—

Sucedeu o que fatalmente tinha de succeder.

A ideia nos espiritos são determina o sentimento. A duas intelligencias unidas correspondem quasi sempre dois corações unidos. Mas se uma se deve á outra o sentimento redobra pela gratidão da que foi educada e pela affeição paternal da que educou. Então as duas almas amam-se.

Porisso Roberto e Paulina amaram-se.

Mas de que amor!

Era um nobre amor consciente, nascido, não de uma *sympathia* caprichosa, de uma coincidência de temperamentos, de um desejo mutuo, mas de uma conquista trabalhosa que um espirito forte fizera de um espirito fraco; — de uma conquista planeada, lentamente levada a

effeito, uma conquista que se jogára contra um mundo de preconceitos radicados, de innumerados vícios de educação.

Roberto tinha sobre esse amor um grande direito—o de o ter creado. Paulina tinha outro direito não menor—o da confiança.

Um dia estavam no campo. Era em maio. Tudo floria, numa aspiração fecunda de vida. O sol envolvia a terra na quentura do seu amplexo amoroso e creador. As arvores na plena saude da sua robustez athletica respiravam poderosamente no ar e sugavam no sólo as vivificantes ondas da seiva. A luz tinha vibrações invisiveis no ceu indefinido, límpido como um crystal azul. Das espessuras, como de alcovas perfumadas, vinham os rumores mysteriosos do amor dos passaros e dos insectos. E em tudo, esta palavra unica—retida ha muito nos seus labios, mas já gravado nos seus corações—corria como um susurro ignoto por toda a natureza—Amor!

Um acaso obrigou-os a confessarem-se.

Estavam debaixo de uma sombra de castanheiros. A alguns metros um ribeiro murmurava, correndo entre frescos *bouquets* de nenuphares e fetos. Em volta d'elles um tapete de myosotis, margaridas e malmequeres, esmaltava de azul, de branco e de amarello a verdura avelludada da relva. Sobre as suas cabeças um mundo de pardaes, verdelhões, chascos, piscos, faziam um concerto destemperado, um *charivari* alegre e vivo. Numa sebe ao pé os melros assobiavam contentes e felizes. Na luz as borboletas prateadas, as joaninhas, as finas *demoiselles* de azas transparentes, as abelhas cõr de ouro voejavam na embriaguez do amor. Por toda a parte, emfim, uma nota feliz de mocidade, abrindo ao espirito a secreta região das esperanças, vibrava unisonamente com a franca expansão da luz—a sonora gargalhada da Natureza.

Tinham-se encontrado casualmente ali. Roberto vinha de um dos seus longos passeios, que faziam o espanto dos sedentarios portuenses. Com um largo *veston* de flanella branca desabotoado, uma fresca gravata de chita, as calças arregaçadas, um chapéu de palha de grandes abas e um pau ferrado, Roberto fora visitar a duas leguas de distancia uma presa d'agua pittoresca em que lhe tinham fallado. Vinha afogueado pelo sol e pela marcha, mas sem o mais leve signal de cansaço.

Paulina estava ali, realmente encantadora, debaixo do seu largo chapéu de lona com um veu de cassa branca. Tinha na mão um livro.

—Tu por aqui! disse-lhe Roberto ao vel-a.

—É verdade, respondeu ella serenamente. Vim permittir-me um pequeno capricho do meu passado.

E sorriu-se. Continuou depois de uma pausa:

—Vim procurar uma sombra romantica para ler este livro.

Mostrou-lh'o. Era um volume tirado da pequena bibliotheca que seu primo trouxera para os Canaes; e elle não pôde sustener uma gar-

galhada ao ver as alegres aventuras de caça do Barão de Crac-Munchausen, um livro das mais disparatadas petas, das mais phantasticas scenas de caça, que um inglez pôde imaginar.

—Estás curada, Paulina! disse-lhe Roberto com affecto. Estás curada! Hoje reconheço que enterraste de todo a bella *coquette* inutil, que eu vim encontrar, ha perto de um anno, na minha volta de Inglaterra.

Mas depois a sua alegria perturbou-se de subito e tristemente, continuou:

—É verdade: uma má noticia. Agora na villa deram-me ao passar pelo correio esta carta, que é, nem mais, nem menos, um aviso da direcção da Companhia mandando-me apresentar no praso de dois mezes na Italia para tomar a direcção dos trabalhos de uma nova linha, de que ella é constructora. E' um ordenado de duas mil libras, Paulina! Pois bem: recuso porque não vendo por dinheiro nenhum uma grande esperanza...

—Uma grande esperanza?!... perguntou Paulina anciosa.

—A esperanza da minha unica felicidade, a esperanza do teu amor...

Então, aos olhos de Roberto, Paulina deu a prova ultima da sua rehabilitação.

Serenamente, com uma nobre gravidade, ella disse-lhe:

—Ouve, Roberto. Comprehendo-te. Tu amas-me. Tambem eu te amo. Digo-t'o assim francamente, porque o sinto e porque sei que tu o sentes. Felizmente que acho uma occasião de te jurar que sou outra, que sou digna de ti! Até hoje tens-me tu educado. Tu ensinaste-me o dever: vou mostrar-te que o comprehendi, ensinando-t'o pela minha vez.

Roberto olhou-a espantado.

—Pasma? Tens razão!... Mas ouve: agora não foste coherente com as tuas ideias. Desanimaste e oscillaste no dever, Roberto... Desanimaste, sim!... Quem o confessou senão tu? E oscillaste tambem recusando um beneficio da sorte, que te assegurava a tua independencia, repudiando o trabalho que te tem creado.

Roberto cravou o olhar no chão. Paulina continuou tocando-lhe levemente no braço:

—E agora pergunto-te eu: não terei razão de queixa de ti?...!

Elle ergueu para ella os olhos, de uma doce expressão commovida e murmurou:

—De mim?...

—De ti, sim, affirmou Paulina, de ti! Pois não é de tua parte uma ingratição, uma falta de confiança dizer que ias vender a tua esperanza?... Desesperavas pela ausencia, não é assim? Logo não confiavas... ah Roberto!...

Mas elle não a deixou continuar:

—Cala-te! Tens razão. Ninguem na vida corre sem ás vezes es-

corregar. Ainda bem que tu me amparaste a tempo. Esta noticia imprevista quando eu me achava tão feliz na effeição occulta que te consagrava, perturbou a serenidade do meu espirito. Um acaso feliz uni-nos. Não seria repellir a felicidade o separar-mo-nos? Ouve: conciliaremos tudo. Vou para a Italia: obriga-me a isso o meu dever de trabalhador. Mas juro-te: não irei sem ti! Vou fallar hoje mesmo com meu pae. Dize, Paulina: queres? queres ser a minha mulher, a companheira dos meus trabalhos, das minhas alegrias e das minhas tristezas?...

—Se o quero, Roberto! Pois a quem devo eu o que sou? Quem me fez verdadeiramente mulher, senão tu? Eu quero o apoio do teu espirito e do teu coração. Sem elles sinto-me fraca. Protegida por elles nada temo. Leva-me contigo: sim? Serei tua; vês tu? é a minha ambição. Não peço mais nada á felicidade.

D'ahi a um mez Roberto e Paulina, casados havia quinze dias partiram para Roma por Paris. Acompanhava-os D. Marianna, magnetizada agora pela energica vontade da filha.

Em Paris tiveram uma demora de semanas. Roberto tinha ahi de conferenciar largamente com um dos directores da Companhia constructora de Edimburgo.

Uma noute resolveram ir á Opera, e Roberto que estava no *boulevard* ás oito horas lembrou-se de ir fazer a barba ao *Coiffeur Français* que illuminava convidativamente toda a fachada do seu edificio.

Entrou. Refrescou a cabeça com um *shampooing* e entregou-se aos cuidados de um Figaro que o pôz de *belle-mine* por tres francos.

Apressadamente correu ao hotel do Louvre. Estava ainda de sobrecasaca e calças de côr. Tinha de se vestir. Era perto de nove horas. Á porta já esperava o seu *coupé de remise*.

Subiu aos seus aposentos. Paulina deante d'um espelho estava acabando de se arranjar. Vestira uma toilette de setim branco subida, sem um unico folho. Ao pescoço um collar de perolas e na cabeça duas rosas brancas davam-lhe o ar de distincta simplicidade das aristocratas inglezas. Roberto chegou-se ao pé d'ella e beijou-a; e, como Paulina lhe quizesse pagar o beijo, os seus labios sentiram uma massa pastosa na cara de seu marido. Levou os dedos á bocca, e, suffocada de riso, disse-lhe, abraçando-o, cheia de affecto:

—Ó grave moralista, nem tu podeste resistir ao modelo de Pariz! Estás cheio de pós d'arroz, austero anglomaniaco!...

Roberto, então, depois de uma gargalhada de plena alegria, disse-lhe beijando-a de novo:

—Agora só te prohibo o pó d'arroz como medida hygienica. Não sabes que moralmente elle era apenas um symbolo, tontinha?!...

## ENTRE SOMBRAS

(Excerpto)

Recortam-se no Azul — a magestosa nave  
que á fraqueza do olhar traduz a Immensidade —  
uns tons de claro-escuro em rude afinidade:  
o ceu exhibe o aspecto exotico, felpudo,  
que recorda o mosaico irregular e mudo  
das vastas cathedraes de cupulas antigas.

Não volitam no espaço as virações amigas,  
que levam sobre a flor os germen das flores,  
nem mesmo os rouxinoes—eternos trovadores—  
modulam tristemente uma canção maguada,  
—emquanto a boa Mãe, a Terra, desolada,  
pranteia silenciosa em lagrimas de orvalho  
talvez a tyrannia, a usura do Trabalho,  
que lhe compra barato os fructos preciosos,  
e lhe rasga cantando os flancos uberosos...

É tudo silencioso. Um tropego cansaço  
parece adormentar as vastidões do espaço  
em lufadas de tedio e pensamentos vis.  
Vagueiam pelo ar narcoticos subteis.

Envolve a Natureza um calido torpor  
que faz calar o Som e desmaiar a Cor...  
E reina um não sei quê, funerio como as lousas,  
na apparente mudez lethargica das Cousas,  
e no silencioso hostile do seu aspecto triste...

É tudo silencioso! E no emtanto existe  
um *quid* activador, energico, potente,  
a luctar, a luctar silenciosamente  
das vastidões do ceu ás vastidões do mar.

Chocam-se febrilmente os atomos do ar.  
Apunhalam o escuro os gumes coruscantes  
dos floretes de luz dos astros scintillantes...  
E desde a pedra bruta aos refulgentes sóes  
pleiteam-se febris, n'um gladiar de heroes,  
as forças da materia em luctas clandestinas...

E eu, que inda ás vezes sinto as nostalgias finas

d'uma crença risonha, e trago no meu peito  
os destroços crueis d'um Ideal desfeito  
ao fogo da Razão e á luz da Intelligencia,  
aos attritos da Historia e á lima da Experiencia;  
—eu, sinto-me infeliz, humilimo e doente,  
perante esta rudeza austera e indifferente  
que a Natureza impõe ás cousas silenciosas  
na tragica mudez das noites tenebrosas!  
E se tento fugir á grande dor que oprime,  
como a recordação d'um tenebroso crime,  
da minha consciencia os vôos indecisos,  
—invade-me o torpor dos velhos prejuizos,  
e então lugubrememente echôa dentro em mim  
a voz do desalento a segredar-me:

—«Sim:

o mundo envelheceu! Tudo agonisa, tudo...  
Que o homem—grilheta alvar do carcere do estudo—  
na rudeza imbecil da sua myopia,  
lançou por sobre tudo a duvida sombria;  
e os vagos ideaes plenos de felicidade,  
que outr'ora acalentava a triste Humanidade,  
offuscaram-se ha muito aos brilhos da evidencia  
e ao coruscar hostile do gladio da Sciencia!...  
A crença, baqueou aos golpes da Razão;  
mas dentro de nossa alma, em nosso coração,  
nem fulge da Certeza a estrella diamantina,  
nem scintilla da Fè a sarça purpurina...  
E a bella Crença-nova,—a casta virgem-Mãe  
da exacta concepção do codigo do Bem—  
modesta como a paz, fria como um cutello,  
debalde a tem chamado a lingua do escarpello!  
Não se crê nem se affirma. A nossa consciencia,  
dobra-se, como um vime, aos sopros da Sciencia:  
perdeu a autonomia, a aza incoercivel  
com que sabia alar-se aos mundos do Intangivel...

E, assim, n'um rastejar de verme estonteado,  
eis-nos cegos de dor, minados pelo enfado,  
tristes, desnordeando em busca do Ideal,

por entre as nugações estupidas do Mall  
 E vamos, fronte baixa, a contemplar o pó,  
 na vaga abstracção de quem se julga só,  
 esquecidos do Amor, tristonhos e doentes,  
 sem crença no Porvir... olhando descontentes  
 por entre a nuvem negra e densa dos mysterios,  
 o vicejar da flor no chão dos cemiterios...

Coimbra.

A. RODRIGUES BRAGA.

## O ROMANCE REALISTA E A ESTHETICA POSITIVA

O romance moderno, dirigido e realisado pela disciplina coordenadora do *realismo*, está longe, ainda assim, de ser debaixo do ponto de vista da Esthetica, da Moral, da Psychologia e da Logica, um instrumento litterario completo.

As accusações, que contra o realismo se tem levantado de immoralidade e corrupção, são falsas e ridiculas. E' a lança de papel dourado com que o tem querido atacar todos os que não sabem descobrir na synthese de uma obra a sua ideia fundamental.

Não é esta a razão que me leva a não crer no futuro da escola de Flaubert e Zola. O realismo não cria—eis a sua deficiencia. Não cria, nem pôde criar, porque o seu puro character de analyse impede a formação das grandes syntheses—que é o trabalho dos genios litterarios como Shakspeare, Molière, Byron, Goethe e Balzac—para falar só dos modernos.

O realismo realisou, realisa e realisarà por muito tempo na litteratura contemporanea um grande, utilissimo e humanitario papel. Este papel é duplo—como toda a funcção analytica. Ao mesmo tempo que destroe pela negação, vae pela analyse accumulando os dados de reconstrução do typo actual, n'essa obra paciente e gloriosa, que Zola chamou a formação do *documento humano*.

Além d'isto, reconhecendo a supremacia directora da Sciencia e da Philosophia, o realismo prestou á Arte este serviço enorme:—laval-a do subjectivismo metaphysico.

O espirito romantico, indisciplinado, desorganizado pela influencia do individualismo de Rousseau; enervado pela concentração do sentimento humano no *ego* pessoal, insociavel e selvagem; foi energicamente combatido por essa escola, que substituiu, na Logica litteraria, a inducção paciente á deducção de um principio abstracto prestabelecido,

e na Moral ao ponto de vista do individuo, o ponto de vista da sociedade.

Mas isto seria tudo? Não, de certo. O realismo tinha dado apenas o primeiro passo, e não podia dar o segundo sem se dissolver.

O methodo litterario (o tal *processo* que tem irritado tantos nervos ingenuos!) é identico ao methodo scientifico. Na Litteratura como na Sciencia a verdade alcança-se pela dupla função logica da analyse e da synthese — esta precedida por aquella. O ideal da Sciencia é a criação de vastas generalisações—as Leis. Os factos são secundarios—são um meio. Do mesmo modo na Litteratura, o grande fim é a criação de typos genericos, abstractos, ideaes, a que Taine chama os *personagens*. As *scenas*, os factos, constituem a base indispensavel, é certo; mas de fórma nenhuma a sua exclusiva reprodução pôde constituir toda a operação artistica.

Seja qual fôr o character moral d'esses typos—a Arte tem attingido o seu grande fim creandó-os. Compete á critica explical-os, condemnando-os ou glorificando-os. Esta é a parte da obra que pertence á Moral e com que a Arte não tem nada. Tammanho é o typo barbaramente cavalheiroso e nobre de Othello como o vulto invejoso, traiçoeiro e viperino de Iago. Tão altamente artistico é o perfil aspero e repellente do avaro Grandet como a suave e doce physionomia de sua filha Eugenia. Tão extraordinaria é a criação do Marquez de Lantenac como a de Gauvain.

Convem marcar de uma vez o verdadeiro limite das relações entre a Moral e a Arte. N'este ponto o catholicismo tem suscitado um erro vergonhoso, resultante da ignorancia dos censores theologos em materia de Esthetica. O catholicismo, arvorado em critico de moral, fez e faz as mais irreverentes profanações no campo da Arte. A *Notre Dame* e os *Miserables* de Victor Hugo, o *Ashaverus* de Quinet, a *Madame Bovary* e a *Salammbô* de Flaubert, esse cofre dos mais castos e puros sentimentos chamado *L'Amour*, de Michelet, as obras de Heine, dos dous Dumas, de Lamartine, de Sue, de George Sand, estão excomungadas pela sabia Congregação do Index. Não ha catholico nenhum que não considere o *Assomoir* e a *Nana* uma torpesa. E no entanto, estes dous romances são de uma moralidade superior á de muitas orações da Cartilha! O caso todo está na capacidade critica dos leitores: — está em se comprehender a ideia através da impressão das palavras.

A Moral e a Arte são independentes,—isto é, o livro mais immoral d'este mundo pôde ser comtudo uma obra de arte superior: exemplo no genero erotico as *Novellas* de Boccacio; exemplo, entre todos frisante, a *Namouna* de Musset.

Portanto, no sentido da possibilidade real — nada impede que a obra mais verdadeiramente artistica seja, ao mesmo tempo, a obra mais profundamente desmoralisadora. Mas, moralmente, um trabalho artis-

tico desculpará pela sua perfeição a sua immoralidade? De fórma nenhuma.

Moralmente — é claro — tal independencia não deve existir. Urge harmonisar a Arte e a Moral; e esta harmonia obtem-se desde que se crie um intuito philosophico.

Vejamos, portanto, para que uma obra de arte seja verdadeiramente humana, quaes as bases em que a temos de fundar.

A obra de arte—como manifestação social—tem uma complexidade extraordinaria. Ramifica-se nas mais diversas fórmas da actividade humana. Um romance de Balzac, um poema de Victor Hugo, não podem hoje ser considerados pela critica philosophica exclusivamente como um trabalho artistico. Qualquer d'estas obras está intimamente ligada com a Moral, com a Politica, com a Industria, com o Commercio, com a Religião, com o Direito, etc. E a prova é que a Politica prohibiu a leitura dos *Chatiments* em França, o Direito julgou Flaubert, a Industria e o Commercio fazem sommas fabulosas com as edições litterarias, a Religião condemnou Balzac e Victor Hugo, etc.

Quando se estuda uma obra de arte é preciso encaral-a por todos os seus lados—sempre que a critica saia do ponto de vista strictamente esthetico, para o mais largo e generico aspecto do *efeito social* d'esse producto artistico.

Do mesmo modo que o bom gosto e o bom senso aconselham que toda a producção industrial seja ao mesmo tempo artistica e moral, igualmente se deve comprehender que toda a obra artistica seja ao mesmo tempo um producto industrial (Proudhon) e um producto moral (Clavel).

A nossa epocha intellectualmente caracteriza-se pelo encyclopedismo, pela solidariedade das sciencias realisada na vasta synthese hierarchica da classificação comteana. A ideia das soluções de continuidade em Sciencia desapareceu com o espirito revolucionario da metaphysica. O evolucionismo é o grande principio do nosso tempo, principio irrecusavel desde que se descobriu que a evolução era a lei generica da trama universal dos entes.

As duas grandes manifestações da intelligencia humana—a Sciencia e a Arte—são hoje inseparaveis. Toda a Arte deve ser scientifica, toda a Sciencia deve ser artistica. E não se nos diga que estas duas forças são inconciliaveis e inimigas. Para nos convencermos de que a Sciencia póde despertar um elevado sentimento artistico no espirito dos pensadores basta-nos lêr algumas paginas de Spencer, lêr *Le Monde marche* de Pelletan, a prodigiosa *Creation* de Quinet, todos os trabalhos scientificos, philosophicos e historicos de Michelet, e, n'uma eschola diversa, muitos dos escriptos de Littré; e mesmo entre nós, um livro publicado ainda ha bem pouco tempo, e que é um verdadeiro poema naturalista—a *Anthropologia* do sr. Oliveira Martins. Quanto á base scientifica das concepções artisticas ahi estão os poemas de Vi-

ctor Hugo e os versos de Ackermann—quanto ao objecto, e os romances de Zola—quanto ao methodo, romances que são feitos—como elle proprio o confessa—com um tratado de physiologia nas mãos. Ahi têm os poemas de Theophilo Braga e de Guerra Junqueiro, os versos de Anthero do Quental, que são obras poeticas perfeitamente sociaes —e portanto com um assumpto e uma these mais ou menos scientificos. De resto bastava conhecer-se os trabalhos dos dous maiores criticos do nosso tempo, Taine e Veron, para se acceitar logo esta theoria tão simples, clara e racional.

Prosigamos. Provada a solidariedade das manifestações intellectuaes do homem—como influem na Arte as outras forças mentaes?

Este problema generico resolvido uma vez, tem-se achado a fôrma definitiva do romance moderno.

Antes de mais nada, porém, uma pequena observação. Distingamos claramente certos termos. Urge não confundir Sciencia e Philosophia, Arte e Esthetica—como de ordinario acontece. A Philosophia está para a Sciencia como a Esthetica está para a Arte. A Sciencia é o conhecimento do factio, a Philosophia é a synthese. Do mesmo modo, no que diz respeito á Arte e á Esthetica: a Arte é a producção do phenomeno: a Esthetica é a theoria, a ideia, o principio.

Já que temos definidas as quatro principaes forças do espirito humano, vejamos como o romance, que é um producto d'elle, ha de ser influenciado por cada uma d'essas energias.

O romance tem de se vaziar successivamente n'estes quatro moldes —para ser um producto humano completo e logico. Terá da Arte os processos, o methodo, a fôrma, a observação e a generalisação:—terá da Esthetica os principios geraes que determinam a creação do Ideal —as theorias, a correlação historica, o caracter de expressão, etc. Terá da Philosophia a disciplina da Moral, da Politica e de todos os factores sociaes, a actualidade sociologica, o fim, o intuito, a these:—terá da Sciencia o subsidio para as observações, a execução dos methodos, nos principios de todas as sciencias—especialmente as biologicas e sociaes.

Esta noção é a base indispensavel da sciencia critica dos nossos dias. Para apreciarmos ou para formarmos uma obra litteraria é preciso partir d'estas grandes verdades e regularmo-nos por ellas. Não satisfazendo a qualquer d'estes requisitos podemos dizer que essa obra *coxeia*. Ella não exprimirá o completo poder da alma humana. Houve alguma cousa que esqueceu, uma pequena energia que não foi posta em acção, e que a mutila irracionalmente.

Perguntamos: satisfaz o realismo a todos estes requisitos?

Não.

O realismo não tem idealisação, e n'isto fere a Esthetica. Tem intuitos, é moral, é methodico, é scientifico: não é, comtudo, generalizador. Exclusivamente analytico os seus typos não tem destaque nem

cunho: perdem-se na vulgaridade do real. Zola, por exemplo, onde nos dá elle um typo? Em parte nenhuma. Já a comprehensão de Balzac é mais larga e mais vasta. Por isso os seus personagens elevam-se á altura de verdadeiras creações: e nos seus romances, a par da analyse e da observação, ha tambem a generalisação e a synthese. Elle cria — que é o que Zola não tem feito. Balzac é um pintor: Zola um simples photographo.

Vê-se, portanto, que o realismo é uma phase apenas da litteratura moderna. Para completarmos essa litteratura é indispensavel dar-lhe uma força de criação — força que se póde ir buscar á obra incomparavel do mestre — Balzac. O realismo é a expressão de um só dos methodos litterarios—a analyse. Elle não é portanto uma eschola perfeita, é um processo de eschola apenas. Usemos d'este processo combinado com o de synthese e então o romance futuro apparecerá—chamem-lhe lá como quizerem.

Coimbra.

LUIZ DE MAGALHÃES.

## SAVONAROLA

No recinto calado e funerario  
d'um rendilhado templo florentino,  
prostrava-se deante do sacrario  
Savonarola, o mystico divino.

Erguia o doce olhar de visionario  
—abyssmo deslumbrado e crystalino—  
ás curvas ogivae e ao lampadario  
batido por um raio matutino.

A rosacea dos templos gloriosa,  
suspendida no meio dos altares,  
attraia-lhe a fronte luminosa...

Perdera-se n'um sonho transcendente:  
e como a flecha que se eleva aos ares,  
subia a prece do seu labio ardente...

Coimbra.

MANUEL DA SILVA GAYO.

## DUAS QUADRAS

(I.)

D'aqui, d'estas longes terras,  
para que o Estro se encarne,  
a ti, que no corpo encerras  
as harmonias da Carne,

—na aza dos vendavaes,  
envio um beijo tão longo,  
que as bocas—duas vogaes—  
possam formar um diphthongo!

ANTONIO FELÓ.

## O CATHOLICISMO E A SCIENCIA

Lembram-se perfeitamente os leitores d'esta *Revista*, que no primeiro numero d'ella publicámos um artigo de polemica, em que respondiamos ás affirmativas calumniosas e estultas d'um clérigo ignorante e mal intencionado, e de passagem nos referiamos a um papel jesuitico que para ahi se imprime em Coimbra, e que, ao simples annuncio da publicação d'esta *Revista*, nos saudára com algumas phrases deploravelmente grosseiras.

Não se terão tambem esquecido os leitores de que o nosso escripto, se castigava com a devida severidade as perfidas subtilezas do tonsurado alludido e a insensata e provocadora incivilidade do papel das sachristias de Coimbra, não excedia comtudo os limites de moderação, de urbanidade, que nos prescreviam a um tempo a indole da nossa educação e a natureza d'esta *Revista*.

No entanto os nossos *evangelicos* adversarios é que não estiveram dispostos a respeitar esses limites: ultrapassaram-n'os com a mais descomposta desfaçatez, e desde esse momento elles deixaram de poder ter nas paginas d'esta *Revista* a resposta que não mereciam no tom e estylo em que aqui podia ser inserida.

N'outro logar, porém, foi inflingida a essa lamentavel cohorte reaccionaria a correção merecida á petulancia da sua lingua desbragada e ao cynismo da sua criminosa propaganda.

Tudo isto vem aqui para dizer ao leitor que foi d'esta polemica, tão tristemente ingloria, que nasceu no meu espirito a ideia de elaborar os artigos que hoje começo a inserir n'estas paginas. Despida das

grosserias soezes em que os srs. clérigos a envolveram aquella controversia não era no fundo senão uma manifestação da constante antinomia que se dá entre a sciencia e a religião. Não me levem esta phrase á conta da immodestia. A sciencia não a representava eu: representava-a o sr. dr. Garcia que fôra alvo d'uma reverenda diatribe pelo character scientifico e moderno que imprime ao seu ensino como professor na Universidade. Depois eu, tomando a sua defeza, é que mereci tambem algumas *amabilidades* aos intransigentes representantes do ronceirismo theologico.

Tal foi a origem remota d'estes artigos, escriptos ao correr da penna, e entre mil occupações diversas, sem pretenções, mas com sinceridade.

## I

Assentemos em primeiro lugar como principio das nossas reflexões que nós não vimos discutir com theologos e fieis. Taine, o eminente critico, escreveu n'um dos seus livros <sup>(1)</sup> uma phrase a um tempo espiritual e profunda, que nunca nos esquecerá. Disse elle que «ha sempre um certo ridiculo em discutir com um crente». Tinha razão o illustre escriptor. Um crente não tem argumentos, tem fé. Aos raciocinios mais logicos oppõe a obstinação das suas crenças. As provas historicas mais irrecusaveis corresponde com um sorriso de desdem.

A nossa questão, portanto, não é inaugurar uma controversia esteril e sobretudo ridicula, como lhe chama Taine.

É definir claramente o antagonismo manifesto entre a sciencia moderna, tal como os ultimos trabalhos experimentaes nol-a definem, e a religião catholica, tal como a egreja a estatue. É accentuar bem a absoluta incompatibilidade que ha entre estes dois factores sociaes, e provar que toda a pretendida conciliação entre elles, é simplesmente impossivel.

Em primeiro lugar os methodos de que uma e outra se servem são absolutamente oppostos. A religião não estabelece doutrina senão fundada na inspiração e na fé. A sciencia não admite verdades que não tenham por base a observação e a experiencia. A religião tem como elemento principalissimo o milagre, ainda que elle se opponha á fatalidade das leis naturaes. A sciencia repudia completamente tudo o que contraria estas leis, e que, portanto, não póde existir senão na mente escandecida d'alguns mysticos allucinados. A religião fortifica-se na immutabilidade dos seus dogmas. A sciencia nada considera immutavel, e estabelece a evolução como a lei suprema tanto do mundo cosmico, como do mundo social. A religião entrincheira-se na infallibili-

(1) *Nouveaux essais de critique et de histoire*, par H. Taine—pag. 10.

dade do seu pontifice, e a sciencia ri-se de todas as infallibilidades, e sobretudo das decretadas pelos concilios. A sciencia fornece a Galileu as provas do *heliocentrismo*, que é hoje verdade irrecusavel, e a religião adstricta á velha versão biblica, persiste na theoria geocentrica, que é um erro. A sciencia dá á grande alma do famoso sabio de Pisa a gloriosa energia para morrer exclamando: «*e pur si muove!*», e a religião fornece á egreja a triste coragem de mandar perseguir e matar Galileu.

É inegavel este antagonismo, e, á primeira vista, salta aos olhos de quem estiver despreoccupado de preconceitos e illusões, que são inconciliaveis tão contradictorios elementos. No entanto essa conciliação impossivel tem sido baldadamente intentada por muitos, e estas tentativas, aliás infructiferas, são vivamente abraçadas por todos aquelles que, sem forças para se arrancarem ás crenças religiosas que lhes incutiram no animo infantil, têm o espirito bastante esclarecido para não poderem negar a inelludivel evidencia, com que se impõem as modernas descobertas scientificas a todas as intelligencias, não de todo obscurecidas por uma ignorancia absoluta ou transviadas por uma educação defeituosa.

No momento historico, em que nos achamos, que é inegavelmente de lucta e de transição, em que a mentalidade collectiva começa a soffrer uma transformação radical, em que as illusões do mysticismo e os devaneios metaphysicos vão cedendo, passo a passo, aos conhecimentos positivos e precisos, derivados do exame experimental e concreto da natureza e da sociedade; n'este periodo de decadencia d'um certo estado intellectual e social e da elaboração d'um outro mais perfeito e mais harmonico com as necessidades e circumstancias actuaes, este antagonismo entre as antigas crenças e as modernas verdades scientificas toma novo relevo, e a lucta que d'aqui deriva alcança o maximo da sua impetuosidade.

D'um lado o passado, congregando n'um esforço supremo todas as forças dos seus fieis legionarios, emprega todo o prestigio e toda a valia que lhe restam para manter o seu dominio. Do outro lado, o futuro, sereno e conscio de seu inevitavel triumpho, approxima-se constantemente de nós e vai-se de todo assenhoreando do campo, que dentro em pouco lhe ha de pertencer exclusivamente. E entre estes dous elementos, entre os dedicados defensores do que foi, e os apóstolos entusiastas do que ha de ser, *oscillam* muitos espiritos debeis, *vacillam* muitas consciencias timidas, hesitam muitas vontades indecisas.

## II

N'estas circumstancias uma das luctadoras mais acerrimas e mais indefessas a favor do passado tem sido a egreja catholica.

Não é hoje permittido a ninguem, medianamente versado nos modernos trabalhos historicos, o imitar os philosophos do seculo XVIII, que, por uma natural reacção, negavam ou pretendiam deprimir a acção civilisadora da religião christã n'um dado monumento historico, desconhecendo a sua profunda influencia na transformação do mundo antigo para o mundo moderno, e chegando até a lamentar que ella tivesse substituido o paganismo romano (1). Os mais avançados escriptores do seculo passado queriam até tornar o christianismo responsavel por todas as calamidades e soffrimentos que affligiram a humanidade durante o periodo da idade media, que elles se obstinavam erradamente em considerar com uma idade de trevas.

A moderna philosophia, porém, e Augusto Comte á frente d'ella (2), prestaram a devida homenagem aos serviços feitos pela religião e pela egreja, e Comte consagra-lhe até algumas das mais bellas e eloquentes paginas da sua grande obra. No seu bello livro—*Etudes sur les Barbares et le moyen age*—Emilio Littré caracteriza admiravelmente o papel do elemento christão na transformação social operada pela queda do imperio romano e pela invasão dos barbaros.

A philosophia positiva ensina-nos a respeitar o passado, a ver n'elle as diversas phases da evolução social, mas ensina-nos tambem que esta evolução é constante, que não são possiveis os retrocessos, e que, ainda que haja successos e crises que parecem alterar essa linha evolutiva, traçada pelo caminhar da humanidade atravez da historia e das edades, esses successos e essas crises não modificam a curva geral d'aquella linha evolutiva. Diz Littré, no livro citado (3), que essas dores e essas miserias representam na vida social o mesmo que as molestias e os soffrimentos na vida do individuo. Quanto mais complexa é uma ordem natural, mais está ella sujeita a perturbações; e como não ha nada mais complexo do que a vida dos animaes e das sociedades nada ha mais propenso a estas enfermidades.

Não se nega, pois, á egreja o seu papel importantissimo na historia. Não se contesta ao espirito christão a sua profunda e salutar influencia na transformação medieval. Mas contesta-se, mas nega-se a essa egreja e a esse espirito a pretensão de se não transformarem e de quererem perpetuar o seu dominio no mundo, escudados com a immutabilidade dos seus dogmas, com a infallibilidade dos seus pontifices e com auctoridade dos seus precedentes.

Foram estas pretensões que talharam a mortalha do catholicismo que hoje ahi agonisa, nas vascas da morte. Foram estas pretensões que

(1) Corrêa Barata—*O Seculo*—2.ª serie, n.º 5 e 6—Fevereiro de 1878.

(2) *Cours de Philosophie Positive*—tom. IV.

(3) Loc. cit., Introduction, pag. XXXI.

levaram inconsideradamente a igreja a substituir o primitivo espirito christão pelo espirito catholico, bem outro e bem diverso d'aquelle (1). Foram estas pretensões que levaram a igreja a levantar os innumerados conflictos com a sciencia e com a liberdade, que assignalam tristemente a sua ingloria vida de ha seculos, porque desde o seculo VII a igreja perdeu o caracter christão. Foram estas pretensões que levaram a igreja a escrever com a sua mão sinistra e desvairada no livro negro do Santo Officio a miseravel historia das mais infames perseguições a tantos martyres da sciencia e da liberdade. Foram estas pretensões que levaram a igreja a seguir o espirito auctoritario e theologico, que a torna incompativel com a liberdade moral, com a independencia scientifica, com a autonomia individual, e com toda a philosophia, que é natural adversaria da theologia.

Desde este momento a igreja lavrou a sua sentença de morte, e começou a ser um obstaculo á marcha regular e normal da civilisação e do progresso, marcha que ella não tem podido evitar, porque ella é fatal e necessaria, mas que tem retardado e abrochado de mil estorvos penosos e lamentaveis. Draper, o eminente professor da Universidade de New-York accentúa este papel anti-civilisador da igreja, n'um seu livro muito notavel (2), e termina por declarar que a igreja para triumphar tinha estabelecido a seguinte maxima que tratava de impôr ao mundo: «a ignorancia é a mãe da piedade (3)».

### III

Não é exagerada a affirmação do sabio professor americano. A igreja tem tido o bom juizo de patentear pelos seus actos que similhante asserção, formulada pelos seus inimigos, é simplesmente a expressão da verdade.

N'este seculo, então, o proceder do catholicismo, representado pelo seu chefe, o pontifice, e pela curia romana, tem sido d'uma tão allucinada insensatez, que só se explica pelo desvario produzido pela aproximação da morte inevitavel. Os seus actos lembram os esforços desesperados do naufrago, que se vê abandonado de todo o recurso, e de todos os lados atacado pelas ondas, que o vão submergir.

Os dogmas da immaculada Conceição e da infallibilidade pontificia, a celebre encyclica, e o syllabus, que o Papa arremessou ás faces do mundo em 8 de dezembro de 1864, e as decisões do concilio que se abriu em 8 de dezembro de 1869 e se fechou nos fins de julho de 1870, são outros tantos desafios á civilisação e á sciencia, mas tão

(1) Corrêa Barata, liv. cit.

(2) *Les conflicts de la Science et de la Religion*, pag. 184 e segg.

(3) Obr. cit., pag. 235.

estolidos são elles, tão absurdos e tão risíveis, que mais parecem outras tantas enxadadas que a igreja quiz dar na grande cova que ha receber o seu cadaver, que apenas um resto de fanatismo estúpido galvanisa ainda, emprestando-lhe uma vida ficticia, um simulacro d'existencia real.

Hartmann assevera em mais d'uma passagem do seu livro — *La Religion de l'Avenir* (1)—que o catholicismo é mais do que nenhuma outra religião adversa á sciencia e hostile a toda a cultura. Como a affirmação de Draper, esta do notavel philosopho allemão, tem a prova mais irrecusavel nos documentos emanados da igreja durante este seculo.

Assim se lê no *Syllabus*, entre a enumeração do que a igreja reputa erros do seculo, na parte que se inscreve — *Errores qui ad liberalismum hodiernum referuntur* — (erros que se referem ao liberalismo moderno) o seguinte:

«*LXXX Romanus Pontifex potest ac debet cum progressu, cum liberalismo et cum recenti civilitate sese reconciliare et componere* (2)».

O que significa que a igreja reputa um erro «que o pontifice romano possa e deva conciliar-se e transigir com o progresso, o liberalismo e a civilização moderna».

Querem guerra mais aberta e declarada? Querem antagonismo mais frisante e evidente? Querem incompatibilidade mais absoluta e formal?

Não ha de ser facil encontral-a, e quem a declara é a igreja. Tiraremos d'este facto as suas naturaes e legitimas consequencias.

(*Continúa*).

CARLOS LOBO D'AVILA.

## MADRE PAULA

Na cella côm de fogo, a mystica sultana  
—Madre Paula—dormita em flaccida ottomana.

Um Christo de marfim, na sua cruz lavrada  
parece contemplar-lhe a face desbotada.

E a Virgem lacrymosa, em quadro primoroso,  
desvia com tristeza o seu olhar choroso

da peccadora ideal que dorme socegada,  
como a creança dorme o somno da alvorada.

(1) Obr. cit., pag. 12 e 29.

(2) *Syllabus*, na integra, Appendice do volume — *L'Infallibilité Pontificale* par mr. l'Abée Lesmayeux.

Nadam perfumes bons no silencioso ambiente:  
 emanções subtis d'uma volupia ardente.

Da lampada suspensa esbate-se tenuissima  
 a luz que ella accendera a sua Mãe Sanctissima...

E ella sonha, entreabrindo a bocca nacarada,  
 envolvida na luz hostil da madrugada.

Tocava para o côro. A freira então desperta  
 e vae, meia a dormir, hallucinada, incerta,  
 aspergir d'agua benta o rosto encantador,  
 como o rócio orvalhando as petalas da flor...

Disseram-lhe que Deus, Cordeiro Immaculado,  
 recompensa e perdôa os crimes e o peccado,

quando se resa e chora em dura penitencia:  
 —Magdalena morreu, coberta de clemencia!—

E, quando ia a sahir, para cantar matinas,  
 á Virgem supplicou, nas preces matutinas,

que fizesse arraigar no amante estremecido  
 o amor que lhe retalha o coração dorido...

Abriu-se de repente o largo reposteiro,  
 mostrando-lhe o perfil d'esbelto cavalleiro.

Correu-lhe pelo corpo um lubrico veneno...  
 —Entrava D. João V affavel e sereno.—

Coimbra.

A. PAÇÔ-VIEIRA.

## BIBLIOGRAPHIA

## IV

**ELEMENTOS DE ANTHROPOLOGIA**, por J. P. Oliveira Martins—2.<sup>a</sup> edição—Bibliotheca das Sciencias Sociaes

É um pequeno livro e um trabalho de subido valor, prognostico facil a todos os que, havendo percorrido as obras da Bibliotheta das Sciencias Sociaes, tiveram ensejo de reconhecer e admirar a forte individualidade do sr. O. Martins, e ahi aprenderam a respeitar o nome do austero e assiduo trabalhador.

Tendo de occupar-nos por alguns instantes d'este livro, se por um lado com vivo prazer podemos, da nossa obscuridade, exprimir o respeito que nos merece o nome que o firma, tambem por outra parte—francamente o declaramos, perante esse nome não é sem hesitar que emittimos opinião e produzimos as impressões proprias.

Colligindo documentos fornecidos pelas modernas descubertas biologicas, archeologicas e ethnologicas, o auctor expõe a largos traços o que o homem tem podido aprender, o que a sciencia moderna lhe tem revelado sobre o debatido problema da sua origem, e descortina os seus primeiros passos nas trevas de um passado remotissimo.

Tal é o plano dos *Elementos de Antropologia*, que o sr. O. Martins nos apresenta, como prologo d'essa obra, onde expõe o systema das leis do organismo social porque «sem uma previa definição da natureza do individuo componente da sociedade, a obra inteira seria uma empresa vã».

Não se dirige o auctor aos homens da sciencia, dedica o seu livro á maioria, aos estranhos ou pouco ao corrente dos grandes problemas e interessantes questões, que lá fóra agitam a opinião do mundo scientifico, e que publicações da natureza d'esta têm posto ao alcance de todos; é um livro de vulgarisação, emfim, e livros d'esta natureza, quando conscienciosamente feitos prestam sempre um bom serviço.

O auctor divide o seu trabalho em cinco partes e, começando na primeira—A CREAÇÃO—pelas noções indispensaveis de geologia, esboça a largos traços as primeiras edades da terra.

Depois, fallando-nos das fórmas animaes superiores do periodo terciario, em que a vida attingiu na terra toda a sua plenitude, descreve-nos os typos anthropoides e resume com lucida nitidez os documentos abonadores da hypothese transformista.

Nas ultimas partes do livro, onde ha paginas verdadeiramente bellas, e quadros primorosos, prosegue a historia d'esse «bruto e mudo animal que a principio com as garras e as presas, afinal com armas defenia o tecto e a comida pendente das arvores: depois inventara a falla, depois a cidade e as leis».

Esta série de capitulos, vivamente coloridos por um estylo elegante,

formam uma leitura agradável, e que interessa do principio ao fim, ainda mesmo para quem não adopta sempre o ponto de vista philosophico do auctor.

E referindo-nos á execução litteraria é porque não a julgamos coisa indifferente em uma obra de vulgarisação, em que é essencial prender o leitor não raras vezes pouco disposto a soffrer a exposição ordinariamente austera das obras scientificas.

Uma reflexão fazemos, com franqueza. Notamos, e em mais de um logar, que o sr. O. Martins, registrando por um lado cuidadosamente os factos, os dados positivos, sente-se todavia inclinado a collocar de preferencia o seu ponto de vista dentro da área da philosophia especulativa.

Por exemplo, diz a pag. 61 do seu livro: — «Houve, não houve fórmas intermediarias entre as fórmas conhecidas dos anthropoides e dos homens? Questão decerto eminente para o naturalista, quasi indifferente para nós. Desde que o pensamento humano repelle por inconcebivel a idéa de uma creação simultanea de typos immutaveis, por força nos antecedentes ha de ir buscar a origem dos consequentes, quaesquer que sejam as lacunas, os hiatos, as distancias que, ou a natureza galgou de improviso, ou a nossa incipiente sciencia não pôde preencher ainda».

O sr. O. Martins estabelece o dilemma: ou creação ou evolução organica progressiva. Repellido o primeiro termo julgar-nos-hemos por isso obrigados a adoptar o segundo, e, como se fôra facto bem averiguado, incluiu-o no nosso credo scientifico? Seria necessario confundir a concepção subjectiva, a hypothese, com a experiencia.

E, se existem esses hiatos, essas lacunas,—como poderemos cheios de firme confiança transpol-os, aplanando o caminho com simples analogias, e dar á doutrina transformista os fóros de conquista da sciencia, e não a deixando antes prudentemente no campo das hypotheses?

Fallando d'esta maneira de formular as questões, Littré diz que a philosophia que se abstem da solução «dá ao espirito todas as garantias desejaveis sem lhe impôr a necessidade de tomar uma hypothese por um facto». E por isso preferiríamos nós reconhecer no livro do sr. O. Martins a salutar direcção d'essa philosophia.

Terminando estas nossas ligeiras reflexões, repetiremos ainda que se no livro ha opiniões das quaes nos permittimos divergir, nem por isso deixamos de o admirar, e de reconhecer nelle, mais uma vez, as poderosas faculdades do sr. O. Martins.

A segunda edição vem augmentada de interessantes informações sobre o congresso anthropologico ultimamente reunido em Lisboa.

LUIZ WOODHOUSE.

## V

PORTUGAL CONTEMPORANEO, por J. P. Oliveira  
Martins—2 v. Livraria Bertrand, 1881.

Não dispomos do tempo e do espaço necessarios para fallarmos detidamente do novo livro do sr. Oliveira Martins. Porisso as poucas linhas que se vão ler devem ser apenas consideradas como um agradecimento da *Revista* ao auctor do *Portugal Contemporaneo* pela delicada offerta do seu livro, e como um testemunho de admiração do signatario d'esta noticia pelo grande talento do notavel historiador.

O *Portugal Contemporaneo* é d'aquelles livros, que para serem seriamente criticados, exigem uma leitura cuidadosa e reflectida. Não é uma obra vulgar sobre a qual a critica passe ligeiramente, dizendo duas banalidades consagradas. Ora presentemente falta-nos o tempo para relêrmos o *Portugal Contemporaneo* com toda a escrupulosa attenção, que merece á critica uma obra de tamanha importancia e de tão grande vulto.

Porisso limitamo-nos a expôr a primeira impressão de uma leitura rapida, feita irregularmente entre preocupações e trabalhos diversos.

O *Portugal Contemporaneo* é pelo seu assumpto um livro difficilississimo. Ainda vivos muitos dos actores da scena historica que o sr. Oliveira Martins aprecia, eram precisas muita coragem e muita independencia para se julgar desassombradamente homens e factos. Este cunho de coragem e de opinião propria é uma das mais brilhantes qualidades do livro.

Como historia, o *Portugal Contemporaneo* resente-se de uma incon-tinuidade de factos, que é, comtudo, um resultado do methodo extremamente synthetico que o sr. Oliveira Martins usa nos seus trabalhos historicos. Por isso ás vezes a critica acha-se escravizada pelo juizo do historiador que só aponta os factos comprovativos da sua opinião. Ha n'isto talvez um pequeno exaggero do methodo *á priori*, que, em historia, perturba quasi sempre a apreciação livre dos successos.

A parte constructiva do livro é uma interrogação sómente. Talvez que o sr. Oliveira Martins a desenvolva mais tarde em outra obra, em que o distincto escriptor affirme com mais clareza as suas opiniões pessoases sobre a verdadeira marcha politica da nação. Fica-se desolado no final, porque o sr. Oliveira Martins fecha a porta a todas as soluções que ora se debatem como escholas de politica. Verdade é que a sua opinião sobre os partidos militantes tem, infelizmente, muito de verdade, e que o seu *pessimismo* é mais justificavel do que muita gente credula suppõe.

Como obra critica o *Portugal Contemporaneo* é uma obra de pulso, um vigoroso trabalho de demolição, que põe em terra muitas len-

das quasi geralmente acciteas. Uma das primeiras necessidades de quem quer fazer historia é desfazer a lenda, primeiro. Este preceito de Quinet comprehendeu-o admiravelmente o sr. Oliveira Martins. Não o prenderam considerações de ordem alguma: diz com firmeza e sinceridade o que pensa ácerca dos homens e das cousas—quer tenha de condemnar as traficancias sordidas, quer tenha de engrandecer os actos de generosidade e de valor. A implantação do regimen constitucional entre nós é posta alli a nú, sem as exaggerações de heroismo e de epopêa de que a cercava um pretendido amor da patria balofo, que não passava por fim d'um simples orgulho de familia politica. A lenda do Exercito Libertador, do *liberalismo* da nação, provavelmente fanatica e absolutista, desfaz-se deante de uma critica fria, que dá justiça a todos, sem *parti-pris*. Vê-se que a politica portugueza é desde então para cá uma politica artificial, feita por dous grupos que tiveram os seus partidarios sinceramente illudidos, e que hoje apenas têm partidarios sinceramente... interessados... Os grandes vultos são destacados com relevo na trama d'essa scena politica. Ha homens estudados com amor: por exemplo Passos e Herculano. Algumas paginas são repasadas d'aquelle mesmo poderoso sentimento, d'aquelle enthusiastica poesia atravez do qual o sr. Oliveira Martins viu na *Historia da Civilisação Iberica* e na *Historia de Portugal* os vultos de Nuno Alvaes, dos infantes D. Pedro e D. Henrique, de Camões, de Affonso de Albuquerque, de D. João de Castro, de D. Sebastião, e de todos aquelles em cuja alma, o seu espirito de poeta percebe algum lado heroico e generoso.

Que a obra tenha defeitos, incorrecções, inexactidões nada d'isso nos admira n'um trabalho d'esta ordem. Que quem tiver vagar e saber os corrija.

Para nós este livro representa mais uma affirmação brilhantissima de um talento elevado e independente, d'um estudo pertinaz e continuo que todos os annos enriquece a nossa livraria com trabalhos de superior importancia. A esse talento, pois, enviamos os protestos da nossa admiração, pedindo-lhe que nos releve o atrevimento de emittir sobre a sua ultima obra um parecer tão ligeiro e de penna tão pouco auctorizada.

LUIZ DE MAGALHÃES.



# LUIZ DE MAGALHÃES

## PRIMEIROS VERSOS

1 volume impresso em typo Renascença e Elzevir sobre papel de luxo, na Imprensa Portugueza.

Á venda nas principaes livrarias de *Lisboa, Porto e Coimbra.*

Preço. . . . . 500 réis.

---

## REVISTA SCIENTIFICA E LITTERARIA

PUBLICAÇÃO MENSAL DE LITTERATURA E SCIENCIA

COIMBRA

Publica-se ás séries de 6 numeros.

Preço de cada numero. . . . . 100 réis.

Pagam-se adiantados tres numeros, á distribuição do 1.º e do 4.º de cada série.

Toda a pessoa de Coimbra ou da provincia, que enviar em estampilhas o valor de um numero, receberá logo o numero requisitado.

Enviando o valor de uma série será considerado como assignante e receberá a *Revista* mensalmente.

---

